

UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SANTOS

Programa de Pós-Graduação em Educação

ARMINDA TEREZA DOS SANTOS COSTA

JORNAL ESCOLA E COMUNIDADE - A TRIBUNA,

TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA.

(1992-2008)

SANTOS

2014

Arminda Tereza dos Santos Costa

**JORNAL ESCOLA E COMUNIDADE – A TRIBUNA,
TRAJETÓRIA DE UMA EDUCADORA.**

(1992-2008)

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação, na Universidade Católica de Santos, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre, sob a orientação da Prof.^a Dra. Maria Aparecida Franco Pereira.

SANTOS

2014

Dados Internacionais de Catalogação
Sistema de Bibliotecas da Universidade Católica de Santos
SibiU

C837j COSTA, Arminda Tereza dos Santos

Jornal Escola e Comunidade : A Tribuna, trajetória de uma educadora. (1992-2008). / Arminda Tereza dos Santos Costa; orientador Prof.^a Doutora Maria Aparecida Franco Pereira. – Santos: [s.n.] 2014.

176 f.; (Dissertação de Mestrado) - Universidade Católica de Santos, Programa de Mestrado em Educação.

1. Jornal escola comunidade, de Santos. 2 Leitura e educação não escolar. 3. Educadora Silvia Costa. I. Pereira, Maria Aparecida Franco. II. Universidade Católica de Santos. III. Jornal Escola e Comunidade : A Tribuna, trajetória de uma educadora. (1992-2008).

CDU MON 37(043.3)

Esta pesquisa contou com o apoio financeiro da Universidade Católica de Santos (Unisantos).

Autorizo, exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação por processos fotocopiados ou eletrônicos.

Santos, ____/____/2014

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

O trajeto até aqui foi um dos mais árduos da minha vida, posso afirmar com todo amor do meu coração. Passei por momentos tão difíceis e inesperados. Mas cheguei, cheguei até aqui viva e forte, contando com a ajuda de seres humanos fantásticos e inesquecíveis para minha alma e existência.

Primeiramente quero, ajoelhada, agradecer aos céus e todo seu reino e chefia, por nunca terem desistido de mim, de nunca terem me abandonado!

E foi num desses dias em que tudo parecia tão negro, tão difícil que cheguei à conclusão: Vou desistir do Mestrado! Dirigi-me à secretaria do Campus da Unisantos e havia um rapaz que chamava Carlos (se não me engano!) e quando fui dizer a ele: Vou desistir, antes que abrisse a boca, ele me abordou educadamente e disse: Olha! Professora Arminda... chegou sua senha! Ele me deu um número, olhei para o mesmo e, quase incrédula, perguntei: Você pegou do meu cadastro estes números? E ele respondeu: Não! O sistema é que gera. E o número era exatamente do aniversário de meu filho, 13.04.04. Chorei, voltei para sala de aula e abracei o desafio com todo ardor de minha existência. Até porque a mensagem era codificada para mim, só para mim, só faltou a assinatura: Deus. Mas Carlos era Deus em ação!

E ainda quero ajoelhar-me frente ao Criador, agradecer esta anja enviada dos céus, esta orientadora, que não orientou apenas meu trabalho e dissertação, mas orientou-me em momentos em que minha mãe me fez muita falta, e lá estava ela. Lembrando-me como minha mãe me lembraria: As coisas vão melhorar! Quantas vezes chorei com ela, e ela por mim... Até em terras lusitanas, pude contar com sua companhia, uma incansável educadora.

Desde a entrevista para entrar no curso de Mestrado, lá estava ela, Cida Franco, que me olhava com tanto amor, tanta bondade, e quando a outra entrevistadora (que não recordo o nome) dizia, você não vai conseguir, minha orientadora abria um sorriso e dizia, ela vai sim, ela tem as madrugadas. Naquele momento o que mais eu precisava era deste amor, para iniciar e realizar toda a trajetória. Alguém que acreditasse em mim... Obrigada Cida Franco. Você foi muito maravilhosa, muito preciosa, você foi o amor em manifestação!

Ao meu marido, como suportou a mim e minhas angústias, minhas indagações e todas as construções, demolições, reconstruções de meu ser, o quanto ficou com nosso filho e o atendeu inclusive quando ele chamava por mim... Não era por ele. Segurou uma grande barra e correu comigo sempre atrás de um novo livro, uma nova entrevista, ou vindo mais cedo para ficar com o João. Foi meu cúmplice, coautor desta pesquisa, contava tudo para ele e ele só perguntava quando é mesmo a apresentação? Quando poderemos contar com você de volta? Está no finalzinho, quase acabando, te sou muito grata.

Ao meu filho amado, João Victor dos Santos Costa que vinha por várias vezes me chamar: Mamãe vamos dormir? E eu dizia: Já vou meu amor, e quando conseguia me deitar – bem... ele já tinha fechado os olhinhos e apagado há um bom tempo. Sem mim...

Meu pai, Amador Brasio dos Santos, que em suas exigências de leitura, ou até mesmo quando lia prá nós, lembro perfeitamente do livro: Hei de Vencer, e foi essa magnitude que colocou em minha vida de forma brilhante, essa batalha, esse espírito guerreiro. Não entendia aquela insistência para com a leitura e o estudar, mas hoje faz toda diferença na minha vida e devo agradecer muito.

A minha mãe que está na Luz de Deus, obrigada por cuidar de mim, zelar por mim e sempre alimentar minha alma, meu ser. E trazer sempre a esperança para minha vida, meu dia a dia. Com um simples, “daqui a pouco é sábado e você descansa”...

Esta trajetória só iniciou ironicamente – porque A Tribuna assim o autorizou, minhas chefias diretas, Sra. Renata Santini e o Sr. Marcio Delfim, foram extremamente bondosos, e aceitaram ficar sem minha presença num ambiente profissional, por algumas horas, dias, aceitaram que pudesse viver o sonho de adquirir o título de Mestre. E o que dizer dos que me deram cobertura, foram muitos, mas citaria minha ex-equipe: Eder Blanco, Larissa Duarte e Samira Gotti. Tão valentes, vibravam comigo a cada vitória e semestres concluídos. E foram tão importantes... A vocês o meu muito, muito obrigada!

A Unisantos, casa que me trouxe a luz dos ensinamentos como publicitária, que me abraça hoje como profissional, como professora, e me concede a bolsa de estudos para que enfim eu possa alcançar esta maravilhosa meta. Sem vocês eu não teria

alcançado. Agradeço à reitoria na pessoa do Sr. Medina, a diretoria do Sr.Chain (ex diretor do curso que fez o processo ser tramitado).

A Claudia Oliveira Soares Rodrigues, minha comadre, minha amiga, minha irmã que me deu uma força absurda em todo percurso. E sempre com muito amor, muita atenção, muita seriedade, uma alma iluminada e tão humana.

Marli Souza, que muito carinhosamente foi imprescindível para minha chegada até aqui. Deus não nos colocou no caminho uma da outra por acaso. E ainda mais nesta reta final.

Sou muito grata, àqueles que pararam suas vidas loucas para responder minhas perguntas, atender minhas entrevistas pessoais. E pessoas tão importantes com vidas tão atribuladas, muito obrigada, suas presenças e depoimentos foram muito importantes.

E por último e não tão menos importante, agradeço humildemente aquela que me deu a oportunidade de entrar no seu mundo, vasculhar suas lembranças, conversar com seus pares de trabalho, e entrar numa energia tão boa, tão do bem, tão humana e brilhante... Repleta de tanta luz! Esta é Silvia Costa, uma grande mestra, grande educadora em minha vida, que trouxe a digna possibilidade de fazer com que mais pessoas possam saber de sua existência, de sua vibrante contribuição ao planeta, ao Brasil e a nossa tão linda Santos e cidades vizinhas. E ao mundo dos educadores sem fronteiras.

Essa guaxupeana que me possibilitou ter um enorme prazer em pesquisá-la.

E por fim faria tudo de novo, porque descobri ao fim dessa importante graduação, que a parte mais importante não é a chegada, é o caminho, é o caminhar... é o construir...

Ó Deus como és maravilhoso!

Deus em mim é!

Arminda Tereza dos Santos Costa

COSTA, Arminda Tereza dos Santos. **Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna, trajetória de uma educadora. (1992-2008)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos, SP.

RESUMO

Esta dissertação teve como principal busca descrever a trajetória de uma educadora: Silvia Costa, na gestão de um programa de jornal na educação. E apresentar o quanto significativa foi sua contribuição para a educação não só da baixada santista, mas do Brasil como um todo. Há um sobrevoo sobre a história da empresa: A Tribuna de Santos que implantou o programa em sua relação com a comunidade local, ressaltando a importância da leitura, do instrumento jornal na educação. Destas ferramentas como forma de educação não escolar e não formal. E os propósitos dos programas de jornal na educação, para chegar à análise da gestão desta educadora, no Programa Jornal Escola e Comunidade do Jornal A Tribuna de Santos. A metodologia utilizada foi a histórica através de fontes documentais dos jornais, do acervo pessoal de Silvia Costa e da utilização de entrevistas, trazendo as falas dos parceiros que foram peças importantes desta gestão e que puderam cancelar o trabalho conjunto desta gestora. Conclui-se que o Programa: Jornal Escola e Comunidade auxilia pela coordenação de Silvia Costa sobremaneira o trabalho de professores que a ele aderiram e também os jornalistas envolvidos.

Palavras chaves: Jornal Escola Comunidade, de Santos. Leitura e Educação Não Escolar. Educadora Silvia Costa.

COSTA, Arminda Tereza dos Santos. **Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna, trajetória de uma educadora. (1992-2008).** (25, Abril) 2014. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Santos, SP.

ABSTRACT

This work was mainly seeks to describe the trajectory of an educator: Silvia Costa, managing a program on education newspaper. And present as significant was his contribution to education not only of the Santos region, but in Brazil as a whole. There is a flyover on the company's history: The Tribuna de Santos, who implemented the program in their relationship with the local community, we emphasize the importance of reading, the instrument newspaper in education. These tools as a means of non-formal and informal education. And the purpose of the newspaper in education programs, to get to analyze their management educator at the School Journal Community Program and the Journal Tribuna de Santos. The methodology was based on historical documentary sources through the newspapers, the personal collection of Silvia Costa and use of interviews, bringing the speeches of partners that were important parts of this administration and that could to seal the whole of this work manager. It is concluded that the Program: Community College Journal and assists the coordination of Silvia Costa greatly the work of teachers acceded to it and also the journalists involved .

Keywords: Community College Journal of Santos. Reading and Education Not School. Educator Silvia Costa.

LISTA DE FIGURAS

Capa: Silvia Costa premiada pelo Lions Clube	
Figura 1 - Capas de jornais brasileiros	39
Figura 2 - Tira de Quadrinhos Infantis de Peanuts. Ilustração.....	45
Figura 3- Folder Institucional do Programa com orientações gerais.....	46
Figura 4: Variadas capas do Jornal Escola em seus 16 anos.	49
Figura 5- Silvia Costa em premiação – PROLER - Universidade Santa Cecília	50
Figura 6 - Carolina Morgado (1ª a esquerda) em reunião em A Tribuna	53
Figura 7 - Silvia Costa em reunião com coordenadores.....	53
Figura 8- Silvia em reunião com escolas	62
Figura 9 - Reunião realizada no Salão Paulo Clemente Santini em A Tribuna, .	63
Figura 10: Bônus Assinatura.....	64
Figura 11: Material pedagógico para as oficinas de Poesia.	65
Figura 12: Oficina de poesia com professores a partir de notícias de jornal.	66
Figura 13 – Atividade escolar com jornal.....	67
Figura 14- Atividade escolar com jornal	67
Figura 15– Silvia Costa em atuação no JEC	68
Figura 16 – Professores participando do JEC em A Tribuna.....	69
Figura 17–Reunião com coordenadores de escolas.....	71
Figura 18 - Costa em reunião com coordenadores	71
Figura 19– <i>hotsite</i> Jornal Escola A Tribuna 2014.....	72
Figura 20 –Coluna Jornal Escola publicada em A Tribuna (12/11/2007)	73
Figura 21 –Coluna Jornal Escola publicada em A Tribuna (2/7/2007).....	74
Figura 22: Coluna Jornal Escola e Comunidade em A Tribuna, (02/7/2012).....	75
Figura 23 - Suplemento Especial 10 anos - Capa.....	76

Figura 24 - Suplemento editado em 2.12.2002 A Tribuna – Página Central.....	76
Figura 25 - José Pacheco e Silvia Costa – Coimbra/Portugal Gravação do DVD (2006).....	76
Figura 26 - V ENCOM Anual, programa palestra de Silvia Costa e de Peilton Sena.....	86
Figura 27 – Notícia presença do Secretário de educação Gabriel Chalita, (dez/2012) 10 anos Jornal Escola	87
Figura 28- 13ª Expo.....	88
Figura 29 - Organizadores do evento com a coordenadora do JE – (Silvia Costa ao centro de óculos).	89
Figura 30 - Projeto A Gazeta na Sala de Aula, desenvolvido pelo jornal A Gazeta (ES), um dos programas que pertencem ao Jornal e Educação/ANJ.	89
Figura 31 - Projeto Vamos Ler - Jornal da Manhã. Ponta Grossa – Paraná, um dos programas que pertencem ao Jornal e Educação / ANJ.....	90
Figura 32 - Projeto Vamos Ler - Jornal da Manhã. Ponta Grossa – Paraná, um dos programas que pertencem ao Jornal e Educação / ANJ.....	90
Figura 33 - Programa NH, do Jornal Nova Hamburgo.....	91
Figura 34: Visita da Escola Estadual João de Abreu, de Baraúna, ao jornal Gazeta do Oeste, 15.06.2007.....	91
Figura 35- Visita da Escola Estadual João de Abreu, de Baraúna, ao jornal Gazeta do Oeste, 15.06.2007.....	91
Figura 36 - Painel Coluna Cais & Cia	98
Figura 37- Capas de projetos	100
Figura 38- Capas de projetos	100
Figura 39 - Capas de projetos.....	101
Figura 40- Capas de projetos	101
Figura 41- Capa de projeto realizado pelo PJEC	102
Figura 42- Silvia Costa na infância.	104

Figura 43 - Participação de S.Costa em congresso	119
Figura 44 - Primeiro material pedagógico	124
Figura 45- Apresentação do programa em encontros de Associações de Jornais do Interior – ADJORI	126
Figura 46 - Miguel Gobbi	126
Figura 47– Participação em Oficinas.....	128

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Formas de Acesso ao jornal, Brasil.....	26
Quadro 2– Programas por localidade	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Instituições Participantes por cidade no Programa.	79
Tabela 2 - Tabela escolas separadas por cidade/segmento	80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPITULO I - A IMPORTÂNCIA DO JORNAL NO ENSINO:	22
1.1 O Jornal como meio de formação e informação	22
1.1.1 De produto de formação e informação a instrumento	25
1.1.2 A prática social da leitura – formação do leitor	28
1.2 A educação não-escolar.....	33
1.2.1 Educação num tripé: formal – não formal – informal	33
1.2.2 Utilização do jornal na educação não formal – Programa Jornal Escola e Comunidade	34
1.3 - Programas de jornal na educação. Brasil - ANJ	38
CAPITULO II - O PROGRAMA JORNAL ESCOLA E COMUNIDADE DE A TRIBUNA DE SANTOS NA GESTÃO DE SILVIA COSTA.....	45
2.1 Um programa ícone nacional e duas gestões: Silvia Costa e Carolina Morgado	45
2.2 Propostas do programa	58
2.2.1 Objetivo – missão – público-alvo	60
2.2.2 Como participar	61
2.3 Características do período gestão Silvia Costa	66
2.3.1 Aspectos metodológicos norteadores do Programa.....	68
2.4 Área de atuação.....	77
2.4.1 Abrangência	78
2.4.2 Operacionalização do programa/equipe JEC	81
2.4.3 As dificuldades presentes na gestão	82
2.5 O trabalho com jornal na universidade	85
2.6 O programa e sua visibilidade	86

2.7 Resultados.....	92
2.8 Projetos do programa	94
CAPÍTULO III - A TRAJETÓRIA DE SILVIA COSTA.....	103
3.1 Origem familiar:.....	103
3.2 Formação	107
3.3 Como começou em A Tribuna.....	111
3.4 O programa em sua vida e a relação com os pares.	119
3.5 Na sala de aula - universo da pedagogia.	122
3.6 Assessorias importantes para a disseminação de outras regiões:	125
3.7 Frutos colhidos, o olhar dos sujeitos. na prática dos projetos.	130
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E REFERENCIADA	139
APÊNDICES	150
ANEXO	172
MINI BIOGRAFIA.....	176

INTRODUÇÃO

Esta dissertação focaliza o uso do jornal na educação, como instrumento do desenvolvimento do hábito de ler, observando que alguns programas de jornais se propõem a isso, partindo do princípio de que o jornal, com sua diversidade textual, faz parte do cotidiano do indivíduo, em suas atividades comunicativas e sociais.

Paulo Freire já dizia que é preciso ler o mundo para ler os textos, traduzindo assim este caminho de integração entre um cenário livresco da educação e outro da comunidade, tão externo, mas não menos importante.

É privilegiado, nesta pesquisa, o “Programa Jornal, Escola e Comunidade”, de “A Tribuna” de Santos, por ser um projeto dentro de um jornal regional centenário, que faz com que a leitura seja um processo de interatividade com a Região e o dia a dia desse morador, que lê integrado a esta comunidade.

Como é um projeto muito extenso essa pesquisa centraliza-se na gestão de Silvia Costa, uma pedagoga nascida em Guaxupé que tem seu nome reconhecido e ilustre no assunto: Jornal na Educação. Objetiva-se também em desvendar sua trajetória de vida familiar, intelectual, sua atuação como pedagoga e como figura idealizadora do Programa.

O Jornal Escola e Comunidade concentra sua área de atuação na Baixada Santista e completou 20 anos de vida (2013), possuindo 100 escolas cadastradas, utilizando-se de várias ferramentas de relacionamento com o público: uma coluna semanal, publicada em “A Tribuna”; um ambiente digital e reuniões de coordenação com as escolas participantes. A relevância da pesquisa sobre tal assunto se manifesta na preocupação do Jornal A Tribuna com a dimensão da educação, que aparecia durante todo o século XX em suas páginas, onde eram publicadas as Colunas “Pela Instrução”, utilizadas pelas escolas para seus comunicados e lida por seus interessados. As grandes atividades das escolas e da educação sempre mereceram destaque em suas páginas. Portanto, essa ligação do jornal com a realidade educacional é marcante.

A abordagem dessa importante ferramenta de educação não-formal atinge a educação formal, pois pretende dar elementos para os professores desenvolverem suas atividades escolares.

A percepção que se tem é que o Jornal Escola e Comunidade vem contribuindo para a reciclagem do professor, ou seja, para a consciência dos problemas da contemporaneidade, e também para o uso de novas técnicas e tecnologias. E que a gestão de Silvia Costa trouxe através de depoimentos e materiais coletados um período muito próspero e abundante para o Programa e a educação regional e nacional como um todo.

O interesse pessoal sobre o tema vem da minha convivência, por quase 18 anos, com jornal no segmento de *marketing* e projetos, e a percepção de o quanto este meio impresso auxilia o trabalho educativo. Em diversos momentos, pude conviver com a gestora do Jornal Escola e perceber seu envolvimento. E, nos meus quase 15 anos de docência no ensino superior, constatei junto ao público jovem a falta de interesse pela leitura. Por outro lado, quando provocados, quase sempre manifestavam uma curiosidade por notícias locais.

Acredito que a educação é um dos aspectos de formação do indivíduo e nela reside o crescimento do ser. Através do instrumental jornal impresso, existe a possibilidade, ou melhor, a oportunidade de um processo de abertura, onde uma lente gigantesca de dados externos, históricos ou atuais, podem ser trabalhados e se complementam dentro do entendimento da comunidade onde interage trará um instrumento significativo de formação de cidadãos conscientes e participativos.

O período compreendido para este estudo do Programa Jornal Escola e Comunidade é o da gestão da sua fundadora Silvia Costa, isto é, 1992 a 2008, através da análise de alguns projetos desenvolvidos. São eles: 1998 - Projeto: Eleitor do Futuro e Projeto: Educação Política – 1995 - Projeto: Cultura Marítimo-Portuária e por fim em 1996 - Projeto: Harmonia. Estes citados na tese da Dra. Eliana Nardelli de Camargo, (2006, p.66-87).

O objetivo desta pesquisa é compreender as práticas do “Programa: Jornal, Escola e Comunidade” (JEC) de A Tribuna, dentro da trajetória de vida da gestora do Programa, Silvia Costa dentro do período compreendido de 1992 a 2008, e por fim observar o relacionamento dos sujeitos com o Programa.

Para tal são colocadas algumas questões específicas, orientadoras da pesquisa:

1. O uso do jornal na educação auxilia na leitura? Forma, Informa, como acontece?

2. Como catalogar essa experiência no campo da educação não-formal?

3. Que Programa é esse? Jornal, Escola e Comunidade?

4. Quem é Silvia Costa? Sua trajetória de vida? Como aconteceu sua contribuição em relação à educação da região e do Brasil como um todo, como gestora de um Programa de jornal na educação?

5. Como era Silvia Costa em sua relação com os pares? Os resultados de sua atuação?

A leitura de muitas obras foi importante para a compreensão e abordagem do tema. A primeira autora que trouxe luz a esse caminho dentro da educação não formal foi Maria Montessori em seu livro *Mente Absorvente*, onde comenta que quando o Estado não prover a educação, alguém terá que o fazer.

E no caminhar introdutório Canário (2007) foi um dos que trouxe a grande interrogação, de que algo estava errado com a escola, algo que precisava mudar, e não apenas dar espaço para reclamações, problemas. Seu livro: *A Escola tem Futuro?* traz uma ligação entre a educação fora do esquema da “escola”. Algo novo e também apontava a “crise”, dentro da escola. Através de sua literatura e de Palhares, outro autor lusitano, o entendimento sobre a educação formal e informal foram se compondo, se construindo. As publicações de Canário e Palhares sempre provocam a “escola” sua existência, suas condições ideais de trabalho. E falam da crise que acaba por gerar desinteresse de alunos e professores, destes profissionais que se deixam abater. E Canário faz um contraponto, com muito otimismo – chega a provar que as dificuldades são como ele mesmo afirma: “fonte para a busca de soluções”. “Todas as escolas têm a possibilidade de atingir bons resultados, mesmo partindo de pontos diferentes e adversos. Isso porque elas, como qualquer sistema social, podem se autorregular”.

Autora brasileira reconhecida dentro do tema não formal, Maria da Glória Gohn, no livro “Educação não formal e o educador social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais” clareia mais o assunto, declarando que o mundo como um todo mudou. E, inevitavelmente, as mudanças atingem as escolas e por consequência o trabalho dos professores, com relação à informação e o conhecimento. Fazendo com que sejam obrigados a rever seus papeis, seus desempenhos dentro dessas novas realidades, e acaba por trazer novas exigências educacionais, um verdadeiro repensar.

A obra “Jornal na Educação – Considerações Pedagógicas e Operacionais” (1997) de Silvia Costa mostra a sua experiência na organização e participação do Programa Jornal Escola e Comunidade os seus objetivos, as suas possibilidades educacionais principalmente através das práticas de atividades em sala de aula, na formação do hábito de leitura e subsídios para a atuação do professor. Complementando o como fazer diferente, utilizando assim o jornal dentro do ambiente escolar. E abrindo assim as portas para um mundo novo, mudado. Apresentando inclusive uma série de formas e dinâmicas para a utilização criativa do produto jornal, com a *expertise* de quem viveu e vivenciou tudo que apresenta.

A tese de doutorado de Eliana Nardelli Camargo (2006), “Formação de Professores no Programa Jornal, Escola e Comunidade”, traz seu olhar sobre o Programa em estudo e sua aplicação. Sobretudo os capítulos: I e II foram mais importantes porque trouxeram o jornal em sala de aula e também o Programa objeto desta dissertação. Em sua tese de mestrado, ela escreve sobre dois programas que utilizam o jornal na educação e pôde, nas duas pesquisas, olhar com profundidade para os programas de jornal na educação, sendo que um já era o foco de seu futuro doutorado. Em uma de suas conclusões finais deste doutorado, afirma que o PJEC pode sim ser considerado um programa de formação de professores. Num mundo que mudou e que necessita de um professor dentro de uma educação continuada, “plugada” neste novo mundo, dentro de uma verdadeira “imersão na realidade”, como coloca a autora. Em seu trabalho nas considerações finais, afirma que os professores concordam que existem contribuições significativas com o trabalho desempenhado pelo docente junto ao Programa e que este possui qualidades que lhe conferem a possibilidade de ser observado como um programa de formação.

Outros dois trabalhos significativos para a construção desta dissertação, que pesquisaram o PJEC, um deles foi de Arylce Cardoso Tomaz (Mestrado/2003), que incluiu a experiência do JEC e trouxe à tona a discussão “que os alunos de Jornalismo não leem”. Esta pauta entrou de forma polêmica em um evento da ANJ – Associação Nacional de Jornais. E o outro foi de Batan (2005) que em seu artigo “Propaganda na Educação: Programa Jornal na Escola” coloca o quanto o meio jornal estava sendo utilizado como base “para melhorar a leitura dos estudantes de uma forma que tornasse a tarefa mais interessante e atualizada, em contraposição ou complemento ao livro

didático” Possibilitando segundo ele “uma abertura dos jovens para a realidade regional e local, que é onde este meio de comunicação exerce o seu predomínio”.

A dissertação de Diniz (Educação/2005) “Jornal na escola - Estratégias de uso para construção da cidadania”, pelo seu insistente reconhecimento do cuidado do olhar crítico que a utilização destes textos jornalísticos deve ter, no processo ensino-aprendizagem. E a consistência de seu estudo onde afirma que estes textos “podem e devem ser utilizados como um recurso auxiliar de aprendizagem” e dentro da formação do leitor, numa interpretação mais rica e crítica da realidade.

A leitura do livro "Ansiedade de Informação: como transformar informação em compreensão" de Richard Saul Wurman, forneceu um foco especial de atenção, que é:

Como transformar informação em compreensão, partindo do princípio de que temos uma mídia de massa, em questão: o jornal, que como veículo de comunicação tem seus interesses. E o professor tem um papel fundamental, num momento onde os alunos têm acesso a uma gama enorme de informação. As mentes que lidam com este instrumento em sala de aula são individuais e com experiências também individuais.

Não existe nenhuma obra sobre a história do programa, muito menos sobre a trajetória da pedagoga Silvia Costa, apenas documentação através das publicações especiais num tablóide anual, além de alguns trabalhos de TCC, Mestrado, Doutorado.

A metodologia utilizada foi a histórica, na medida em que procurou levantar fontes que mostrassem a dimensão temporal do Programa. Muitas publicações que traziam notícias de sua trajetória, viagens, oficinas, assessorias, participações em inúmeros congressos. Nesse sentido foram importantes as colunas publicadas pelo Jornal A Tribuna. A investigação junto à Associação Nacional de Jornais (ANJ) ajudou a mostrar a inserção do Projeto num âmbito nacional. E todos os parceiros que ajudaram a realização deste período de trabalho.

Participações em eventos externos também auxiliaram na construção da investigação, a mais importante, seria a participação em Portugal de um Colóquio Internacional com foco na educação formal e não formal, que acabou trazendo dados novos, experiências vividas por Portugal e Espanha dentro deste contexto. Do fazer diferente, do olhar para a comunidade e aprender com ela, um trabalho - um grande exemplo trazido a este colóquio narrava que o aprendizado de bordado, em determinada aldeia, que se localizava num povoado distante do grande centro urbano se produzia,

aconteciam, através de uma máquina de “xerocar”, porque uma bordadeira deixava a matriz, e outras se apropriavam da matriz nova, para criarem seus novos bordados, e assim cada uma deixava um bordado diferente, e o ponto focal de disseminação do aprendizado era uma pequena máquina de xerox que ficava dentro de uma associação neste pequeno povoado.

E em termos de eventos, ainda, a entrevista com José Pacheco (2013) trouxe um desafio ao trabalho, olhar com olhos desafiadores, inquietos e obstinados a trazer o melhor para a educação como um todo.

A pesquisa de campo foi realizada durante dois semestres finais da pesquisa. As coletas de dados se deram em forma de questionário/qualitativo, realizados em forma de entrevistas pessoais, via eletrônica ou telefone. Nesta investigação foi necessário perceber dos atores, dos sujeitos que construíram o dia a dia do Programa, a gestão compreendida pela pesquisa, e como tudo aconteceu. A escolha pelos entrevistados se deu em conversa com Silvia Costa, alguns indicados por ela, e também profissionais que tiveram vários relacionamentos com o programa, professores, coordenadores pedagógicos, empresários que puderam narrar como era sua atuação na disseminação do programa. Dentro de sua relação com a redação de A Tribuna foram entrevistados, ex-chefes de redação, repórteres, estagiários de A Tribuna. Profissionais que atuaram junto à gestão da educadora. A concepção da estrutura do questionário baseou-se em provocar os atores a lembrarem-se do programa, do que sentiram dar certo, ou não, e lembranças da atuação junto à gestora. Objetivava-se sentir o olhar destes sujeitos.

A dissertação está estruturada em três capítulos:

No primeiro procurou-se evidenciar a importância do Jornal no ensino, a prática da leitura, localizando-o no âmbito da educação-não formal, informal e sua inserção nos programas de jornal na educação que estão incluídos na Associação Nacional de Jornais (ANJ).

Entrando no segundo capítulo inicia-se uma investigação com relação ao Programa: Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna de Santos, descrição do universo de atuação em termos operacionais do Programa, sua origem, público atendido, atuação, propostas de alguns projetos de sucesso, sua visibilidade e o olhar sobre alguns projetos.

O terceiro e último capítulo discorre sobre um olhar mais minucioso na pessoa Silvia Costa, dentro de sua origem, um pouco de sua história, da construção de sua

bagagem intelectual, sobre a pedagoga, a atuação com seus pares, práticas, desafios e perspectivas. Na sequência, descreve-se como começou sua relação profissional com A Tribuna, as assessorias realizadas e uma análise das dificuldades presentes em sua gestão. E por fim depoimentos dos sujeitos na prática.

Nas considerações finais, é possível visualizar uma análise geral do estudo, rever os objetivos gerais e perceber se o almejado para o trabalho foi atingido.

CAPITULO I - A IMPORTÂNCIA DO JORNAL NO ENSINO:

1.1 O Jornal como meio de formação e informação

Ler é estar, é realizar, é fazer parte de um contexto, de um mundo. Ler abre as janelas da imaginação, do conhecimento e no mundo contemporâneo é existir. Existir num mundo, este que possui uma pluralidade gigantesca, que requer uma visão mais apurada de quem está falando, de onde está falando, o que está falando e porque está falando. São diversas as formas de compreender a realidade.

O jornal é um veículo de comunicação que abre esta porta para o mundo, o mundo em diversos contextos, em diversos focos.

Sobre entender o mundo, relacionar as ideias, Borelli (2002), da ANJ em seu artigo, O Jornal e a Escola – Programas e Projetos coloca:

Estima-se que existam 35 milhões de analfabetos funcionais no Brasil, ou seja, pessoas incapazes de entender o significado de textos simples ou de questionários. Elas sabem ler, escrever, mas não sabem relacionar as ideias; tome-se, como exemplo, uma pessoa lê a bula de um remédio, mas não entende as implicações dos efeitos colaterais. Enfatizamos que o importante é entender o que lemos. No Brasil, o que puxa para baixo o quesito Educação são as altas taxas de analfabetismo. Segundo o PNUD, 14,8% dos brasileiros com mais de 15 anos não sabem ler nem escrever, apesar de ter havido uma diminuição desse índice em 10% nos últimos 15 anos. Em verdade, o país teve um progresso mais lento em relação aos demais; não fosse por isso, teria obtido melhor colocação no IDH¹.

Como já diria Paulo Freire, em seu livro “A importância do ato de ler” (2003): “É preciso ler o mundo para ler os textos”.

E a autora Laura Seligman (2008), em seu artigo: A escola e a educação para os meios – o que dizem as políticas públicas brasileiras e catarinenses complementa Freire: “É preciso ler o mundo para ler os textos e... assim: buscar um caminho de integração entre um cenário livresco de educação, e outro tão midiático”.

¹ IDH = Índice de desenvolvimento humano.

Buscar um elo entre a mídia seja ela o veículo que for: jornal, televisão, rádio, internet, e assim fazer a conexão entre a pulsante mensagem que chega de sua região, de seu bairro, de seu país, do seu time do coração, e do mundo.

Laura Seligman (2008) abre um pouco mais a lente sobre este cenário midiático da sociedade quanto ao quesito educação:

Vivemos numa sociedade em que os produtos tecnológicos perpassam todas as atividades cotidianas, automação bancária e comercial, sistemas de dados, a rede mundial de computadores. Lemos, hoje, o mundo, na tela do computador, na tela da televisão, em todos os veículos que nos ofertam. Nesse contexto, o cidadão comum que não é contemplado pela sentença freireana corre o risco de tornar-se refém do que lhe foi anunciado como libertador. Tudo cabe no “ciberespaço”, termo que delineia novas possibilidades infinitas: o virtual, um espaço no qual podemos, em princípio, vencer barreiras físicas, geográficas e, quem sabe, sociais. Nele, as distâncias encurtam e as oportunidades crescem. Mas, o que pode parecer uma panaceia carrega consigo vicissitudes que ainda necessitam de compreensão em âmbito social.

O professor de literatura da Universidade Estadual Paulista (Unesp) e coordenador do grupo de pesquisa Leitura e Literatura na Escola, João Ceccantini (2012), afirma em seu artigo: Ler além das Palavras:

O maior incentivo à leitura em casa é ter pais efetivamente leitores, porque uma coisa é o pai que diz que ler é importante, que você tem que ler, que ler faz subir na vida, e outra é o pai que, quando tem um problema, está mexendo no jardim e não sabe o que fazer, por exemplo, vai recorrer a um livro.

Como podemos trabalhar este leitor crítico? Aí reside uma das funções do educador. A importância da conexão da leitura com o mundo do leitor é imprescindível para que o mesmo sinta a realidade, a necessidade desta interação. Perceba a utilidade daquela leitura, e o jornal é um meio capaz de dar esta noção de por quê? De pra quê?

“A leitura do seu mundo foi sempre fundamental para a compreensão da importância do ato de ler, de escrever ou de reescrevê-lo, e transformá-lo através de uma prática consciente.” Estas são palavras de Paulo Freire (1997) que propõe a pertinência e a relevância do ler para quê? E assim a consciência do ato da leitura.

Silvia Costa como especialista no tema jornal na educação, e responsável pela implantação de programas no Brasil, comenta em depoimento (2013):

Jornal não é um amontoado de folhas escritas e anúncios publicitários. É muito mais que isso. É a história da cidade, do país e do mundo, contada dia-a-dia.

Quando abrimos o jornal, os flashes da vida se escancaram à nossa frente - os acertos e desacertos dos governantes, as tragédias coletivas e individuais, a disputa econômica, os avanços inacreditáveis da tecnologia, o desrespeito e a luta pelos direitos humanos, a preservação ecológica e tantas outras situações que os repórteres vasculham daqui e dali.

Mas acima de tudo o ponto fundamental para que o produto jornal venha estabelecer um fluxo de aprendizado, referindo-se ao Projeto de Jornal como meio de educação, continua Silvia Costa (2013),

[...] é que se cultive a leitura crítica de mundo, que se faz na varredura de página após página. Esta prática pode ser feita desde as séries iniciais, até mesmo com crianças e adultos não alfabetizados. Muitas atividades podem ser desenvolvidas, não se esquecendo, porém, que a liberdade de opção para o aluno “percorrer” o jornal todo e deter-se nos assuntos de maior interesse deve ser uma constante, tal qual acontece na vida diária. O professor habilidoso irá criar estratégias para ampliar o leque de interesses do estudante, despertando sua curiosidade para novos aspectos.

As pessoas buscam informações de credibilidade sobre o que acontece no mundo. Pavani (2002, p.55), citando Dominick (1983), menciona que segundo várias pesquisas são: o jornal, (39%), das respostas, e a televisão, (41%), os dois meios de comunicação que proporcionam a mais completa cobertura das notícias.

E que as pessoas buscam informações de credibilidade sobre o que acontece no mundo.

Mas, não parece nada fácil. Onde buscar suporte teórico e motivação para o trabalho comprometido com a leitura? Como ser professor nesta época em que dominam um mundo televisivo e computadorizado? Como fazer nossos alunos sentirem prazer na leitura? Emprestando as palavras de Paulo Freire (1997, p. 8), em seu livro: Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar, nossa tarefa como professores:

É uma tarefa que requer de quem com ela se compromete um gosto especial de querer bem não só aos outros, mas ao próprio processo que ela implica. É impossível ensinar sem essa coragem de querer bem, sem a valentia dos que insistem mil vezes antes de uma desistência. É impossível ensinar sem a capacidade forjada, inventada, bem cuidada de amar. [...] É preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de a-científico, senão de anti-científico. É preciso ousar

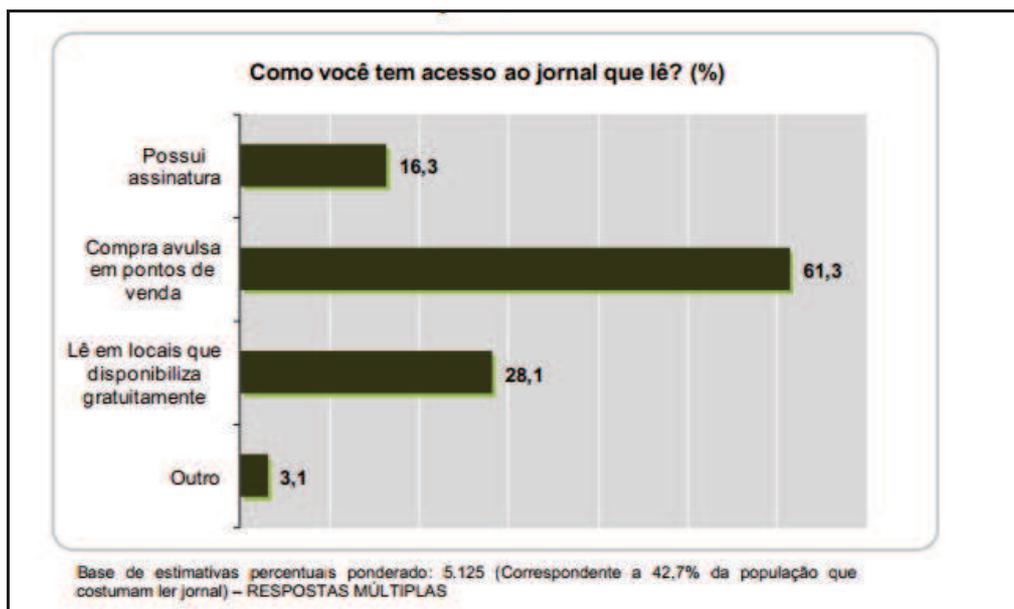
para dizer, cientificamente e não bla-bla-blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro.

E assim de certa forma até poética e utilizando sábias palavras, o ser professor, passa a ser uma das ocupações, profissões, mais imprescindíveis neste olhar sobre o mundo, neste descobrir e realizar-se. Um pleno exercício de amor acima de tudo.

1.1.1 De produto de formação e informação a instrumento

Uma das funções do jornal é a informação, é um produto que por si, trabalha com fatos, da região, do mundo em vários âmbitos: político, econômico, variedades, geral, esportes, saúde... Compreende-se que cada jornal tem sua linha editorial, tem seu contexto político, econômico, nenhum é igual ao outro. Trabalha particularidades da região que tem forte audiência, forte índice de leitura, mas sem dúvida nenhuma forma opiniões, é um produto consumido por uma classe mais intelectualizada, dependendo do título e da classe que se destina, mas de produto, a veículo de comunicação, se utilizado dentro de programas de educação passa a ser instrumento, porque entra numa proposta de trabalho, uma proposta de educação, para se estimular a leitura e sua compreensão de mundo.

As formas de acesso ao meio jornal em pesquisa realizada pela Meta, em dezembro de 2010, registra que a aquisição dos jornais, é realizada principalmente em compra avulsa, pontos de venda (61,3%). Há 28,1% de leitores que costuma ler jornais em locais que o disponibilizam gratuitamente e 16,3% dos leitores de jornal no país possuem assinatura.



Quadro 1 - Formas de Acesso ao jornal, Brasil.
Fonte: SILVEIRA (2010, p. 48)

A ANJ (Associação Nacional de Jornais) tem sobre seu acesso na internet, o Programa Jornal na Educação que representa hoje a aplicação efetiva em 38 jornais associados, estes programas aplicados às realidades da região que os mesmos circulam buscam a utilização do jornal como um importante instrumento para a educação na sala de aula. Os jornais são recebidos gratuitamente pelas escolas ligadas a estes.

E também os jornais não escondem que um dos objetivos dos programas de jornal na educação tem como base a criação do novo leitor, e assim estimular esse novo leitor a não abandonar o veículo impresso, que sofre uma significativa queda em sua circulação.

Mas que dentro do aprendizado exista a ligação do aprendizado usando como referência o contexto de sua realidade. A leitura de jornal faz parte da vida dos alunos. Não é uma leitura isolada, como a das apostilas, ou dos livros didáticos.

Em outubro de 2002, durante um evento promovido pela ANJ (Associação Nacional de Jornais), professores e coordenadores do programa Jornal na Educação, trocaram experiências e discutiram prioridades e dificuldades para a manutenção dos programas sócio-educativos.

Segundo a coordenadora do Subcomitê Jornal na Educação, da ANJ, Maria Aparecida Borelli de Almeida, a mera distribuição do jornal em sala de aula não reflete um programa educativo, opinião da qual nós, do Projeto “Linguagem e Ensino”, compartilhamos.

Neste mesmo evento (outubro/2002) observou-se:

[...] Para consolidar essa prática, existe uma proposta de lei do deputado Luiz Bittencourt (PMDB-GO), já aprovada pela Câmara, que tornaria obrigatória a leitura de jornais em sala de aula, o que já é uma realidade nas escolas públicas da Argentina. Para nós, o fundamental é que os professores recebessem treinamento especial para utilizar a mídia na educação, pois estudos mostraram que eles não têm tempo e dinheiro para a leitura de jornais e se não são leitores deste suporte, muito menos utilizam-no como recurso didático-pedagógico. Consideramos indevida a postulação de que através de decretos problemas educacionais possam ser resolvidos; o que o professor realiza em sala de aula com seus alunos é capaz de alterar a realidade dos mesmos, transformando-os em leitores e cidadãos. (BORELLI, 2002)

A gestora do Programa Jornal Escola e Comunidade de A Tribuna, em entrevista, comenta:

Atividades de “pescar” ou “caçar” no jornal elementos pré-determinados de conteúdos curriculares, sem proceder antes a leitura para saber das informações do texto, é uma prática desfocada da leitura. Identificar aspectos gramaticais, gravuras de determinado assunto, operações matemáticas/trabalhos de educação artística e outros desvinculados da leitura exploratória são atividades desfocadas da leitura. (COSTA, 2014)

Mas em outras palavras ela conclui:

Não se pretende restringir as práticas desfocadas da leitura, nem negar sua validade. A distinção que se faz é no sentido de adequar à metodologia, ao objetivo almejado. Se o objetivo for incentivo à leitura, formação de leitores, formação cidadã - as atividades deverão ser focadas na leitura e derivadas de sua exploração. (COSTA, 2014)

Eliana Nardelli tem dois trabalhos de pesquisa ligados ao tema: um em seu mestrado e outro da defesa de seu doutorado. Todos os dois tiveram como fonte em algum momento um dos Programas de Educação da ANJ. E em entrevista ao Jornal Escola e Comunidade, Jornal A Tribuna, em 11 de setembro de 2006, relata que o que mais lhe chamou a atenção em sua última pesquisa que originou o tema, foi o desenvolvimento profissional dos docentes que participam do programa:

Hoje, o educador não se limita à preparação de aulas, mas também participa da elaboração do projeto-político pedagógico da escola e, para isso precisa de

uma visão abrangente dos fatos e da realidade onde se insere. O acesso ao jornal regional, sem dúvidas colabora para que essa visão se amplie.

Tratando-se de um programa a ser inserido na metodologia escolar, é necessário que exista a preocupação com a aplicação do instrumento. Mesmo que os jornais tenham fins empresariais, eles (empresários proprietários de empresas jornalísticas) demonstram o fomento da leitura, dando subsídio para a escola.

1.1.2 A prática social da leitura – formação do leitor

São inúmeros os trabalhos, e as vivências que apontam que todos os instrumentos de formação do leitor são práticas sociais da leitura. Teses de mestrado, de doutorado, trabalhando com o tema e afirmando e reafirmando que através da prática social da leitura, desde a tenra idade assume-se a formação do leitor.

Os resultados sempre apontam para o desenvolvimento da capacidade dos alunos, servindo como ponto de partida de comunicação.

A utilização do jornal em sala de aula traz sempre através dos autores pesquisados, a unânime colocação que o instrumento jornal estimula os alunos quanto a leitura em si. Acabam dentro dos contextos trabalhados involuntariamente, trazendo informações colhidas para o contexto de sala de aula, e por consequência acabam criando debates acerca dos temas presentes nos textos por eles selecionados.

Em um encontro acontecido, 2011, no dia 17 de março, cujo tema foi “Faça de seu aluno um leitor” e promovido pelo Jornal da Cidade, de Rio Claro, o coordenador do Programa JC Presente na Escola, Jaime Leitão afirmou:

Ao aproximar o seu aluno do jornal, passando-lhe instrumentos para interagir com ele e assumir o papel de leitor, você estará iniciando um processo de transformação do universo dessa criança ou adolescente que não terá mais fim.

E continua:

O grande, o pequeno ou o jovem leitor perceberá, a partir da descoberta do jornal, as inúmeras leituras possíveis que poderá fazer: de uma notícia, um editorial, uma entrevista, uma reportagem, um artigo de opinião, uma

crônica, uma foto, uma charge, uma tira, ou até mesmo da matéria de seu time do coração.

E é nessa linha que ele conclui:

Assumir o compromisso de tornar o seu aluno um leitor representa abrir para ele um leque de possibilidades, tirando-o da imobilidade e de um aprendizado que, sem a leitura crítica, aprofundada de um texto, torna-se incompleto, comprometendo o futuro daquele que terá que fazer muitas leituras de jornais, de livros e da realidade no seu processo de crescimento como indivíduo e cidadão.

Isabel Solé (1998, p.32) coloca que o desafio que existe na leitura é porque, em si, ela é um processo: “A leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto para satisfazer um propósito ou finalidade. Lemos para algo: devanear, preencher um momento de lazer, seguir uma pauta para realizar uma atividade, entre outras coisas”.

O Entrevistado X² (março/2013), participante do Programa Jornal Escola, Comunidade, comenta:

Acho incrível, o Programa Jornal Escola é uma “Ponte entre Jovem e a leitura”.

Jornal “aproxima”, lembra que na escola as leituras clássicas são “chatas” Memórias Póstumas de Brás Cubas, e outras, não trazem ao aluno o gosto pela leitura, pelo contrário o afastam. São leituras pesadas... enfadonhas.

O jornal aproxima porque é mais pulsante da realidade, traz a comunicação do dia-a-dia. Jornal = bairro/buraco.

Portanto torna o processo mais prazeroso, e o processo fica mais real, mais com sentido. O americano Daniel Goleman, psicólogo e Ph.D. da Universidade Harvard, em seu artigo a revista Exame (30.12.2013), afirma que “acabamos por criar uma geração sem foco”. Defende que — num momento em que a tecnologia e o excesso de informação geram distrações a cada minuto — criou-se uma geração sem foco, com dificuldade de desenvolver a capacidade de concentração.

Imagine um aluno desta geração lendo: Memórias Póstumas de Brás Cubas! O mundo mudou. E o jornal pode sim trazer mais pertinência e relevância para o processo ficar mais fácil de ser vivido de ser experienciado.

² Um dos entrevistados autorizou publicar a entrevista, se o mesmo não fosse identificado, por isso o mesmo será denominado “Entrevistado X”

Solé (1998 p. 55) coloca que na escola o trabalho de leitura,

costuma se restringir a ler o texto e responder algumas perguntas relacionadas a ele como: seus personagens, localidades, o que mais gostou o que não gostou etc. isso revela que o foco está no resultado da leitura e não em seu processo. Percebe-se que as práticas escolares dão maior ênfase no domínio das habilidades de decodificação.

O leitor precisa ler, compreender e aprender, e para que ele realize o processo, a leitura precisa ter algum significado, alguma coisa com seu mundo. Precisa ter autonomia para ser capaz de “ler e de compreender o texto que tem em mãos” segundo Solé.

Para ser uma leitura que lhe dê motivação, claro que dentro de uma sala de aula, com os diversos tipos de alunos, torna-se quase impossível deixar todos felizes. Mas continua sendo o “papel do professor criar o interesse” conclui Solé.

Segundo a professora Arylce Cardoso Tomaz, ex-coordenadora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Monte Serrat, de Santos (SP), a falta de leitura atinge todos os níveis. “Infelizmente, o brasileiro culturalmente não lê. O incentivo da leitura de impressos em salas da Educação Fundamental e Média pode ser uma alternativa para mudar esse quadro” (2003). Esta pesquisa foi apresentada na integra durante o Encontro Nacional de Coordenadores de Programas Jornal na Educação, da ANJ. Deixou todos muito surpresos, e apontou que estudantes de Jornalismo não lêem jornal e que professores de faculdades de jornalismo não utilizam exemplares em sala de aula.

O que reforça o programa de jornal na educação, como meio de trazer este incentivo.

Essa foi a luz que Silvia Costa, gestora por 16 anos do Programa Jornal Escola e Comunidade – Jornal A Tribuna / Santos - SP, viu no fim do túnel, quando se deparou com a problemática em 1991, num Congresso de Jornalismo Científico na cidade de Santos. Visionária acreditou naquele momento que na escola o quadro poderia ser revertido.

Compondo o entendimento básico que o aprender a ler é tão importante quanto respirar, porque as letras, o escrito – e nela reside a mensagem, a informação codificada por meio de letras, e a leitura promove o acesso a essa linguagem.

Solé lembra que na aquisição deste conhecimento:

[...] as experiências de leitura da criança no seio da família desempenham uma função importantíssima. Para além da existência de um ambiente em que se promova o uso dos livros e da disposição dos pais a adquiri-los e a ler, o fato de lerem para seus filhos relatos e histórias e a conversa posterior em torno dos mesmos parecem ter uma influência decisiva no desenvolvimento posterior destes com a leitura. (SOLE, 1998 p. 40)

E assim fica claro, que a sala de aula é um grande ponto de início deste processo, porque trabalha com o que a criança já traz e a partir daí amplia os significados. E o ler e escrever precisam estar presentes e trabalhados em sala dia a dia.

E dos mais diversos gêneros, materiais, o mais importante é o processo de leitura acontecer. E se tornar algo que se queira voltar a fazer, que se tenha algum prazer, alguma curiosidade.

Realmente não é de forma nenhuma uma das tarefas mais fáceis, mas onde buscar esse suporte teórico, essa motivação para o trabalho comprometido— amarrado com a leitura? Como ser este professor nesta era onde a televisão, os computadores, *tablets*, *i phones*, dominam? Como fazer nossos alunos sentirem prazer na leitura?

E na reflexão do ser professor, Werner (1999 apud Oliveira e Ruiz, 2007) que analisa em seu trabalho a prática pedagógica em favor da formação de leitores, coloca:

[...] a correlação existente entre as concepções de leitura do professor do ensino fundamental e sua prática pedagógica endereçada à leitura no que se refere à formação de leitor competente. Afirma que a escola apresenta, na sua história, marcas muito fortes e comprometedoras no que se refere à formação de leitores e que se reproduzem no fazer pedagógico de boa parte dos seus professores.

E defende “que quando professores e alunos interagem, vivenciando momentos de leitura; este procedimento contribui para a formação de leitores”.

A aprender a ler é aprender a buscar sentido e interesse na leitura. Ensinar a ler é uma questão que exige muito conhecimento, observação e comprometimento.

E em seu livro Solé (1998), conclui primorosamente:

Ensinar a ler é uma questão de compartilhar. Compartilhar objetivos, compartilhar tarefas, compartilhar os significados construídos em torno deles. Ensinar a ler exige a observação dos alunos e da própria intervenção, como requisitos para estabelecer situações didáticas diferenciadas capazes de se adaptar à diversidade inevitável da sala de aula.

E ensinar a ler não é só tarefa de professor de português, mas de toda a escola.

Para desenvolver a prática da leitura e escrita é importante redimensionar o conceito de leitura, que não pode ser apenas mecânico, da fluência e da boa dicção. Estes são aspectos indispensáveis, mas não suficientes, pois se concebe a leitura também como um processo interacional entre o leitor e o autor.

[...] portanto cabe à escola, prover atividades enriquecedoras que assegurem o prazer pela leitura. (GUEDES et al, 1998, p 66)

E segundo as mesmas é na habilidade, no exercício do ser professor criar, promover “atividades significativas de leitura, bem como refletir, planejar e avaliar a própria prática em torno da leitura”.

Gonçalves (2004) lembra que “o professor é forçado a informar-se mais para fazer frente à curiosidade mais aguçada dos alunos com o jornal, e esse requer ainda maior preparo do professor para com ele trabalhar.”

Não é fácil, pois, demanda mais aplicação, mais envolvimento, mais o preparar-se, e assim uma reciclagem que acaba por torná-lo um profissional “professor” melhor.

Outros autores reforçam essa ideia e afirmam:

Quando nós, professores, pensamos no tema “leitura na escola”, conseqüentemente, associamos o assunto à ideia de algo negativo, visto que conhecemos e diagnosticamos na prática diária a falta de interesse dos alunos e de colegas de trabalho que preferem apenas ressaltar: “meus alunos não sabem ler, não adianta”; ao invés de buscar meios inovadores e dinâmicos capazes de mudar este triste quadro que o Brasil enfrenta atualmente. (OLIVEIRA e RUIZ, 2007)

E por fim em experiências com o uso do jornal, nota-se sua contribuição para que o estudante fosse capaz de inferir, colocar-se, discutir sobre as leituras feitas, de modo não robotizado, mecanizado, desenvolvendo assim a habilidade de interpretar o que lê. De colocar-se como também escritor da história.

E é nesse processo que a escola acaba por tornar-se, um local de formação e exercício de um ser humano mais completo como cidadão. E na formação do leitor a prática social acontece.

1.2 A educação não-escolar

1.2.1 Educação num tripé: formal – não formal – informal

A partir da construção desta pesquisa, fica claro que a educação não se faz só no ambiente escolar, os pais são os primeiros educadores ou deseducadores, dependendo de suas atitudes e exemplos. Assim como todos os membros importantes do cuidar de uma criança, sejam eles pais, tios, avôs, avós, e professores. Ah e até mesmo uma televisão ligada, um vídeo game, os seres em construção são verdadeiras esponjinhas...

E um meio de comunicação trazer uma proposta de educação, ou ser instrumento para a educação, atravessa os muros das escolas, vai ao encontro com temas que pela primeira vez tomei conhecimento através de Rui Canário, como uma educação diferente fora dos parâmetros curriculares:

Parte-se do princípio de que não só o sistema formal de ensino como toda a sociedade educativa têm o dever de transformar em momentos educativos as situações de desempenho pelos adultos dos seus diversos papéis sociais: como produtor, como consumidor, como progenitor, como cidadão, como elemento do eco-sistema [...]” (CANÁRIO, 2006 p. 208).

Pavani (2002 p. 38) traz uma citação de Silva (1991 p.56):

A educação do ser humano, seja ela formal ou informal (sistemática ou assistemática), sempre envolve dois fatores fundamentais: formação e informação. Mais especificamente, o processo educativo exige que às novas gerações sejam transmitidos conhecimentos e sejam trabalhados determinados valores e costumes de modo que não se perca de vista a sobrevivência e a convivência social e que não pereça a linha evolutiva da cultura.

Diferenciar a educação formal, não formal e informal não é uma das tarefas mais fáceis, como afirma Pinto (2007):

É geralmente fácil encontrar e fornecer exemplos que ilustrem cada uma destas partições conceituais, mas não se encontram critérios consensuais que definam as fronteiras entre elas – restando sempre margem para situações do quotidiano educativo que invadam essas mesmas fronteiras.

No primeiro caso, caberia no espectro da educação formal e não-formal todo o processo educativo intencionalmente encetado, e no espectro da educação informal os processos educativos que acontecem sem qualquer intencionalidade. Este critério, apesar de abundantemente utilizado é no entanto equívoco.

Num ponto não há discussão, ficaria demasiado fácil acreditar que toda a educação informal é não-intencional? Mas como que provocando mais esta questão... ainda:

O que dizer das aprendizagens em família, através dos meios de comunicação social, no grupo de pares – todos estes exemplos normalmente atribuídos à educação informal? (PINTO, 2007)

Um das autoras brasileiras, mais reconhecidas, dentro do tema, afirma que um Programa de Educação através do meio jornal é:

[...] modalidade da educação não-formal, destinada à aprendizagem da escrita e da leitura através de procedimentos e métodos não oficiais, existe a preocupação de se transmitir os mesmos conteúdos da escola formal, de se repassar o acervo de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Entretanto esse repasse é desenvolvido em espaços alternativos e com metodologias e sequências cronológicas diferenciadas; com conteúdos curriculares flexíveis, adaptados segundo a realidade da clientela a ser atendida. /.../ (GOHN, 2010, p.518).

1.2.2 Utilização do jornal na educação não formal – Programa Jornal Escola e Comunidade

E os resultados da educação não formal – utilizando o jornal, segundo os resultados coletados

[...] apontam que o jornal oferece material de ampliação da capacidade de leitura, aprofundamento da linguagem, contextualização dos conhecimentos, promovendo aprendizagem mais dinâmica, prática e atrativa por processos

não formais na dimensão da revalorização epistemológica da experiência (CANÁRIO, 2006, p.223).

E acaba por complementar por tornar-se mais interessante, dentro de um processo de aprendizagem não formal. Uma distinção fina entre estes dois territórios educativos – o processo educativo no âmbito da educação formal e não-formal seria levado a cabo de forma metódica e sistemática, o que não aconteceria no caso da educação informal.

Durante todo processo de relação dos programas educativos de incentivo à leitura de jornais é sempre importante que os participantes estejam cientes de que o valor do êxito do trabalho está no devido empenho e a criatividade dos educadores e a participação, o engajamento dos envolvidos, é extremamente fundamental para o sucesso da iniciativa.

Entre os principais objetivos do Programa Jornal, Escola e Comunidade, A Tribuna – Santos, foco desta dissertação estão: o desenvolvimento do hábito de leitura, o estímulo à busca pela informação, a promoção de discussões acerca da realidade – instrumento de contextualização do caminho escolar –, e o enriquecimento do universo cultural e educacional do aluno e/ou participante. E assim, “o utilizar do jornal como recurso didático e pedagógico em ambientes socioeducativos” Silvia Costa (2013).

Maria da Glória Gohn (2001, p.98) conceitua a educação em sentido amplo enquanto:

[...] forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos, pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos, que os indivíduos fazem de forma isolada ou em contato com os grupos e organizações, pois toda vivência é somada, inclusive a educação formal, entendida enquanto ensino de língua e do conhecimento.

O Projeto Jornal Escola mostra aspectos enfatizados por um grande autor português especialista no tema:

[...] num processo de aprendizagem que, necessária e desejavelmente, combina uma grande diversidade de modalidades, corresponde a atender o processo educativo como um continuum (permanente) que integra e articula diferentes graus de formalização e ação educativa. Nesta perspectiva, educação escolar e não escolar, educação formal e não formal não são mutuamente exclusivas, nem estão separadas por fronteiras estanques. Encarada como um “meio de vida”, a escola constitui um ecossistema de aprendizagem que integra, simultaneamente, tanto as atividades formais características da sala de aula, quanto as modalidades educativas não formais que ocorrem, em permanência, fora dela. Neste sentido, o enriquecimento

deliberado do ambiente escolar, multiplicando as oportunidades de aprender sem “ser ensinado”, pode representar um caminho importante para a “reinvenção” da escola. (CANÁRIO, 2006, p.223):

A experiência do Jornal Escola e Comunidade pode ser considerada uma modalidade de educação não-formal. Observe-se a conceituação de da autora:

.../ modalidade da educação não-formal, destinada à aprendizagem da escrita e da leitura através de procedimentos e métodos não oficiais, existe a preocupação de se transmitir os mesmos conteúdos da escola formal, de se repassar o acervo de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Entretanto, esse repasse é desenvolvido em espaços alternativos e com metodologias e sequências cronológicas diferenciadas; com conteúdos curriculares flexíveis, adaptados segundo a realidade da clientela a ser atendida. [...] (GOHN, 1998, p.518).

Mas o que se nota é que sendo informal, formal ou não formal:

Independentemente dos recentes e extraordinários progressos tecnológicos em matéria de comunicações, a habilidade de ler continua sendo um componente essencial para todo e qualquer tipo de aprendizagem, dentro ou fora da escola. Até mesmo a expansão do emprego do videocassete para fins de ensino tem estimulado o exercício dessa habilidade, em virtude do material impresso que acompanha o aparelho e da presença, no próprio vídeo, de textos que orientam, esclarecem, detalham ou ampliam o significado das imagens e dos sons. O uso cada vez maior de computadores em todos os setores da vida humana não dispensa um domínio bastante competente da habilidade de ler. De modo geral, aliás, os computadores tendem a exigir do usuário padrões muito superiores de competência em leitura (PAVANI, 2002, p.23).

Assim o uso das novas tecnologias deve fazer parte do ensino, dentro e fora da sala de aula, uma vez que são recursos indispensáveis para a melhor assimilação dos conteúdos e que a leitura não está sempre em textos verbais. Desse modo, o jornal serve como facilitador também de uma interpretação mais generalizada de diversas formas de linguagem.

Os profissionais da comunicação são tão responsáveis pela educação quanto os professores no que concerne à leitura. Pude aferir isso nos depoimentos de vários jornalistas que estiveram presentes e colaborando com o programa santista, muitos disseram que terem participado junto à Silvia Costa, seja de uma palestra ou de uma oficina, ter este contato com a outra ponta o leitor, fez com que dessem a devida importância do meio e o educar.

O aspecto não formal do Programa Jornal Escola e Comunidade é importante para a aquisição pura e simples de conhecimentos de forma mais prática e muitas vezes mais eficiente. Ela se faz, se manifesta pela grande possibilidade de nesta educação não formal o campo estar aberto à criação de conhecimentos novos. A criatividade faz parte desta forma de educação, as possibilidades se ampliam. O ser está aberto a pensar e produzir junto.

Do legado freireano releva-se uma metodologia da acção pedagógica que granjeou um assinalável apreço na morfologia dos programas de educação não-formal, assim como implicitamente nos reconduz para a importância da relação do sujeito com o mundo que o rodeia, a partir da qual procura o sentido da transformação social pelas aprendizagens significativas do seu quotidiano. Dá-se, por conseguinte, relevo aos contextos e processos de experiência social, nos quais se partilha o conhecimento e se (re)descobre e compreende criticamente a realidade, o que pode constituir, particularmente para "os que não têm voz" (os oprimidos), uma possibilidade para o desenvolvimento da consciência de que a transformação social é possível, desde que os sujeitos se "conscientizem" que têm poder para o fazer, a partir do seu lugar no mundo. [SIC] (PALHARES, 2009, p.64)

O estudo do Programa Jornal Escola possibilita a reflexão sobre a importância de processos educativos não utilizados habitualmente pela escola e como podem ser aproveitados na construção de outros modelos de “forma escolar”:

O reconhecimento da educação na transversalidade das múltiplas experiências de vida do sujeito, enfatiza, igualmente, a necessidade de uma redobrada atenção sobre um objecto que quotidianamente se molda, flui e escapa aos actuais espaços-tempo da escola, o que significa, em última instância, partir para a compreensão dos sentidos que emergem e se actualizam na relação entre actores e instituições sociais e educativas. [SIC] (PALHARES, 2009, p.76)

Desta forma, a educação formal e não-formal assumiriam um propósito intencional, contando com focos de aprendizagem ou formação explícitos e apresentando-se sempre como processos educativos diferenciados e específicos. No seu conjunto, é isto que as distingue da educação informal.

1.3 - Programas de jornal na educação. Brasil - ANJ

O tema desta pesquisa aconteceu num insight vindo de um livro de uma grande e reconhecida médica e educadora italiana, Maria Montessori, “Mente Absorvente” (1987 p. 24), que falava sobre o dever da educação e da sociedade:

[...] Todos são convocados a colaborar, pais e mães devem assumir sua responsabilidade; porém quando a família não dispuser de possibilidades suficientes, a sociedade deve não apenas ministrar a instrução, mas também prover os meios necessários para educar as crianças.

E nessa fala de Montessori vi o trabalho das empresas jornalísticas, auxiliando, subsidiando de alguma forma lacunas que são deficitárias no processo educativo. Ou que mereciam mais sentido, mais adequação. É lícito que as empresas têm seus interesses, no caso dos jornais na perpetuação da mídia impressa: jornal. Mas nem por isso deixa de agregar mais valor e sentido ao processo educativo. E de alguma forma fazerem sua parte na construção de uma sociedade melhor.

Ao redor do mundo todo encontramos programas que visam à utilização do jornal na educação.

A Revista Aprender, no artigo: O uso do jornal como instrumento de ensino-aprendizagem. (Ano 1º Nº 1, maio/jul. 2000), relata que:

[...] nos Estados Unidos existe o NIE (Newspaper In Education) atualmente com mais mil jornais atuantes. Na França existe o CLEMI (Centro de Ligação do Ensino e dos Meios de informação), na Argentina, há um programa de repercussão nacional – El Dário em La Escuela – coordenado pela Associação dos Diários do Interior da República Argentina (ADIRA), que realiza um congresso anual de repercussão internacional – “ Los Medios de Comunicación y La Educacion”. (REVISTA APRENDER, p. 14)

Nesta série de matérias da Revista Aprender, Silvia Costa é convidada pela redação para coordenar com foco sobre o uso do jornal na educação.

De todos os jornais brasileiros, o que dentro do segmento de atuação é sempre reconhecido por ser: inovador, arrojado e “ditar moda” é o jornal Zero Hora. Não foi diferente em projetos envolvendo jornal na educação para o primeiro no Brasil a fazer

distribuição de jornais em escolas de Porto Alegre: com o projeto “Zero Hora na Sala de Aula” em 1980.

O jornal: o Globo, do Rio de Janeiro, surge com seu projeto: “Quem lê jornal sabe mais”, no ano de 1982 que atua ainda hoje. E depois deles muitos vieram.



Figura 1 - Capas de jornais brasileiros
Fonte: Ilustração Web

No Brasil, em 1979, foi criada a Associação Nacional de Jornais uma associação, sem fins lucrativos, brasileira, cujo objetivo é defender a liberdade de expressão, do pensamento, da propaganda e o funcionamento irrestrito da imprensa, sempre observando os princípios da responsabilidade.

Segundo Caprino em seu artigo, Interfaces Jornal e Educação: Panorama e Transformações na Sociedade:

Existe hoje, nos Estados Unidos, segundo James Abott (2007), vice-presidente da Newspaper Association of América Foundation, a quem se subordina o programa Newspaper in Education, mais de 950 programas ativos que trabalham com jornal na escola. São, segundo Abott, aproximadamente 220 milhões de jornais por ano enviados às escolas. No Brasil, os projetos de jornal e educação estão reunidos principalmente no programa da Associação Nacional de Jornais – ANJ e atingem mais de sete milhões de alunos em todo país. (CAPRINO, 2008)

O Século XXI traz um novo panorama da sociedade midiática, afirma Caprino (2008): “novas realidades ao uso dos meios de comunicação de massa e suas interfaces com outros aspectos da vida social”.

A Associação Nacional de Jornais conta atualmente (2014) com 146 empresas jornalísticas associadas e duas empresas colaboradoras. Destes associados à entidade, quase metade desenvolvem programas de Jornal e Educação em 19 estados brasileiros e o Distrito Federal. As Regiões Sudeste e Sul possuem o maior número de iniciativas. Há também tres programas de jornais não associados ao Programa Jornal e Educação, o que totaliza sessenta e dois, além de programas em implantação. (dados ANJ)

As previsões sobre o fim do meio jornal são muitas.

[...] A existência de clássicos meios de comunicação, como o jornal impresso, passa a ser debatida na sociedade global. Discute-se, hoje, se o jornal sobreviverá ao uso crescente da Internet como principal meio de propagação das notícias. (MEYER 2004, p. 27)

[...] chega a fazer uma previsão de que os jornais impressos deixarão de circular em 2043. (CAPRINO, 2008)

Os programas no geral foram criados para levar o jornal às escolas, bibliotecas, outras instituições educativas com o intuito de formar novos leitores, contribuindo para que se revertam os baixos índices de leitura entre os brasileiros. E conseguirem também reverter estas previsões caóticas para o meio.

Cada um acaba por sofrer variações, que ora acontecem no tipo, na região abrangida. A ANJ em seu site, quando fala sobre os programas e suas amplitudes, afirma que depende muito

[...] da complexidade das empresas que os desenvolvem, seja na sua condução, seja na forma de administrá-los, seja na maior ou menor abrangência de suas ações, seja no tipo de instituição atendida.

Todos, porém, partem de uma base mais ou menos comum mas parecem ser únicos, quanto à sua forma concreta de desenvolvimento. (ANJ, 2014)

Existem casos onde não há a criação do programa, mas mecanismos com uma preocupação muito grande em trazer a aproximação da comunidade escolar e acabam apenas desenvolvendo atividades com este foco.

As contribuições do Programa Jornal Escola e Comunidade estão comprovadas em trabalhos academicos, desde de simples pesquisas, entrevistas, até TCC's, mestrados e doutorados.

Nardelli foi uma das maiores pesquisadoras com mais foco no programa santista JEC, teve sua tese de doutorado com o título: Formação de Professores, no Jornal, Escola e Comunidade, e ganhou o título de doutora pela Pontifícia Universidade Católica, PUC de São Paulo, em 2006. Sendo que em 2002 já havia defendido seu mestrado, onde também envolveu o Jornal Escola e Comunidade. Neste traçou um comparativo de dois programas: JJ na Educação, do Jornal de Jundiaí e o Programa de Santos/SP.

Outra pesquisa científica foi a de Arylce Cardoso Tomaz, que em mestrado com o tema: “A leitura do jornal nos cursos de jornalismo” incluiu a experiência do JEC. Outro também relevante foi da jornalista Fabiana Elias, que em sua dissertação analisou o impacto do Caderno Ciência e Meio Ambiente, nas escolas por meio da intervenção do Jornal Escola.

Já a pesquisa de campo da doutora Regina Vieira teve como título: “O Jornal como formador de cidadania no Ensino Fundamental e Médio.” Onde acompanhou três unidades participantes do programa.

Uma importante tese de doutorado (2004), cujo tema: foi: Do Ledor ao leitor: Um estudo de caso sobre as insuficiências na utilização do jornal em sala de aula no ensino de Língua Portuguesa em turmas do último ano do ensino fundamental, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no curso de Letras. A autora: Lidia Maria Gonçalves estabelece um olhar sobre alguns programas de educação utilizando o meio jornal e narra experiências de alguns no dia a dia, e contempla o programa Jornal Escola e Comunidade de Santos. Lidia cita em seu trabalho que em pesquisa realizada na Baixada Santista referente ao Estudo de Caso do Programa “Jornal, Escola e Comunidade”, desenvolvido por A Tribuna, junto às escolas estaduais e municipais, revelou alguns resultados:

Com base nos questionários, foi possível verificar que o emprego do jornal como recurso didático serve para que o estudante seja capaz de fazer inferências sobre o que lê e as atividades que desenvolve em sala de aula ou extra-classe. Dentre os assuntos apontados por uma grande maioria de estudantes, estão o racionamento de energia, o terrorismo (o atentado no World Trade Center e a guerra no Afeganistão), a violência no país, esportes (futebol, vôlei e tênis), além dos avanços da Ciência (clonagem e transgênicos), novelas, horóscopo e globalização. (GONÇALVES, 2004)

Além desses registros, a sua gestora Silvia Costa em seus 16 anos de atuação, diz ter atendido vários grupos, várias pessoas que queriam realizar seus trabalhos sobre o programa. Os dados e depoimentos aqui colocados foram fonte de pesquisa na edição de A Tribuna, de 11 de setembro de 2006.

Sobre projetos brasileiros de jornal na educação, não constam dados que envolvem o uso sistemático do produto jornal em sala de aula para fins escolares anteriores a 1983. Como afirma a autora é no ano de 1983, onde:

[...] de acordo com a documentação disponível, nasceram os primeiros projetos dessa natureza, em Porto Alegre – “Zero Hora na Sala de Aula” – e no Rio de Janeiro – “Quem Lê Jornal Sabe Mais” no jornal: O Globo. Outros projetos surgiram entre 1980 e 1999, desenvolvidos com a elaboração dos jornais. (PAVANI, 2002, p.45)

Dentre os listados pela autora, nesta edição somam apenas 30, e nessa citação, o Jornal Escola e Comunidade de Santos / SP aparece como o segundo Programa que foi lançado no estado de São Paulo. E o primeiro sendo: Correio Escola – do Correio Popular de Campinas.

Em 2008, segundo a ANJ, o quadro de atendimento proporcionado pelos Programas de Jornal e Educação era de um alcance bastante significativo. Os números são aproximados: Escolas Atendidas - 6.800, Alunos Atendidos – 1 milhão e 800 mil e Professores atendidos - 67.500.

O site da Associação Nacional de Jornais menciona:

[...] a ANJ possui 50 programas em todas as regiões brasileiras (alguns em reformulação), sendo que as Regiões Sudeste e Sul possuem o maior número de iniciativas. Dos 53 abaixo listados apenas três programas de jornais não-associados.

A relação de Programas por localidade (dados 2012 - ANJ) são:

Quadro 2– Programas por localidade

Programas -- Região / Brasil (2012 - ANJ)	Total
Norte	1
Nordeste	8
Centro-Oeste	5
Sudeste	23
Sul	16
Total	53 (*)

(*) Sendo 50 associados ANJ e 3 não.

Fonte: Site ANJ – 2013

Em depoimentos sobre a utilização do jornal, retirados do site da anj.com.br o que se pode notar é que os alunos têm seus artigos ou materiais publicados no suplemento: AN ESCOLA (Programa de Jornal na Educação aplicado na cidade de Joinville / SC e gerado pelo Jornal A Notícia). Esta não é uma prática do programa Jornal, Escola e Comunidade.

A experiência abaixo trazida é de Joinville (SC), do jornal A Notícia, e o Programa é o AN ESCOLA, implantado em 1998, e coordenado por Kelly Rosa. Abaixo alguns depoimentos extraídos do site da ANJ:

DIRETORA - EEB Hélio Lentz Puerta - Bom Jesus - Diretora: Euriudes Marmentini

Os professores utilizam o jornal de forma multidisciplinar trabalhando em forma de projetos. Aqui na escola tem o cantinho do jornal onde os alunos fazem a leitura e com isso tem melhorado a escrita através da leitura. A nossa escola é distante e os alunos só tem acesso ao jornal na escola, para eles é muito importante, pois eles se interessam pela atualidade. Os pais ficaram emocionados com a publicação dos trabalhos no jornal. Os alunos ficaram muito felizes. Esperamos que ano que vem continue o projeto, porque é muito importante. (ANJ, 2013)

Nilma S. de Melo Estrai– Professora da EBM Professora Antonia Gasino de Freitas – Barra Velha:

Diante da realidade do nosso país o AN Escola é o nosso principal incentivador para ampliação de nossas atividades escolares e como forma de debate. Todos aguardam com ansiedade as edições para verem os trabalhos e

o próximo tema. É interessante destacar que um meio de comunicação do nosso Estado se preocupe com projetos educacionais, atuando como patrocinador de ideias e divulgador das mesmas. Obrigada aos profissionais deste jornal pela ideia de ajudar os educadores na árdua tarefa de trazer beleza e criatividade para dentro da sala de aula. (ANJ, 2013)

Eliane Maria Trevisan Cassol – Professora: EEB Hélio Lentz Puerta:

O jornal veio a somar como mais um recurso pedagógico. Os professores elaboram o projeto e utilizam o jornal como recurso, como fonte de pesquisa e informação. O jornal coloca o aluno em contato com o dia a dia, com a atualidade. É um registro diário da realidade, é a nossa história, da política, do mundo. O jornal é um instrumento complementar na educação. É história instantânea. O jornal é instrumento instantâneo onde o aluno tem uma visão da realidade onde desperta o senso crítico e a cidadania.

A publicação dos trabalhos veio a somar. Os alunos se empenham para trabalhar. É um incentivo a mais. (ANJ, 2013)

Estudante: Laís Aline Grossel (7ª série “1”):

Eu fiquei muito feliz pelo meu desenho ter saído no suplemento AN Escola, pois o que eu queria era transmitir as informações que adquiri nas aulas sobre “Os Tropeiros”, para o conhecimento de outras pessoas. Assim elas também tiveram a oportunidade de descobrir a importância dos tropeiros no desenvolvimento de nossa região. Essa é uma forma de valorizar todos os costumes e tradições que eles nos deixaram. (ANJ, 2013)

Andréia Aparecida de Paula - EEB Hélio Lentz Puerta:

Desde o começo o trabalho foi ótimo. No dia que a gente soube que o trabalho foi publicado no jornal valeu à pena, valeu o esforço. A gente se esforçou bastante. Minha tia quer fazer um quadro com o certificado que a gente recebeu pra guardar de lembrança. Eu gostaria de ter sempre trabalhos com o jornal. (ANJ, 2013)

CAPITULO II - O PROGRAMA JORNAL ESCOLA E COMUNIDADE DE A TRIBUNA DE SANTOS NA GESTÃO DE SILVIA COSTA.

2.1 Um programa ícone nacional e duas gestões: Silvia Costa e Carolina Morgado



Figura 2 - Tira de Quadrinhos Infantis de Peanuts. Ilustração
Fonte: Web

O “Programa Jornal Escola e Comunidade” (JEC) foi implantado em 1992, pelo Jornal A Tribuna, por iniciativa do diretor Roberto Clemente Santini e ainda existe até os dias atuais. Na época o Sr. Roberto, integrava o Comitê de Leitura da Associação Nacional de Jornais (ANJ). Empresas jornalísticas de vários países adotaram programas educativos de incentivo à leitura de jornais, envolvendo crianças, jovens e adultos. No Brasil, o JEC é um dos pioneiros no segmento de Programas de Jornal e Educação (PJE) da ANJ e envolve desde a sua fundação: educadores e alunos das diversas cidades da Baixada Santista em prol da comunidade.

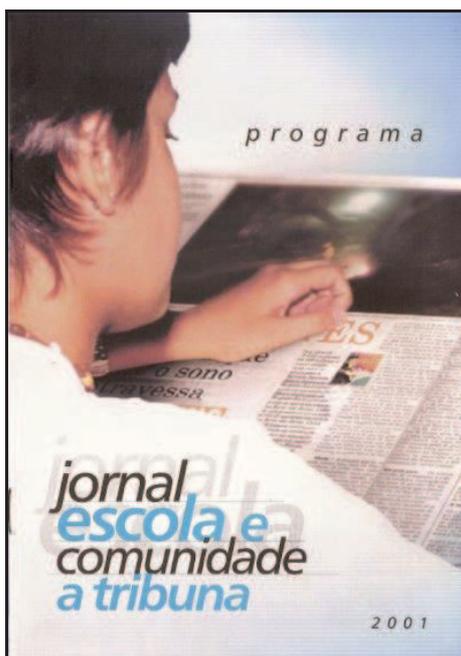


Figura 3- Folder Institucional do Programa com orientações gerais
 Fonte: Arquivo pessoal S.Costa.

A educadora Sílvia Costa foi responsável pela estruturação do programa e nele atuou como coordenadora até o ano de 2008.

O Jornal A Tribuna, um veículo de mídia impressa diária, formato standart, que tem sua circulação regional abrangente nos 9 municípios da Baixada Santista (Santos, São Vicente, Praia Grande, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe), faz parte da Associação Nacional de Jornais, é o terceiro título mais antigo do Brasil completando 120 anos no dia 26 de março de 2014.

Este diário regional com ou sem programa de Jornal e Educação criado, já trazia a veiculação de suplementos infantis e/ou juvenis (até mesmo com conselho editorial formado por adolescentes e jovens), a doação de exemplares a escolas, o recebimento de alunos em visita à empresa, a realização de concursos, a publicação de cadernos, sejam dedicado ao vestibular, sejam dedicado à educação de um modo geral, a orientação a escolas na criação de seus jornais escolares ou mesmo a realização de palestras em instituições de ensino e a busca de parcerias com universidades locais.

O momento, o cenário que circundava essa realização da criação do Programa Jornal Escola, era de uma queda significativa em relação ao número de tiragem, de circulação de jornais. Essa percepção era sentida no Brasil e em outros países. A acentuada queda do hábito de leitura de jornais em São Paulo era crescente.

Melo (1981 p. 68) que tem livros e trabalhos focados em leitura, [...] propõe a utilização dos jornais diários e revistas semanais como motivadores das disciplinas convencionais em sala de aula.

Marco Antonio Batan, Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, e atuante professor e coordenador do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Santos, em seu artigo Propaganda na Educação: Programa Jornal na Escola, apresentado no XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005 pontua, como alguns outros a possibilidade de inserção do jornal como instrumento auxiliar da educação. E narra como percebia nesse momento o surgimento do Programa Jornal Escola, Comunidade – A Tribuna:

A década de oitenta marca o aparecimento de projetos que visam utilizar o jornal impresso como auxiliar no esforço para melhorar o ensino e a aprendizagem nas escolas do ensino fundamental e médio das redes de escolas públicas e particulares por todo o Brasil.

Como o jornal era visto pelos educadores como um excelente meio para o discurso informativo escrito, o projeto de alguns veículos de comunicação se apresentou como base para melhorar a leitura dos estudantes de uma forma que tornasse a tarefa mais interessante e atualizada, em contraposição ou complemento ao livro didático. A consequência disso seria uma abertura dos jovens para a realidade regional e local, que é onde este meio de comunicação exerce o seu domínio.(BATAN, 2005)

Maria Alice Faria (1999 p.11) que tem seu foco na utilização do jornal na educação afirma:

[...] que os jornais são “mediadores entre a escola e o mundo”, até porque seus universos são variados, cheios de contradição, e algum momento conflitantes entre si, isso não só na sua atuação como fonte primária. O que acaba gerando um contato com seus leitores através de posturas ideológicas diferentes frente a uma notícia a um acontecimento, incentivando ao final, posições mais críticas diante do olhar o mundo, e assim acaba por facilitar o reconhecimento da pluralidade de ponto de vista, que é sem dúvida nenhuma a estrutura de uma sociedade democrática. Um olhar para o externo diferente, com outras lentes.

O Programa Jornal Escola, Comunidade de A Tribuna, surge de uma grande preocupação e desânimo dos jornalistas, de A Tribuna, devido à diminuição do interesse das pessoas pela leitura de jornais. Refletia uma tendência que já despontava nos países da França e nos Estados Unidos. E já comentada anteriormente.

Por outro lado, o ensino brasileiro é alvo de diversas críticas sobre o abismo, o verdadeiro distanciamento dos conteúdos curriculares das reais necessidades que o aluno enfrenta ao sair da escola e para as quais não foi preparado.

Estas organizações objetivavam coordenar ações de Jornal na Educação, e Silvia Costa conta que quando da implantação do programa santista, no Brasil, somente três empresas jornalísticas haviam criado seus programas: Zero Hora (Porto Alegre/Rio Grande do Sul), O Globo (Rio de Janeiro/RJ) e o Jornal NH (Novo Hamburgo/ Rio Grande do Sul).

O Programa Jornal Escola aparecia não só para configurar um momento em que os professores já utilizavam o produto sem muita didática, e em sala de aula tinham alguma dificuldade em adquiri-lo. Mas também o objetivo era trazer mais leitores tornar mais interessante esse universo e incrementar seu uso em sala de aula formando futuros leitores. E [...] estatísticas mostravam que o índice de leitores caía em relação ao crescimento da população.” (COSTA, 1997, p. 12).

No Brasil, o JEC é um dos pioneiros no segmento de Programas de Jornal e Educação e desenvolve um trabalho de sucesso há quase duas décadas. E todos os programas de jornal e educação estão reunidos principalmente no programa da Associação Nacional de Jornais – ANJ e atingem mais de sete milhões de alunos em todo país, dados do site da própria instituição.

Roberto Clemente Santini, diretor executivo do Jornal A Tribuna e presidente na ocasião do Comitê de Leitura e Circulação da ANJ, afirmava na criação do programa e sobre projetos de sua expansão que “os índices de leitores no Brasil eram considerados os menores do mundo: a cada mil habitantes, somente 37 liam jornais, enquanto na Noruega, entre mil habitantes, 820 eram leitores de jornal.” (COSTA, 2002).

Em matéria do Jornal da Associação dos Jornais do Interior na edição de maio/1993, p. 3, onde o tema é “Projeto Jornal na Escola”, a entrevistada é Silvia Costa e comenta:

[...] “Quando o projeto começou há um ano atrás tínhamos 13 escolas, que depois de um ano somavam-se 53. Em um ano foi triplicado o público atendido, o que significa que cerca de 19 mil estudantes e 650 professores estão tendo acesso sistemático ao jornal”.

Em depoimento Silvia Costa conclui este lançamento: “Envolver, estimular seria um caminho viável para transpor os problemas que se apresentavam da queda do interesse a leitura de jornais. O sentimento era forte e não deixa de sê-lo no transcorrer deste período de lançamento do programa”. (COSTA, 2003)

No início do Programa em 1982, a publicação se fazia em forma de um Suplemento Especial do Jornal Escola Comunidade e a partir de 1994, passou a ser chamado de Jornal Escola, Suplemento Especial do Jornal A Tribuna. As mudanças foram de nomenclatura, mas o mesmo sempre foi encartado em A Tribuna.



Figura 4: Variadas capas do Jornal Escola em seus 16 anos.
Fonte: Arquivo pessoal S. Costa.

Nardelli (2006) traça uma cronologia:

Em 1995, o Jornal Escola e Comunidade conquistou definitivamente espaço nas páginas do Jornal A Tribuna: a coluna Jornal-Escola, presente todas as sextas-feiras de março a dezembro. Em meados de 2003 a Coluna se ampliou passando a ocupar toda uma página inteira do jornal, oferecendo além das informações referentes ao programa, novas seções interessantes aos educadores.

E continua, esclarecendo que o conteúdo era disposto da seguinte forma:

[...] Apoio Pedagógico, em que se indicam livros cujos temas envolvem a educação; Especialistas, com entrevistas de especialistas em educação e Educação Integral, com matérias relacionadas a um Projeto específico do Jornal Escola e Comunidade, denominado Educação e Valores. (NARDELLI, 2006)

O primeiro contato com a sala de aula se deu através do Colégio Santa Cecília – uma escola particular de Santos. Segundo Miriam Guedes editora chefe de A Tribuna na ocasião, esta parceria foi fundamental para a continuidade do projeto. A escola, além de disponibilizar esta aplicação e interação, provocou grandes resultados, que geraram a busca de outras escolas e assim o início acabou por provocar a intensidade de sua manutenção.



Figura 5- Silvia Costa em premiação – PROLER³ - Universidade Santa Cecília
Fonte: Acervo pessoal S.Costa

Era para o Colégio Santa Cecília, em Santos, também um momento de notícia nas páginas de A Tribuna, todo corpo discente adotou e se empenhou na aplicação do Programa. O Colégio iria compor a história deste grande Programa.

³ Programa Nacional de Incentivo a Leitura

Depois da primeira notícia mais escolas vieram das redes: particular, municipal, estadual. E Sílvia Costa começa por ser a representante junto às escolas e também responsável pela implantação, todo material e apoio pedagógico.

O Programa dá um salto gigantesco. E assim o segmento de educação da região, passa a conhecê-lo e “muita coisa precisa, ainda precisava ser revista em função da expansão acelerada” comenta em entrevista Sílvia Costa. Outros municípios do litoral paulista passam a querer fazer parte. E atuação passa a compreender os municípios de Santos, São Vicente, Guarujá, Praia Grande, Cubatão, Mongaguá, Peruíbe, Bertioga e Itanhaém. Esse universo hoje corresponde, a 100 unidades.

Mas a gestora sempre ressaltou que além da escola estar dentro de um programa que lida com o uso do jornal, “é preciso que o educador sinta-se arrebatado pela atração da informação e identifique a verdadeira natureza do veículo jornalístico - a divulgação de informação”.

Se o educador não se empolgar “não tiver essa força motriz será difícil motivar e envolver os alunos” complementa Sílvia. Existe um jogo que deve ser jogado continuamente entre o educador-aluno-jornal, que é o ler, entender, opinar, compartilhar...

[...] Assim, não basta “pescar” fragmentos do jornal, quer sejam palavras, sílabas, textos isolados, pedaços para compor novas produções. Não basta retirar do jornal apenas o fragmento que interessa para exemplificar determinado conteúdo curricular desvinculado do contexto global.(COSTA, 2013)

O aderir ao Programa, prevê uma operacionalização que vai, desde a distribuição dos exemplares de jornais semanais, ao atendimento as escolas já cadastradas, e isso sem qualquer custo adicional para os que realização a adesão.

Neste período já estava consolidada a perspectiva de Jornal e Educação defendida por Sílvia Costa e cuja aplicação já diferenciava o JEC de outros programas similares. Cabia à coordenadora acompanhar e administrar todo o processo, desde a implantação da escola conveniada, conteúdo para as colunas, toda tramitação com a redação, operacionalização do envio dos exemplares e apoio pedagógico com relação ao uso do jornal dentro das salas de aulas – tendo como gestores do processo os professores.

O Programa envolve centenas de educadores e milhares de alunos das diversas cidades da Baixada Santista, integrando ambos em prol da comunidade.

Nos dias de hoje o Jornal A Tribuna continua sendo o único veículo de mídia impressa líder na região, e que trabalha com foco nesta iniciativa.

Sua missão se caracterizava em disponibilizar o jornal para ser utilizado como material educativo complementar nas aulas. Através da leitura orientada de textos de circulação social, contribuir para a formação dos alunos, auxiliando na construção do senso crítico e no exercício da cidadania. Acreditando que quando a leitura é incentivada na escola, contemplando textos reais e atuais, o jovem cresce mais autônomo e consciente de seu papel social.

Em dezoito anos em que a autora desta dissertação fez parte da área comercial e marketing da empresa, pode acompanhar a queda significativa na venda, na tiragem. Aos domingos em 1996, a tiragem era de cerca de 110 mil exemplares impressos aos domingos. Hoje (auditada pelo IVC – Instituto Verificador de Circulação), o registro é de 45 mil aos domingos, a queda se fez de modo gradativo, mas ainda acontece. Essa queda não deve cessar, e não é um único de A Tribuna, é da mídia impressa mundial como um todo. Hoje o desânimo é até mais crescente, do que o era em 1992 quando o programa nasceu. Porque a geração mais jovem tem conteúdo grátis na internet e não tem familiaridade com o papel jornal. Em um *focus group* (grupo focal) realizado para o lançamento de um produto de A Tribuna voltado para jovens, muitos comentavam que o jornal sujava a mão.



Figura 6 - Carolina Morgado (1ª a esquerda) em reunião em A Tribuna
Fonte: Depto Fotográfico A Tribuna



Figura 7 - Silvia Costa em reunião com coordenadores.
Fonte 10: Web

A percepção que tenho do programa depois de estar chegando ao fim da pesquisa é que no princípio havia uma pedagoga, a qual gestou por 16 anos, que olhou para a prática da leitura, para o incentivar, o estimular - o dar ânimo a leitura – de um leitor-aluno, de um leitor-professor, coordenador pedagógico. Mas que acima de tudo, Silvia Costa, sempre buscou que houvesse uma consciência crítica - um olhar social e

estava sempre “antenada” com o externo, com a sala de aula, com os desafios de um mundo.

Na quase totalidade dos entrevistados que eram parceiros do Programa cerca de 80% já não atuam mais. Quando um entrevistado menciona em seu depoimento: “que ficaram *órfãos*”, uma denominação forte demais para a “maternidade” de Silvia Costa, e a orfandade se traduz na efetiva saída da gestora do programa.

Silvio Bispo em seu depoimento coloca:

Hoje (fevereiro, 2014) atuo como diretor da Escola Estadual Margarida Pinho Rodrigues, em São Vicente e nessa escola faço questão que os professores desenvolvam o projeto jornal escola. Penso que hoje não há tanto envolvimento quanto aquela época, mas estamos tentando fazer com que mais professores sensibilizem-se com a proposta.

E conclui [...] “vivenciei a primeira gestão na prática, que foi super importante e muito motivador. A segunda gestão não participei ativamente, apenas observei como gestor de escola.”

Os 20% que ainda continuam interagindo com o Programa afirmam não ser a mesma coisa, são saudosistas, e um dos entrevistados chega a fazer uma análise explicando: “claro houve resistência, houve crítica, porque o apego à antiga gestora era muito forte, quase que cristalizado com a marca do programa”.

Natural a atual gestão não ter conseguido criar este laço tão intenso, e outro diferencial é que na primeira gestão sempre foi muito forte a comunidade, a comunidade interna, externa – a latência das parcerias, o que na atual gestão não parece ser tão prioritária.

Optar pela condução de uma jornalista, indicando melhor profissionalização, melhor condução do Programa foi um caminho interessante, ter o jornalismo mais presente, mais trabalhado em sala de aula, possibilitando um envolvimento maior da redação. Mas ao mesmo tempo perdeu-se a latência, a escuta do externo da troca. Perdeu-se a humanização tão importante nos negócios e seus sucessos!

Segundo Entrevistado X (2014), as duas gestões partiu-se do: “8 para os 80”, ele comenta: “as coisas ficaram menos amarradas, antes amarradas demais... Agora muito soltas!”

Nas duas gestões que o Programa teve nestes 20 anos de existência, os dados coletados do Entrevistado X (2014) foram significativos, porque ele pode vivenciar as duas, como instituição de ensino e comenta:

A liderança da primeira era mais centralizadora, presença forte, limitadora, chegou a ser uma marca – pois gerou o programa, matriz cristalizada. Ela gerou... E foi quem desbravou, e quem cria ou produz sempre tem mais valor, a outra que vem na sequência pega pronto... S.C. comenta um professor, chegava a ser limitadora, em aspectos que dizem a forma: tem que ser recortado do jornal, não pode ser digital...

E continua:

A atual gestão foi para um ponto extremo, enquanto uma era mais centralizadora, esta é mais solta. Por outro lado é uma pessoa mais jovem, – o outro oposto. Deixou tudo muito solto! E faltou pulso, porque sofreu uma crítica forte, escutei por diversas vezes coordenadores comentarem: Eu hein, seguir o que uma “pirralha” está colocando... Um preconceito, não foi fácil! É sempre muito difícil substituir uma matriz tão perfeita. (ENTREVISTADO X, 2014)

E quando vejo o contraponto de estar uma jornalista com um foco diferente da gestão anterior fica a minha crítica. Um dos entrevistados Rivaldo Santos (2014) chega a colocar que “existe sim a deficiência da própria empresa em não ter preparado tão bem a sucessora do programa dentro da linha já existente e que tanto sucesso fazia”.

Arminda Augusto (2014), hoje editora chefe de A Tribuna e repórter na ocasião da gestão de Silvia Costa complementa: “Carolina Morgado, (atual gestora) também leva bem o programa, mas como tem outras atribuições dentro do jornal, penso que o JEC tenha perdido um pouco daquela essência, daquela ideologia que o marcou por tantos anos”.

Outro aspecto em relação às duas gestões, colocado por Augusto (2014) é que a Silvia tinha uma “pegada” mais profunda, isto é:

[...] o JEC era uma ferramenta de educação e cidadania. Um exemplo bastante claro disso ocorreu no início dos anos 2000, quando tivemos eleições municipais. A Silvia sugeriu que fizéssemos uma série de reportagens de Educação Política, ensinando o leitor o passo-a-passo do processo eleitoral que se iniciaria: o que é uma eleição, como se escolhe o representante, o que fazem prefeitos e vereadores, o que é eleição majoritária e proporcional, o que é democracia, como participar da vida do político, como interferir em projetos de lei, enfim, absolutamente tudo sobre isso.

Montamos uma programação, criamos um selo de Educação Política para identificar todas essas matérias e mantivemos esse noticiário por cerca de quatro meses. Foi um sucesso! Inclusive recebemos prêmio da ANJ por isso e depois vários jornais quiseram copiá-lo em outras eleições.

Silvia (2013) lembra que o projeto “Educação Política” citado por Augusto, foi apontado pela ANJ como melhor do ano, apresentado em Encontro Nacional da ANJ e num Encontro Sul- Americano da SIP. Serviu para formação de políticos em época de eleição.

A hoje editora chefe de A Tribuna que iniciou sua convivência profissional com Silvia Costa ainda como repórter no princípio do Programa relata:

Uma das experiências mais gratificantes quando estive mais próxima do JEC foi conhecer melhor os professores e entender suas demandas. A Silvia sempre me convidava para os encontros que organizava no jornal com todos os representantes das escolas participantes. Em algumas ocasiões eu fui, e pude ouvir deles as queixas em relação ao noticiário, nossas falhas enquanto jornalistas e o quanto precisávamos estar mais próximos desse público para fazer um jornal mais afinado com a Educação. Também tive muitas outras experiências interessantes ao participar dos eventos organizados pela ANJ com jornais que mantinham programas semelhantes. A Silvia sempre foi uma entusiasta de jornal e ia bem além da questão jornal-escola. O "C" da sigla JEC nunca esteve tão forte como com a Silvia (Programa Jornal Escola e COMUNIDADE). Com ela aprendi um pouco mais sobre a função cidadã do jornal e o quanto o jornal pode ajudar o leitor a ser verdadeiramente um cidadão. Notícias completas, com os "porquês" das coisas, os caminhos que podem levar o cidadão a se apropriar melhor de sua cidade, de seus direitos, enfim... (AUGUSTO, 2013)

Na citação abaixo de Mônica Pegurer Caprino⁴ em seu paper: Interfaces Jornal e Educação: Panorama e Transformações na Sociedade Global

[...] Parece-nos, portanto, que o debate se os programas de jornal na escola são apenas frutos de departamentos de marketing para formação de leitores está superado. A maioria – independente das intenções mercadológicas das empresas jornalísticas – não inclui somente atividades de leitura e “consumo” do jornal, e parecem mostrar preocupação com aspectos pedagógicos e de capacitação.(CAPRINO, 2008)

⁴ Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Metodista de São Paulo, graduada em Jornalismo e em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora do curso de Jornalismo da Universidade Municipal de São Caetano e pesquisadora do Núcleo de Estudos de Comunicação e Inovação na mesma universidade. O trabalho resultou de pesquisa que envolveu o estudante Felipe Alves de Paula, bolsista CNPq/PIBIC.

Nesta colocação da doutora em Ciências da Comunicação – com foco em jornalismo e letras, paramos e pensamos: Será que primar pelo jornalismo invés da pedagogia foi um bom caminho? Está correta a condução de um programa deste gênero para uma jornalista? Ou para uma pedagoga? Ou até mesmo por alguém que não promove esta “troca”?

Temos que considerar todos os aspectos, inclusive o desbravar o ser a primeira a conceber um programa, e entregar-se de corpo e alma. Chega até a ser um grande apego.

Imaginando o programa de televisão da TV Record, O Aprendiz – Justus e fazendo uma brincadeira, abaixo citações de “universitários” que são alguns autores elencados, dizem:

Quanto ao risco da chatice na leitura compulsória na escola, Marques de Melo defende que, como ato intelectual, a leitura só tem sentido dentro de um contexto específico, que pressupõe a utilidade e o prazer como dois fatores essenciais (1999).

Isso também é aplicável à leitura compulsória do jornal como recurso didático, tanto é que na verdade Carmem Lozza, (2009 p. 32) coordenadora do Programa Quem Lê Jornal Sabe Mais do jornal O Globo, diz que:

[...] teme que, cada vez mais, que o jornal possa ser visto pelos alunos como um material “chato”. E explica: “Ora, se a escola, por mais que seja um espaço contraditório e que conte com a presença de professores inovadores e críticos, se apresenta não raras vezes, como uma instituição cuja hegemonia é conservadora e onde é comum que se faça do aluno um depositário de informações selecionadas pelo professor, como imaginar que o jornal poderia escapar desta supremacia que muitas vezes desconsidera a necessidade de o aluno ser ativo e ser seus interesses correspondidos”

O Programa Jornal na Educação, dessa forma, ao contrário de incentivar no futuro o hábito de ler jornais, poderia fazer com que os seus futuros leitores potenciais associassem a leitura de jornal com uma tarefa escolar enfadonha, como acontece com determinados autores consagrados, cujos livros são lidos sistematicamente no ensino fundamental e que nunca mais serão lidos por esses alunos, durante a sua vida.

2.2 Propostas do programa

Os programas e projetos criados têm em sua proposta o intuito de colocar o jornal em contato com uma geração de “alunos”, professores, coordenadores e estimular seu uso como recurso didático e pedagógico em ambientes sócio educativos, estimulando o gosto pela leitura, contribuindo para a formação de cidadãos leitores conscientes e participativos. Através de um apoio e do próprio jornal. Ou seja: colocando o produto jornal como um instrumento de ensino-aprendizagem.

O coordenador do curso de Especialização em Gestão e Produção em Jornalismo na PUC-Campinas, Marcel J. Cheida, também autor do livro: O jornal na vida do professor e no trabalho docente. Em seu artigo “O Jornal na tensa fronteira entre o público e o privado: Um estudo para ler criticamente os jornais em sala de aula” e comenta:

A leitura dos jornais impressos é antes de tudo um exercício intelectual. As crianças e jovens submetidos à prática da leitura de jornais em sala de aula são envolvidos numa teia de aprendizado crítico, por meio do qual vai se construir a capacidade de interpretação e compreensão racional dos problemas e fatos sociais.

O professor adquire, nesse ambiente, uma importância estratégica de estímulo e orientação, a fim de provocar no aluno o senso de observador partícipe de uma realidade que é construída também pela leitura. Assim, os jornais e seus conteúdos contribuem para o aluno e o professor arquitetarem a realidade cuja importância social se manifesta à medida que a notícia pode revelar ou ocultar. E aí se encontra o desafio do aprendizado crítico. (CHEIDA, 2007)

O Programa em questão vai além deste foco, na análise de Nardelli (2006 p.58) procurando: “formar cidadãos mais esclarecidos, atualizados, conscientes e participantes, priorizando abordagens multidisciplinares que possibilitam a educação centrada no ser e na realidade que está inserido”.

Assim, o Programa não se restringe a uma simples distribuição de exemplares de encalhe de edições passadas, mas estabelece vínculo num trabalho conjunto, onde ele se coloca como provedor e mantenedor desta parceria. E vê seu escopo como algo muito mais grandioso e viável de se realizar. Na troca de novas metodologias e experiências de várias áreas que podem ser desenvolvidas com os difusores do processo que ocorre dentro da sala de aula.

Os princípios foram intitulados como “Ponto Final” e publicados numa edição especial de 1994 de A Tribuna, escritos por Silvia Costa (26, fevereiro, 1994):

O jornal é fonte de informações. É uma caixinha de surpresas. Não o transforme em livro didático. O mais importante é a leitura. As atividades escritas são decorrentes e não prioritárias. Incentive a curiosidade do aluno. Deixe que ele descubra as informações contidas no jornal. O projeto não impõe nada. Apenas acompanha, orienta e sugere o uso do jornal, sempre visando um trabalho eficaz em sala de aula.

A utilização do jornal na educação não é novidade, o novo aparece na mídia impressa entregue à escola sem custo, e claro todo apoio e manutenção da aplicação. Aspecto também importante é o processo de democratização da informação, uma vez que o Programa faz o jornal chegar a todas as classes sociais e diferentes níveis culturais.

Segundo Silvia Costa em entrevista sobre seu livro: *Jornal na Educação*, para o Suplemento Informe do jornal A Gazeta – Vitória – Espírito Santo / abril 2007:

Desenvolver o hábito da leitura nos jovens, adolescentes e crianças deve ser uma meta comum a todas as empresas jornalísticas conscientes não só da necessidade de sobrevivência do jornal impresso, como também da melhoria do produto para atender as preferências de leitores mais esclarecidos.

Segundo Cecília Pavani (2007, p. 45) livro: *Jornal: (in) Formação e Ação*,

O fato de os jornais oferecerem um leque eclético de temas, problemas, notícias, e comentários contribui, e muito para que se possa advogar mais do que sua utilização ocasional em sala de aula – muito além portanto, de um emprego ditado pelas chamadas “notícias de alto ou altíssimo impacto”(homem na lua, novo plano econômico, morte de celebridades, ...[...])

E continua:

Os jornais estão entre os melhores materiais de ensino de que os professores dispõem – tanto os professores de leitura como os professores das várias outras áreas de ensino: além disso são baratos e facilmente disponíveis (AARON 1986).

Numa pesquisa realizada pela ANJ e noticiada em 29.09.2008, Cristiane Parente (coordenadora do Programa Jornal e Educação/ANJ), em cujo título é “O Uso do jornal na sala de aula melhora desempenho dos estudantes”, concluiu que era necessário:

“[...] comprovar o que os professores e coordenadores do programa presenciavam na rotina de trabalho. Mas, para ganhar força, era necessário um estudo mais profundo, uma pesquisa com resultados efetivos, que mostrasse como o uso bem feito do jornal traz benefícios não só dentro das salas de aula, como também para o desenvolvimento social e pessoal dos alunos”.

E assim é de Responsabilidade Social, pois está preocupado não só com a formação do leitor, mas com toda uma bagagem histórica e cultural de um cidadão.

2.2.1 Objetivo – missão – público-alvo

Pode-se concluir, que dentre os principais objetivos do JEC estão o desenvolvimento do hábito de leitura, o estímulo à busca pela informação, a promoção de discussões acerca da realidade – instrumento de contextualização do caminho escolar –, e o enriquecimento do universo cultural e educacional do aluno e/ou participante. Assim utiliza o jornal como recurso didático e pedagógico em ambientes socioeducativos. Ou seja é uma ferramenta para incentivar o hábito da leitura, para levar o jornal para dentro da sala de aula. E estímulo à busca pela informação, através de textos de circulação social para a promoção de discussões acerca da realidade e o enriquecimento do universo cultural e educacional do aluno e/ou participante.

O público atendido pelo “Programa Jornal Escola, Comunidade – Santos” são os alunos da educação básica (ensinos: fundamental e médio), e superior, tanto da rede pública quanto da rede particular, e através da mediação de professores. Como público secundário a ser impactado pelo Programa podemos pensar em outros profissionais do ambiente da escola que de alguma forma também serão influenciados, que são eles: profissionais que giram nos segmentos da escola: inspetores de alunos, bibliotecários, coordenadores pedagógicos ou diretores.

Também fazem parte do programa cursos regulares, segmentos específicos como educação de adultos, educação especial, ensino profissionalizante, alfabetização

solidária, organizações não governamentais, e instituições de ressocialização, como a FEBEM (Fundação Casa).

2.2.2 Como participar

Esses dados foram fornecidos pelo ambiente digital do Programa e em pesquisa junto a Silvia Costa.

Todo novo ano inicia com a abertura de cadastramento para as escolas ou instituições que quiserem participar. Mesmo as que já foram participantes no ano anterior precisam refazer seus cadastramentos⁵.

O número de vagas disponíveis gira sempre em torno de 100 instituições, e muitas ficam de fora por não ficarem atentas aos prazos. Ou por esquecimento. No trâmite ainda de cadastro a unidade interessada deve acessar o portal do JEC (www.tribuna.com.br/jornalescola) para obter informações quanto aos prazos para a seleção. As atividades do Programa são desenvolvidas entre os meses de fevereiro a dezembro

Um dos critérios de seleção é a justificativa de participação da unidade.

Passada a fase de cadastramento, a equipe do JEC avalia todos os envios e seleciona os participantes do ano letivo.

Assim que passado o processo seletivo e a instituição é aceita, cada unidade recebe um pacote semanal com jornal de encalhe para utilização em sala de aula ou nos espaços de leitura e uma assinatura diária do Jornal A Tribuna, além de apoio pedagógico e orientação para o desenvolvimento das atividades.

Para uma boa relação existir os “Compromissos Básicos” visam regras, tratados para que as escolas se envolvam e valorizem o lugar conquistado, estabeleceu Silvia Costa na sua gestão.

O Programa desde seu principio sempre teve muita procura, e chegava a existir desde sua implantação uma “fila de espera” afirma em entrevista Silvia.

⁵ N.A.: cheguei a presenciar algumas ligações de instituições que achavam que por estarem cadastradas no ano anterior não precisariam refazer e acabavam ficando muito tristes por ficarem de fora.



Figura 8- Silvia em reunião com escolas
Fonte:12 Web

Compromissos Básicos das Unidades Participantes

Gestão Silvia Costa: A escola deveria desenvolver:

- a) Painel de Olho na Cidade - com notícias da cidade onde a unidade participante está inserida, afixado em local de fácil acesso a todos;
- b) Leitura e Arquivamento da coluna semanal do Jornal Escola;
- c) Organização do Cantinho da Leitura (com jornais já utilizados em classe e outros produtos de leitura) montados fora da biblioteca em local de fácil acesso, para leitura espontânea das pessoas da comunidade escolar e imediações;
- d) Coluna semanal “Agenda Cidadã” - leitura e fixação em local de fácil acesso
- e) Apresentação de amostras de trabalhos utilizando o formulário impresso “Faça sua escola acontecer”.

No passar dos anos, as exigências foram se complexificando e hoje (2014) o compromisso básico das unidades são:

- a) Inclusão do Programa no Projeto Político Pedagógico da unidade;

- b) Recorte da coluna semanal do JEC e Fixação da coluna no painel próprio do Programa (distribuído às unidades no momento da adesão);
- c) Colocação dos exemplares à disposição dos envolvidos, em local adequado, organizado e identificado, para acesso à leitura, pois a utilização dos exemplares tem objetivo pedagógico e único de incentivo à leitura;
- d) Manuseio e arquivo do jornal diário (assinatura gratuita da unidade) pelos educadores;
- e) Arquivo dos cadernos e/ou colunas de interesse dos envolvidos;
- f) Registro das atividades por meio de relatórios, avaliações e fotografias (que ao final do semestre deverão ser encaminhadas à coordenação do Programa por e-mail, de preferência, ou presencialmente, caso haja dificuldade);
- g) Comparecimento às reuniões e encontros durante o ano letivo, em datas pré-definidas pela coordenação ou quando convocações extraordinárias se fizerem necessárias.



Figura 9 - Reunião realizada no Salão Paulo Clemente Santini em A Tribuna, abertura de semestre – Jornal Escola, Comunidade
Fonte: Depto Fotográfico A Tribuna

São vários ícones que remetem a notícias publicadas na coluna, os ícones mais importantes são: o Regulamento abaixo descrito e também Material Pedagógico que estabelece um ponto de apoio com quem interage com o programa. O que se observa é que público alvo desta ferramenta de comunicação é o professor, ou coordenador da

instituição. Da gestão anterior para a atual às mudanças foram pequenas então foi mantida a atual.

REGULAMENTO

Programa Jornal Escola e Comunidade A unidade participante do Programa Jornal, Escola e Comunidade, durante o ano letivo, fará jus ao pacote semanal de jornais para uso em sala de aula; a uma assinatura diária de A Tribuna; à orientação pedagógica para a utilização do jornal; ao bônus-assinatura para os professores envolvidos (desconto de 50% sobre o valor de banca); e à participação dos educadores e alunos em eventos do JEC.

Compete à unidade ingressante: Receber e distribuir aos professores, alunos e outros envolvidos os exemplares recebidos para atividades de incentivo à leitura (Rede Pacote); Participar das reuniões programadas para capacitação, formação e avaliação do trabalho (mínimo de quatro encontros durante o ano); Atender aos compromissos básicos propostos pelo Programa. Observação: O não cumprimento destes itens acarreta o desvincular da unidade na iniciativa.

Cumprir os Compromissos básicos do Programa: já citados acima. A coordenação do JEC poderá ser contatada por telefone (13 - 2102-7153) ou por e-mail (jornalescola@atribuna.com.br) pela direção, coordenadores ou professores para esclarecer dúvidas, sugerir atividades, solicitar orientação pedagógica ou comunicar eventuais problemas com o Programa. A implantação destas normativas não tem como objetivo impor, mas apenas acompanhar, orientar e sugerir o uso do jornal, sempre visando um trabalho eficaz em sala de aula. Como já mencionado, nas diretrizes e propostas.

Benefícios:



Figura 10: Bônus Assinatura
Fonte: Acervo pessoal S.Costa

O Bônus Assinatura foi um instrumento muito utilizado. Na gestão tratada nesta dissertação eram xerocopiados em preto e branco mesmo em papel sulfite.

Havia também um Carnê para descontos para os professores do programa que quisessem fazer assinatura individual do jornal.

Cada escola do programa recebia uma assinatura gratuita do jornal impresso. Os professores eram orientados sobre diversas estratégias que possibilitassem a leitura deste exemplar pelo maior número possível de pessoas.

Nas entrevistas estava aparente a insatisfação com a cortesia de apenas um exemplar por escola, segundo os entrevistados um número insuficiente em função do número de alunos e salas.

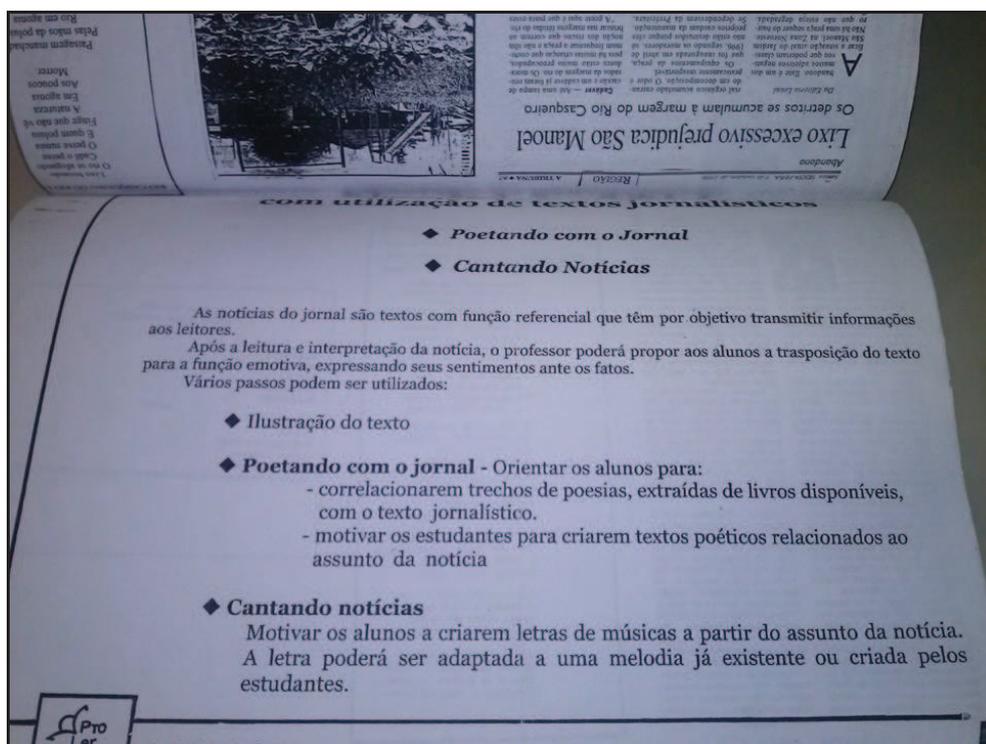


Figura 11: Material pedagógico para as oficinas de Poesia.
Fonte: Acervo pessoal Peilton Sena



Figura 12: Oficina de poesia com professores a partir de notícias de jornal.
Fonte: Peilton Sena – Acervo pessoal

2.3 Características do período gestão Silvia Costa

Segundo dados coletados em entrevista com Silvia Costa (2013), existiram características fortes que marcaram este período:

[...] em função da intensa luta para derrubar tabus e acabou por frutificar os novos padrões adotados que demonstraram sua eficácia tais como: envolvimento de todas as faixas etárias (de pré a universitários); expansão do programa para além das escolas convencionais. Aumento da demanda de organizações socioeducativas, FEBEMs, Penitenciárias, alfabetização de adultos/ solidária, núcleos de 3ª idade, alunos especiais; envolvimento de professores das diversas disciplinas (antes era focado no professor de português); formação de bibliotecários/auxiliar de biblioteca; envolvimento de gestores escolares e outros funcionários da escola; intensa participação organizada das secretarias municipais/estaduais de educação.

E continua:

A formação atualizada e gratuita, a disponibilização de pesquisas avançadas e projetos inovadores oferecidos nas orientações pedagógicas, fizeram do Jornal Escola e Comunidade um polo avançado de capacitação, fornecendo conhecimentos fundamentados e voltados para a aplicabilidade e interação de todas unidades do programa e órgãos gestores da Baixada Santista, sendo que este fato foi reconhecido e bem aproveitado pelos órgãos de ensino e pelos professores

Em termos de marketing trazia o fortalecimento da responsabilidade social da empresa, na contramão da utilização do programa Jornal e Educação de melhoria de imagem; o fortalecimento da liderança da coordenação na cidade/região/país, exercendo influência nos mais diversos setores das comunidades, como atestam o reconhecimento das Câmaras Municipais de Santos, Praia Grande, Peruíbe; de associações de jornais (Associação Nacional de Jornais), Associações de Jornais do Interior, Proler, Conselhos Municipais de Direitos.

As Escolas que fazem parte do Programa Vamos Ler – Jornal Ponta Grossa realizam atividades escolares com recortes de jornal



Figura 13 – Atividade escolar com jornal

Fonte: Programa: Vamos Ler – Jornal Ponta Grossa / Institucional



Figura 14- Atividade escolar com jornal

Fonte: Programa: Vamos Ler – Jornal Ponta Grossa/Institucional

2.3.1 Aspectos metodológicos norteadores do Programa.

A metodologia aplicada se faz através de encontros, palestras, debates, oficinas, cursos, apostilas conforme algumas citadas abaixo. Através de materiais pedagógicos preparados e as publicações realizadas no próprio jornal.

O trabalho se dá em vários estratos, Primeiro há reuniões iniciais com os mesmos na abertura do ano e sempre ao final com coordenadores pedagógicos, professores. Seminários, oficinas e outros eventos. Embora a presença não seja obrigatória, é importante que aconteça para acompanhamento do projeto. O encontro sempre estabelece uma troca de experiências, algum tema importante com um palestrante especialista, e claro a oportunidade de estar juntos para formar um grupo, uma comunidade de trabalho então.



Figura 15– Silvia Costa em atuação no JEC
Fonte: Depto Fotográfico A Tribuna



Figura 16 – Professores participando do JEC em A Tribuna
Fonte: Depto Fotográfico A Tribuna

Silvia Costa afirma que sempre havia: [...] uma vivência, ou uma experiência de alguma das unidades que estão no programa, o fato de envolver várias cidades, e instituições de ensino das mais variadas redes, se torna muito interessante.

Embora seja excelente recurso cultural e educativo, o jornal não é livro didático e Silvia Costa insistia sempre num ponto que considerava muito importante que era: Não a não didatização do jornal, até porque o seu uso requer metodologia própria para cumprir sua função específica.

Outro aspecto é a leitura globalizada, varredura do jornal priorizando sobre a leitura fragmentada. A leitura precisa ser desvinculada na escrita. Jornal é feito para ser lido, comentado, discutido. Na vida cotidiana as pessoas folheiam os jornais, leem o que interessa e o que precisam. Nada impede que sejam feitas atividades escritas, porém se a leitura do jornal estiver sempre seguida de questionários e exercícios escritos, poderá se tornar enfadonho para os alunos e comprometer o incentivo à leitura espontânea e prazerosa, o aguçar da curiosidade para a leitura das matérias, a discussão descontraída das ideias contidas nos textos.

A mudança de foco dos conteúdos curriculares como um fim em si mesmos, é feito para aproveitamento das matérias contidas no jornal, principalmente sobre fatos/ questões novas que ainda não constam nos livros didáticos e/ou sejam desconhecidos pelos professores.

Um aspecto muito importante é o desenvolvimento de projetos multidisciplinares e interdisciplinares sobre temas importantes para a formação integral do aluno, partindo da exploração de matérias jornalísticas.

Durante 15 anos o Programa Jornal Escola e Comunidade funcionou atrelado à redação, interagindo com os departamentos de circulação, comercial e serviços gerais. Nestes teve uma considerável colaboração. Mas foi necessária muita coragem e criatividade para quebrar padrões com os quais ela não concordava, como por exemplo:

- A fixação rígida em determinadas faixas etárias (só para ensino fundamental) e séries específicas, o que resultava em inclusão de pequena porcentagem de alunos de cada escola e exclusão da maioria. Os que participavam eram privilegiados. Não era democrático.

- O caráter de doação dos exemplares, não havendo rodízio dos mesmos com outras classes, encarecia o programa e reduzia o atendimento;

- O encantamento com as atividades que usavam o jornal como sucata, desviava do objetivo principal que é o incentivo à leitura e estudo crítico da realidade retratada no jornal.

- O engessamento do trabalho por parte dos professores, objetivando atender aos conteúdos curriculares e não os conteúdos curriculares instrumentalizando o entendimento dos textos jornalísticos.

- O predomínio de atividades escritas em contraposição à formação do hábito de leitura e algumas outras limitações e distorções que faziam do jornal mais um “livro” didático do que um produto de leitura diversificado, com finalidade própria.

No dia a dia do programa eram feitas parcerias com especialistas, universidades e organizações para o desenvolvimento dos projetos.



Figura 17–Reunião com coordenadores de escolas
Fonte: Depto Fotográfico A Tribuna



Figura 18 - Costa em reunião com coordenadores
Fonte: Depto Fotográfico A Tribuna

Em relação à divulgação e propaganda, que o PJEC utiliza, estão conforme já comentado, as seguintes ferramentas: um ambiente digital, que objetiva ter clara as tratativas e ordens de boa conduta e relacionamento com o Programa. Existe um *hotsite*, site que reside dentro do domínio digital atribuna.com.; Uma coluna semanal – publicada em A Tribuna; Reuniões de coordenação com os professores.

A TRIBUNA.com.br

Indique este site Fale Conosco

A TRIBUNA
jec
jornal escola comunidade

Uma iniciativa do jornal A Tribuna, com o objetivo sociocultural e educativo de acesso à informação e estímulo à leitura, utilizando o jornal como recurso didático e pedagógico em ambientes socioeducativos, contribuindo para a formação de cidadãos, leitores conscientes e participativos.

Quem somos Coluna JEC Notícias Entrevistas Agenda de eventos Participantes

Coluna JEC



Prazer em conhecê-lo, eu sou o jornal

AGENDA

20/03/2014
Oficina sobre Charges
[ver mais](#)

14/02/2014
Boas-Vindas e Oficina de Manuseio do Jornal
[ver mais](#)

» confira a agenda de eventos

Entrevistas

Os prós e os contra da educação à distância - 02/07/2013
[Ver matéria.](#)

Material Pedagógico

Saiba como adquirir seu material pedagógico.
[ver mais](#)

Galeria

Confira algumas fotos do Jornal Escola Comunidade.
[ver mais](#)

Leia A TRIBUNA

Leia A TRIBUNA e fique por dentro de tudo o que acontece na região da baixada santista.
[ver mais](#)

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

26/02/2014
Escolas receberão kits de livros para orientar alunos sobre temas ambientais

25/02/2014
Olimpíada da Língua Portuguesa abre inscrições

25/02/2014
MEC abre inscrição para o Programa Atleta na Escola

24/02/2014
ONG abre inscrições para 100 vagas gratuitas de curso de inglês
[Leia mais...](#)

Apoio Cultural

 RHODIA SOLVAY GROUP

 JORNAL e EDUCAÇÃO

 ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISMAS

© 2014 A Tribuna Online - Todos os direitos reservados

Figura 19– *hotsite* Jornal Escola A Tribuna 2014
Fonte: Web

O seu acervo é um rico patrimônio que merece análise sobre o valor de suas experiências situadas no entrecruzamento do âmbito não formal com o formal (AFONSO, In: ESTEVES, 1992).

A seguir algumas Colunas Semanais: publicadas a partir dos anos iniciais.

AVALIAÇÃO. Objetivo do teste é verificar a qualidade do ensino no País

Exame do Enade mobiliza 2.800 estudantes da região

DA REDAÇÃO
Universitários da Baixada Santista, selecionados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), participaram, ontem, da 4ª edição do Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade). O gabarito das provas já está disponível no site www.inep.gov.br.

Foram chamados cerca de 2.800 estudantes da região, ingressantes e concluintes de 16 cursos. Participaram, ainda, alunos escalados nas edições anteriores e que não compareceram à avaliação.

Eles fizeram prova com 10 questões gerais e 30 específicas de cada área, em várias escolas da Cidade. O objetivo do Enade é avaliar a qualidade do ensino no País.

Estudante do 4º ano de Nutrição da Universidade Católica de Santos (Unisantos), Ariadne de Souza César, 21 anos, foi selecionada pela segunda vez (a primeira, quando entrou na faculdade).

"Acho válida a iniciativa. Quem ganha somos nós, alunos, já que as universidades têm que garantir um bom padrão de ensino".

SEM DIPLOMA

Estreante no Enade, Ana Flávia Izumi, 19 anos, está no primeiro ano de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e também fez prova na Cidade de Santos. "Não me explicaram muita coisa sobre a prova, só que era obrigada a vir. Em pleno domingo".

Quem faltou não poderá receber o diploma de conclusão do curso. O resultado



Os universitários selecionados pelo Inep fizeram prova com 10 questões gerais e 30 específicas de cada área

Personagem



Walter Brito
26 ANOS

Tercianista do curso de Educação Física da Unimes, Walter Brito, 26 anos, chegou cinco minutos atrasado e encontrou o portão da escola já fechado. Resultado: não pôde fazer a prova. "Moro em Praia Grande e não consegui chegar a tempo", disse ele, que estava acompanhado de colegas, também barrado na porta da escola.

desta avaliação será somado a realizada em 2004, junto com as visitas que o Ministério da Educação está fazendo às instituições. A ideia é fazer uma lista de faculdades com contias a acertar com o MEC. Aquelas que não atingirem

padrões mínimos de qualidade deverão ser reformuladas. Os cursos avaliados foram: Agronomia, Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Fonoaudiologia, Medicina, Medicina Veterinária, Nu-

BOICOTE

Na Capital, vários estudantes boicotaram a prova do Enade realizada em um colégio da Zona Oeste. Alguns deles disseram apenas ter assinado a lista de presença, abandonando a classe logo no início do exame. Houve, também, quem usasse a prova para colar adesivos de apoio ao boicote que estavam sendo distribuídos aos candidatos na frente da Faculdade Campos Sales.

O protesto é porque, no entendimento dos estudantes, as provas do Enade não avaliam nada: nem o aluno e nem o professor.

Jornal Escola
e comunidade



40 professores da região visitaram a unidade da Rhodia de São Bernardo

Educadores fazem excursão cultural

O evento mais marcante do apoio cultural da Rhodia ao Programa Jornal, Escola e Comunidade é a excursão cultural ao parque industrial da empresa, que ocorre tradicionalmente, todos os anos. Na última quinta-feira, 40 educadores visitaram a fábrica de São Bernardo do Campo, que produz plásticos de engenharia e polímeros.

Frases

Os visitantes foram recebidos pelo presidente da Rhodia na América Latina, Marcos de Marchi, que fez a palestra de abertura, com considerações sobre a posição da química no mundo moderno, a tendência de desenvolver tecnologias que favoreçam o processo de reciclagem, a participação da Rhodia Energy em projetos de redução de emissões de gases de efeito estufa e informações gerais sobre a atuação da empresa no mundo.

Os professores tiveram a oportunidade de dialogar com De Marchi, pedindo esclarecimentos e dando opiniões. A diretora de comunicação da empresa, Odete Duarte, assim como De Marchi, destacaram a importância que a Rhodia dá à Educação.

Além da cultura tecnológica, a excursão teve também uma parte voltada à formação dos professores, com especialistas em desenvolvimento pessoal e interpessoal.

Rita Mendonça, do Instituto Romã, citou através de vivências, atitudes que promovem o bem estar do professor e que podem ser aplicadas em classe. A especialista em Gestão de Pessoas, Luciane de Albuquerque, do Departamento de Recursos Humanos da Rhodia, apresentou conceitos essenciais de comunicação interpessoal necessário no cotidiano das empresas e da prática escolar.

TECNOLOGIA

Para que são desenvolvidas novas tecnologias? Que pesquisas tecnológicas a Rhodia realiza? Como são estas pesquisas de comunicação interpessoal necessários no cotidiano das empresas e da prática escolar. Para que são desenvolvidas novas tecnologias? Que pesquisas tecnológicas a Rhodia realiza? Como são estas pesquisas de comunicação interpessoal necessários no cotidiano das empresas e da prática escolar.

Outro problema comum foi a apresentação de cartelas de identidade emitidas na época em que o candidato ainda não era alfabetizado, o que acabou provocando uma grande fila para que essas pessoas fossem identificadas por meio de sua impressão digital. Só após esse procedimento elas foram encaminhadas às salas.

A estudante Andressa Navarro de Araújo, de 16 anos, foi embora frustrada por não ter conseguido fazer o exame para disputar uma vaga no curso de técnico em mecânica. Ela explicou a situação: "Perdi minha carteira com todos os documentos. Tentei fazer o exame com a cópia do RG, mas não deixaram".

VESTIBULINHO

Disputa por vaga nas Etecs continua acirrada

DA REDAÇÃO
O Centro Paula Souza deve divulgar hoje o índice de abstenção nas provas do vestibulinho das 138 Escolas Técnicas Estaduais (Etecs), realizadas ontem. Na Etec Aristóteles Ferreira, em Santos, um total de 385 pessoas, 12% dos inscritos, não compareceram para fazer as provas.

Com isso, permanecem na disputa pelas 2.230 vagas oferecidas 2.852 estudantes que fizeram as provas, o que representa uma relação média de 1,2 candidato por vaga.

Os aprovados nas sete unidades existentes na Baixada serão conhecidos nos dias 10 e 11 de janeiro, quando serão publicadas as listagens oficiais de classificação geral na Etec onde o candidato pretende estudar. Os interessados podem conferir o gabarito (veja quadro) com as 50 alternativas corretas em cada um dos cadernos de respostas. Na Etec Aristóteles Ferreira as provas começaram às 13h50, ou seja, com 20 minutos de atraso. De acordo com a coordenadora do vestibulinho na Baixada Santista, Mara Lúcia Prata

Gabarito oficial

Questão	Alternativa	Crêditos de desempenho	Questão	Alternativa	Crêditos de desempenho
1	D	2	27	A	1
2	D	2	28	E	1
3	E	1	29	A	1
4	E	1	30	B	1
5	D	5	31	B	1
6	E	4	32	D	1
7	B	2	33	D	1
8	A	1	34	A	3
9	E	4	35	B	1
10	E	4	36	B	1
11	A	1	37	A	1
12	A	1	38	B	3
13	C	3	39	E	4
14	A	2	40	E	3
15	E	2	41	B	3
16	D	4	42	D	2
17	B	1	43	C	1
18	C	4	44	D	4
19	D	3	45	D	2
20	B	2	46	E	1
21	C	3	47	B	3
22	B	3	48	A	1
23	C	3	49	E	2
24	C	1	50	C	2
25	C	5			

- Créditos de desempenho**
- 1. Aplicar conhecimentos desenvolvidos no ensino fundamental para compreensão da realidade e resolução de problemas;
 - 2. Analisar criticamente argumentos e procedimentos quantitativos;
 - 3. Avaliar ações e resultados de acordo com critérios estabelecidos;
 - 4. Reconhecer e mobilizar diferentes formas de linguagem, orais e escritas e técnicas de comunicação e aprendizado;
 - 5. Interpretar gráficos, tabelas, charges, textos, artigos, mapas e outras formas de representação do mundo imaginário;
 - 6. Ter maior consciência;
 - 7. Ser social.

Número

12

por cento
foi o índice de abstenção registrado na Etec Aristóteles Ferreira

de Andrade, muitos candidatos deixaram para a última hora a verificação do local da prova. Um plantão telefônico para dúvidas desse tipo foi disponibilizado gratuitamente para evitar problemas.

"Os inscritos tiveram três dias para se informar, mas muitos deles não tiveram essa preocupação. Por causa disso, acabaram indo para a escola errada e precisaram correr para não perder o exame".

Outro problema comum foi a apresentação de cartelas de identidade emitidas na época em que o candidato ainda não era alfabetizado, o que acabou provocando uma grande fila para que essas pessoas fossem identificadas por meio de sua impressão digital. Só após esse procedimento elas foram encaminhadas às salas.

25% desconto
Turmas à tarde

RISQUE A PALAVRA DESEMPREGO DE SUA VIDA. CARRERA PÚBLICA UMA ÓTIMA REMUNERAÇÃO E ESTABILIDADE PROFISSIONAL PARA VIDA INTEIRA.

SEM EXPERIÊNCIA ANTERIOR - SEM LIMITES DE IDADE - ANOS OS SENOS - APRENDIZADO APROPRIADO - PROFESSORES ESPECIALIZADOS

Seja Oficial de Justiça R\$ 3.351,51 *598 Vagas	Seja Fiscal Federal R\$ 10.200,00 *1.800 Vagas	Tec. Previdenciário R\$ 2.269,71 *1.000 Vagas
--	---	--

Curso Interdisciplinar - Turmas completas em poucos meses

Portal dos Concursos
Av. Cons. Nébias, 370 - Santos
www.portalconcursos.com.br
Tel.: 3224.1516

Parada Obrigatória

14	Seduc Guarujá	8030
19	Sed. Santos	13130
21	Seduc São Vicente e Seduc Praia Grande	8030
22	Seduc Santos e Seduc Cubatão	13130
23	Seduc São Vicente e Seduc Mongaguá	8030
Escolas técnicas (país de Perulbe)		
		13 horas
27	Escolas Particulares, entidades e Ongs	13h30

APRENDIZADO

Rhodia
Cursos S.A.

Serviço

O Programa Jornal Escola e Comunidade é desenvolvido por A Tribuna em parceria com o objetivo de formar cidadãos melhores. Para saber mais sobre o programa, acesse o site www.tribuna.com.br/jornal-escola. Telefone: 3224.1516 e e-mail: jornal-escola@tribuna.com.br

Figura 20 – Coluna Jornal Escola publicada em A Tribuna (12/11/2007)
Fonte: Arquivo digital Jornal A Tribuna

ENSINO SUPERIOR. Prova teve recorde de inscritos, mas número de faltosos surpreendeu

Vestibular da Fatec-BS é marcado por abstenções

DA REDAÇÃO

O número recorde de inscritos do vestibular para o 2º semestre das Faculdades de Tecnologia (Fatecs) Baixada Santista, realizado no início da tarde de ontem, foi sorrido pelo de abstenções. A diretora de serviços da Fatec, Marilene de Oliveira Rodrigues, não soube informar quantos candidatos deixaram de fazer a prova, mas garantiu que foi "muito, mas muito grande" o índice de faltosos.

No total, 1.771 pessoas haviam se candidatado às 200 vagas oferecidas nos cursos em Santos (Processamento de Dados, Informática para a Gestão de Negócios e Logística de Transportes).

O vestibular foi realizado em três unidades da Avenida Bartolomeu de Gusmão (sede da Fatec, ETE Dona Ecolástica Rosa e EE Dr. Antônio Abias Filho), na orla da praia, e na ETE Aristóteles Ferreira, na Avenida Epitácio Pessoa. Os portões foram abertos às 13 horas e fechados às 13h30.

Guilherme dos Santos ficou do lado de fora da ETE Aristóteles Ferreira esperando a namorada, Dávile Geiteira, enquanto ela fazia o exame. "Saímos de casa às 11 horas, no Canal 3, para não chegarmos atrasados", contou o rapaz. "Umás sete pessoas chegaram aqui e deram de cara com o portão fechado".

Na Ecolástica Rosa e na sede da Fatec, cerca de dez pessoas chegaram após o fechamento dos portões e foram barrados. Fabian Pablo ficou indignado. "Estava desde o meio-dia esperando o ônibus, lá na Conselheiro Nébias".

Rafael Rodrigues Pontes também ficou frustrado ao chegar e encontrar os portões



Mais de 1.700 pessoas se inscreveram para concorrer às 200 vagas oferecidas nas unidades da região

Gabarito oficial

Questão	Alternativa	Disciplina	Questão	Alternativa	Disciplina	Questão	Alternativa	Disciplina
1	B	Matéria	17	C	Inglês	33	E	Geografia
2	A	Matéria	18	A	Inglês	34	E	Geografia
3	D	Matéria	19	C	Matemática	35	D	Geografia
4	B	Matéria	20	C	Matemática	36	B	Geografia
5	E	Matéria	21	B	Matemática	37	E	Biologia
6	B	Matéria	22	A	Matemática	38	B	Biologia
7	C	Química	23	E	Matemática	39	C	Biologia
8	E	Química	24	D	Matemática	40	C	Biologia
9	C	Química	25	B	Física	41	D	Biologia
10	E	Química	26	D	Física	42	A	Biologia
11	D	Química	27	D	Física	43	A	Português
12	E	Química	28	B	Física	44	C	Português
13	B	Inglês	29	E	Física	45	A	Português
14	E	Inglês	30	A	Física	46	E	Português
15	B	Inglês	31	D	Geografia	47	D	Português
16	A	Inglês	32	A	Geografia	48	A	Português

Fonte: Fatec

fechados. "Peguei o ônibus 12h40 e demorei muito para vir para cá".

EDITAL

Um outro candidato, Renato Costa, apesar de chegar a tempo e até entrar na escola, teve de dar meia-volta e sair. "Eu

vim com o RG autenticado (cópia) e não aceitaram. Falaram que só podia ser o RG original", relatou, reclamando que já havia feito outros vestibulares que aceitaram a cópia autenticada. Contudo, segundo ele mesmo, o edital apontava a necessidade do RG original.

"Estava no edital", confirmou a diretora de Serviços da Fatec. Com relação aos demais candidatos que chegaram atrasados, Marilene destacou que, durante a semana, já havia sido noticiado para que todos saíssem com antecedência para evitar atrasos.

Jornal Escola e comunidade

Paradas obrigatórias redirecionam ações

As seis reuniões de parada obrigatória para avaliação das atividades do Programa Jornal, Escola e Comunidade (JEC) deram uma visão panorâmica dos avanços e dificuldades deste semestre.

Embora a tabulação dos resultados da avaliação formal ainda não esteja concluída, os relatos e amostras já coletadas revelam as unidades mais comprometidas, os trabalhos que mais se ajustam com os objetivos do JEC, ou seja a formação de leitores.

Foram levantados fatores que interferem no andamento do trabalho e discutidas formas de minimizá-los, como a troca de profissionais das escolas, acúmulo de projetos, desinteresse de alguns professores, desencontros de comunicação, entre outros.

A líder de comunicação entre o JEC e as unidades é uma das prioridades. Para isso, esta coluna, deve ser afixada em local visível, na sala dos professores. O site do programa também deve ser consultado periodicamente e o sistema de comunicação via e-mail pode ser melhorado com opções alternativas de endereços, além do oficial da escola.

O sistema de gestão do JEC deste ano foi avaliado. Os mediadores de coordenação de cada órgão tiveram oportunidade de estreitar relações com os coordenadores das unidades. As cidades em que o sistema está dando já mostram resultados.

O Litoral Sul, apesar de mais distante, mais uma vez entregaram as fichas de avaliação, incluindo as amostras de De Olho na Cidade, Cantinho da Leitura e Faça sua Escola Acontecer, devem entrar em contato urgente com o responsável de seu órgão. As escolas particulares e ongs, diretamente com o JEC.

Os professores que tiverem projetos e práticas de leitura bem sucedidas poderão encaminhá-las para o Proter até o dia 2 de agosto. O regulamento para o Troféu Proter 2007 foi distribuído nos encontros. Mais informações podem ser obtidas na coordenação do Proter, pelo telefone 3202-7100.

AMANHÃ

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

NEGOCIAÇÃO

Rematrícula exige atenção extra

DA REDAÇÃO

O primeiro semestre de 2007 está chegando ao fim e, junto com ele, vem o período de rematrícula nos cursos superiores. Para muitos estudantes esse é o momento de quitar ou negociar as dívidas das mensalidades não pagas, e, por falta de recursos financeiros, alguns deles acabam se afastando dos estudos.

Advogado especializado em Direito Educacional, Davi Lima Prada alerta para alguns direitos dos estudantes que devem ser respeitados pelas instituições de ensino.

De acordo com Lima Prada, é necessário que os estudantes fiquem atentos aos seguintes pontos: aluno que estiver matriculado em cursos com grade curricular anual não é obrigado a efetuar a rematrícula semestral; a faculdade ou universidade não pode reduzir o valor das mensalidades antes do

Como negociar

Unimes

O aluno que tiver uma ou mais mensalidades em aberto com a instituição poderá parcelar a dívida em até quatro vezes, a começar por este mês.

Unimonte

Os estudantes com mensalidades em aberto devem entrar em contato com a instituição para verificar as políticas de negociação.

período de um ano, após a assinatura do contrato de matrícula; o Ministério da Educação (MEC) proíbe a cobrança de qualquer tipo de taxa por parte das instituições de ensino superior para a emissão de documentos para a transferência do aluno.

Além dessas questões, o ad-

visão lembra que o aluno deve procurar a para estudar a melhor forma de quitar as pendências para que ele possa se matricular no próximo semestre letivo.

Unisantos

A Universidade Católica mantém a política de estudar caso a caso, obtendo diversas formas de acordo e parcelamento dos débitos.

Lusitadas

A instituição informou que o aluno deve procurar a para estudar a melhor forma de quitar as pendências para que ele possa se matricular no próximo semestre letivo.

DIVIDORIA

O Centro dos Estudantes de Santos e Região Metropolitana

Unimonte

Os estudantes com mensalidades em aberto devem entrar em contato com a instituição para verificar as políticas de negociação.

Unimonte

Os estudantes com mensalidades em aberto devem entrar em contato com a instituição para verificar as políticas de negociação.

Unimonte

Os estudantes com mensalidades em aberto devem entrar em contato com a instituição para verificar as políticas de negociação.

Unimonte



JEC ainda recebe amostras de atividades do semestre

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

AMANHÃ acontece às 8h30, o Encontro de Professores de Séries Iniciais, incluindo EJA, o último do semestre. Porém as atividades administrativas do JEC continuarão funcionando. As inscrições devem ser feitas pelo telefone 2102-7153. Não será permitida a entrada dos não inscritos.

Comunicação

BENEFICENTE

AMEM
A Assistência ao Menor Enfermo Mental (Amem) solicita a doação de colchões para acomodação de assistidos pelo projeto. A entidade fica na Rua Prudente de Moraes, 55. Mais

informações pelo telefone 3235-2373.

Casa da Criança
A Associação Casa da Criança de Santos realiza um Bazar Beneficente toda quinta-feira, das 14 às 17 horas, na Avenida Conselheiro Nébias, 560. Mais informações pelo telefone 3234-9555.

lefone 3223-4500.

Educandário
O Educandário Santista realiza às terças e quintas-feiras, das 16 às 17 horas, o Bazar do Probitudo. O evento acontece na Avenida Conselheiro Nébias, 560. Mais informações pelo telefone 3234-9555.

Máezinha Joana
O Recanto de Idosos Máezinha Joana dispõe de vagas para senhoras e senhoras a partir de 60 anos. O esquema é casinha com diversos serviços de lazer. Mais informações pelo telefone 3225-4070.

Serviço

APÓIO CULTURAL
Rhodia
O Programa Jornal Escola e Comunidade é desenvolvido por A Tribuna como objetivo de formar cidadãos leitores conscientes e participativos. Para saber mais sobre o programa, acesse o site www.tribuna.com.br/jornal-escola. Telefone: 2102-7153. E-mail: jornalecolab@tribuna.com.br

Figura 21 – Coluna Jornal Escola publicada em A Tribuna (2/7/2007)

Fonte: Arquivo digital Jornal A Tribuna

A democracia invade a escola

Alunos conquistam votos dos colegas fazendo campanha como numa eleição de verdade



Os alunos se envolveram no processo eleitoral realizado na escola



Os votos foram dados com base nas propostas dos candidatos

DA REDAÇÃO

As eleições municipais do próximo dia 7 estão movimentando o noticiário e as ruas das cidades brasileiras. Cavaletes, bandeiras e santinhos dos candidatos estão por toda parte. É natural que isso vá parar também nas salas de aula.

Para envolver os alunos no processo eleitoral, a Escola Estadual Professor Rene Rodrigues de Moraes, situada no Jardim Helena Maria, em Guarujá, desenvolveu o Projeto Eleições na Escola 2012.

"Nossos alunos percebem isso em casa e, na escola. Mesmo que ainda não sejam eleitores, eles acabam se interessando, comentando e se informando a respeito dos candidatos e de suas propostas. Por isso, montamos o projeto na escola. O momento favorece bastante o trabalho com questões ligadas à cidadania, à democracia e à



Alunos mesários tiveram participação importante na aula de democracia

responsabilidade social", explica a educadora e psicopedagoga Gisele Eirós, coordenadora da unidade de ensino.

Os alunos do 6º e 7º anos da unidade arregaçaram as mangas e saíram para conquistar

eleitores. Cada classe se dividiu em grupos e escolheu candidatos a vereador, prefeito e vice. Em seguida, os alunos criaram nomes e siglas para os partidos. Depois, cada grupo criou uma proposta de governo e um slogan para a campanha. O candidato a prefeito, por exemplo, tinha que detalhar as prioridades do seu governo e justificar por que os alunos deveriam votar nele.

E só valeu campanha eleitoral honesta: material de propaganda como cartazes, santinhos dos candidatos, frases, músicas e visitas em cada clas-

se para reunir votos foram liberados. Nada de balas, doces ou qualquer tipo de brinde para conquistar a simpatia dos colegas. A base era a proposta dos candidatos. Candidato ficha suja não teve vez.

Confeccionados os títulos eleitorais, alunos mesários recolhiam os votos dos colegas. No dia da eleição, 21 vereadores e um prefeito foram eleitos, na contagem de votos supervisionada por professores e fiscais dos partidos.

Na atividade, diferentes disciplinas como Língua Portuguesa (leitura e escrita informal; elaboração de discursos; produção de textos) e História (história das eleições, estudo dos Três Poderes) foram unidas em prol da democracia.

A atividade fez com que os alunos compreendessem o processo eleitoral.

"Eles agora sabem seus direitos e obrigações e as características das eleições. Têm noção de identidade nacional e o conceito de democracia e ideia do que são partidos políticos e suas siglas, para que serve uma convenção, um comício e tem mais intimidade com a urna e com o título de eleitor", disse a coordenadora.

APOIO INSTITUCIONAL

Rhodia
 Chemistry is our world, responsibility is our way

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALIS
www.anj.org.br

O programa produzia sempre suplementos especiais, Silvia Costa (2014) afirma “Eram feitos em média um exemplar por ano, com o Balanço dos resultados obtidos no período.”

Figura 23 - Suplemento Especial 10 anos - Capa
Fonte: A Tribuna (02.12.2002).



Figura 24 - Suplemento editado em 2.12.2002 A Tribuna – Página Central.
Fonte: A Tribuna (02.12.2002).



Figura 25 - José Pacheco e Silvia Costa – Coimbra/Portugal Gravação do DVD (2006)
Fonte: DVD – cedido arquivo pessoal Silvia Costa

2.4 Área de atuação

Atualmente, o Programa atende cerca de 100 unidades, entre escolas das redes pública e privada, de Ensino Fundamental, Médio e Superior, além de instituições, ONGs e associações que desenvolvem atividades socioeducativas, segmentos específicos como educação de jovens e adultos, educação especial e ensino profissionalizante, além de instituições de ressocialização (presídio, por exemplo).

O Projeto, nos seus 21 anos de existência, passou por transformações, abaixo cronologia dos fatos,

a) 1992 – 2008: Estes 16 anos foram coordenados por Silvia Costa, pedagoga.

Proposta inserir o jornal na escola como instrumento de leitura, tornando o leitor crítico e avaliavam reportagens. O relacionamento do projeto se dava com as Prefeituras e Secretárias de Ensino.

b) 2008: A partir de setembro, o contato é direto com as escolas e professores, encurtando o caminho. O projeto passa a ser coordenado por Carolina Morgado, jornalista tornando assim o aprendizado com um foco atual, mais real e ligando com a utilização do mesmo no dia a dia.

Concursos culturais que estimulam alunos e valorizam professores, ligados sempre a temas do semestre.

c) 2010: A estrutura de contato com a rede de ensino é através de reuniões bimestrais e tem um encontro por semestre para fechamentos dos anos.

A partir deste ano passa a atender Fundação Casa, unidade de internação, Presídios. Os encontros são temáticos e as oficinas abrangem a leitura crítica com produção.⁶

d) 2013: Até esta data, pela experiência do Projeto, cerca de 80 mil alunos e 2000 professores foram atendidos.

⁶ N.A.: Esta informação não condiz com os depoimentos.

2.4.1 Abrangência

O Programa Jornal Escola, Comunidade, está presente onde há circulação do Jornal A Tribuna, dentro dos nove municípios da Baixada Santista (Santos, São Vicente, Praia Grande, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe), o jornal e o Programa fazem parte da Associação Nacional de Jornais, e o impresso é o terceiro título mais antigo do Brasil completando 120 anos no dia 26 de março de 2014.



Figura:32 Mapa Região Metropolitana da Baixada Santista
Fonte: web

Escolas participantes, dados Nov/2013. A seguir uma tabela que registra o número de instituições por cidade, tipo, somatória dentro da Baixada

Tabela 1 – Instituições Participantes por cidade no Programa.

Escolas Participantes de 2013	Litoral Paulista
Bertioga Escolas Estaduais: 2	2
Cubatão Escola Estadual: 1 Escolas Municipais: 5 Ong: 1	7
Guarujá Escolas Municipais: 2 Ongs: 1 Penitenciária: 1	4
Itanhaém Escolas Municipais: 20 Escola Estadual: 1 Escola Técnica: 1	22
Mongaguá Escolas Municipais: 5 Penitenciária: 1	6
Peruíbe Escolas Municipais: 3 Escolas Estaduais: 1	4
Praia Grande Escola Estadual: 1 Escola Municipal: 13 Escola Particular: 1 Ong: 1 Penitenciária: 1	17
Santos Escolas Particulares: 4 Escolas Municipais: 14 Escolas Estaduais: 4 Ongs: 1 Escola Técnica: 1	24
São Vicente Escolas Municipais: 5 Escolas Estaduais: 2 Ongs: 4 Penitenciária: 1	12
Total de Escolas →	98

Fonte: JEC

Tabela 2 - Tabela escolas separadas por cidade/segmento

ESCOLAS SEPARADAS POR CIDADE, SEGMENTO E NOME/2013	
BERTIOGA	PERUÍBE
E.E. Maria Celeste Pereira Leite	E.M. Liliam Neri de Souza
E.E. Armando Belegarde	EMEF Maria Amélia Ribas Capilombo
Estaduais: 2	EMEF Profª Terezinha Rodrigues Kalil
CUBATÃO	EMEF Delcélia Joselita Machado Bezerra
UME Estado do Mato Grosso	Municipais: 3
Grupo Lazer e Cidadania	Estaduais: 1
UME Ulysses Guimarães	GUARUJÁ
UME Profª Maria do Rosário Lopes Franco	E.M. Lucimara de Jesus Vicente
UME Padre Manoel da Nóbrega	Fundação Casa do Guarujá
UME Sofia Zarzur	E.M. Angelina Daige
E.E. Mal. Humberto de Alencar Castelo Branco	CAMP Guarujá
Estaduais: 1	Municipais: 2
Municipais: 5	Ongs: 1
Ong: 1	Penitenciária: 1
PRAIA GRANDE	
CAMP Praia Grande	E.M. Profª Maria Clotilde Lopes Comitre Rigo
Fundação Casa Praia Grande I	E.M. 19 de Janeiro
E.M. Lions Clube Ocian	E.M. Profª Isabel Figueroa Bréfere
E.M. Drª Ana Maria Babette Bajer Fernandes	E.M. Ronaldo Sérgio Alves Lameira Ramos
E.M. Antônio Peres Ferreira	E.M. Dr. Wilson Guedes
E.E. Alexandrina Santiago Netto	E.M. Ary Cabral
E.M. Governador Franco Montoro	Estadual: 1
E.M. Anahy Navarro Trovão	Municipais: 13
E.M. Vila Mirim	Particulares: 1
Colégio Carlo Arrojado	Ong: 1
E.M. Dorivaldo Francisco Loria	Penitenciária: 1
SÃO VICENTE	
EMEF Prof.ª Laura Filgueiras	EMEI Anuar Frayha
E.E. Margarida Pinho Rodrigues	EMEF Carolina Dantas
E.M. Matteo Bei	Casa Crescer e Brilhar
Penitenciária Dr. Geraldo de Andrade Vieira	CAMP São Vicente
Associação Notre Dame de Educação e Cultura	E.E. Antônio Luiz Barreiros
E.E. Profª Paulo de Arruda Penteado	Municipais: 5
Assoc. de Ação Cult. e Social Lizeth de Souza Freitas	Estaduais: 2

EMEF Armindo Ramos	Ongs: 4
	Penitenciária: 1
SANTOS	
Colégio Anglo Santista	Colégio Afonso Pena
Colégio Átrio	E.E. Braz Cubas
UME Martins Fontes	E.E. Cleobulo Amazonas Duarte
UME Profª Maria de Lourdes Borges Bernal	UME Ayrton Senna da Silva
UME Dr. José Carlos de Azevedo Jr.	UME João Papa Sobrinho
UME Professor Florestan Fernandes	UME José Bonifácio
UME Lourdes Ortiz	UME Judoca Ricardo Sampaio Cardoso
CAMPS Santos	UME Profª Mário de Almeida Alcântara
CEB 30 de Julho	C.E.C.T.I Acácio de Paula Leite Sampaio
Colégio Coração de Maria	Pró Viver Obras Sociais e Educacionais
E.E. João Octávio dos Santos	Particulares: 4
Escola Politécnica Treinasse	Municipais: 14
UME Dr. José da Costa e Silva Sobrinho	Estaduais: 4
UME Padre Lúcio Floro	Ongs: 1
Centro Educacional Sesi 412	Esc. Técnica: 1
TOTAL GERAL	
ONGS: 5	MUNICIPAIS: 68
PENITENCIÁRIAS: 4	ESTADUAIS: 12
ESCOLA TÉCNICA: 2	PARTICULARES: 5
CAMPS: 4	

Fonte: JEC

2.4.2 Operacionalização do programa/equipe JEC

O contato e dinamismo traçado entre a redação e o programa traziam essência ao dia a dia da redação e do programa. Os editores e jornalistas eram parceiros tanto na elaboração de projetos como na interação com os professores e alunos;

O departamento de marketing de A Tribuna⁷, sempre utilizava as reuniões do Programa para divulgar entre este público segmentado e seletivo de coordenadores e professores campanhas educativas, que realizávamos periodicamente para toda região, como Lixo no Lixo – Cidade no Capricho, Campanhas de Trânsito e muitas outras. A

⁷ N.A. – Trabalhei no Jornal A Tribuna de Santos no período de 1996 a 2013.

proximidade deste segmento na sede do jornal possibilitava vários trabalhos conjuntos. E além de poder contar sempre no planejamento do marketing com ideias sempre latentes e pertinentes de Silvia Costa que tinha uma proximidade incrível com demandas que poderiam ser trabalhadas, algumas viravam grandes projetos e outras não.

No período compreendido pela pesquisa a equipe do JEC era formada pela coordenadora, 1 jornalista (que fazia a coluna do Jornal Escola e matérias do programa), 1 estagiário (a) de jornalismo, 1 funcionária readaptada de outro setor.

O dever da equipe é estar sempre dando o apoio necessário para esclarecimentos sobre o Programa e para orientações pedagógicas quanto à utilização do jornal em sala de aula e ambientes sócios educativos.

“Quando observo outros programas de outras cidades à amplitude conquistada por este é como se a lente deste fosse 360”. A atuação envolvia uma gama multidisciplinar enquanto nos outros, isso não acontecia, comenta Silvia Costa.

2.4.3 As dificuldades presentes na gestão

Na gestão de Silvia Costa, não quer dizer que tudo isso foi extremo sucesso, e que não houve problemas e que os professores, em geral, trabalhavam e respondiam plenamente aos comandos. Mas a gestora sempre chamava para si, como parte de sua coordenação desde: pesquisar, planejar, propor, incentivar, fornecer orientações especializadas, fontes de pesquisas, troca de experiências exitosas, publicação de experiências inovadoras. Mas tinha também a certeza de que o êxito dependia do comprometimento e da competência de cada professor, monitor, agente de leitura levar as propostas para a prática, somadas à bagagem e criatividade de cada um.

Na época, Helena Gomes (2014), que logo depois assumiu a editoria de A Tribuninha, um suplemento infantil de A Tribuna, lembra:

[...] muitos professores achavam que trabalhar com o jornal em sala de aula se restringia a fazer recortes de reportagens e colagens em murais. Mas a proposta da Silvia ia muito além. Sua atuação junto aos professores procurava mostrar como eles poderiam trabalhar com os alunos temas como valores, questões sociais, vivências, meio ambiente e muitos outros, aproveitando a riqueza de informações divulgadas diariamente pelo jornal.

O Entrevistado X (2013), um dos que interagiu por um grande período, como assessor de imprensa de uma das escolas atendidas pelo Programa, lembra-se das dificuldades do programa:

Para acontecer dentro da escola o docente teria que arrumar um tempo, uma brecha no seu cronograma, teria que trabalhar preparar algo a mais. Exigia do professor que preparasse uma aula especial. A mais do que já tinha como atribuição.

E conclui: “Poderia ser mais bem mais aproveitado, uma pena...”.

Dentro do programa existiam sempre dois grandes desafios para a coordenação, como ressalta o Entrevistado X, “o primeiro era: dificuldades em manter quorum nas reuniões e o segundo: envolvimento dos docentes e coordenadores com o Programa”.

Um dos professores universitários que mais interação teve com o Programa, Helio Hallite (2014), em sala de aula, há vinte e seis anos, e participante do programa há 10 anos, coloca:

Alguns professores mostravam descaso para quaisquer iniciativas. Eram poucos, porém, causavam decepção. Mesmo assim, Silvia Costa sabia levantar os ânimos.

Helena Gomes (2014) que atuou profissionalmente com o Programa na gestão de Silvia lembra:

Não são aspectos negativos do programa em si, mas situações rotineiras que complicavam sua aplicação: resistência dos jornalistas em entender a proposta e a infraestrutura deficiente fornecida pela empresa que, na época, não parecia valorizar de fato o programa. Lembro que a Silvia levava seu computador pessoal para o trabalho porque o computador da empresa era tão velho e lento que parecia movido à manivela. Além disso, era bastante constrangedor receber para palestras e workshops um grupo grande de professores (muitos que iam à sede do jornal pela primeira vez) no único local disponibilizado pela empresa: um salão decadente, caindo aos pedaços, desconfortável e, claro, com um ventilador barulhento (e de pedestal!) para refrescar o ambiente, mesmo no verão mais escaldante.

Na atual gestão o local é muito confortável, amplo, climatizado, existem verbas para os lanches, o café, tudo está muito mais bonito e adequado. Menos sofrido em relação à antiga gestão.

Rivaldo Santos (2014) atual secretário de comunicação de Santos e na época repórter de A Tribuna, diz:

[...] que um aspecto negativo, era os próprios jornalistas, e ele não fala da diretoria. Fala dos colegas, às vezes não entendia o quanto importante era aquela iniciativa. Quanto prioritária era. Enxergavam às vezes como mais trabalho, um fardo, não tinha estímulo, não viam a importância daquele programa.

Sempre que alguém tivesse em si uma paixão pelo jornalismo ou pela educação logo se ligava ao Programa, e se tornava mais um na parceria com Costa.

Lembro-me das reuniões de pauta, ela falava com tanta paixão, pedia e estimulava pautas didáticas, com gráficos, para melhor entendimento do público leitor. E sempre dava feedback de tudo para quem vivia essa latência com ela. Mas tinham os que não sintonizavam, não se envolviam... (Rivaldo, 2014)

A atual editora-executiva de A Tribuna lembra que os aspectos negativos do programa é que:

[...] havia muito problema de entrega do jornal nas escolas. Além disso, muitas recebiam jornais velhos, o que era pouco atraente para um trabalho em sala de aula com jovens que já não têm o hábito e o prazer de ler jornal impresso. Acho, sinceramente, que o programa deveria se voltar também para as plataformas digitais, sem perder sua essência. Seria uma forma de manter o vínculo do público mais jovem com o meio jornal. (AUGUSTO, 2014)

E complementa seu depoimento:

[...] ela era excepcional, muito engajada e participativa. Em todos os eventos que fui com ela, sempre me surpreendi com o respeito que os demais coordenadores de programas dos outros jornais tinham por ela, da reverência que faziam. Mesmo com os poucos recursos de que dispunha - materiais e de mão de obra - sempre se desdobrava para dar conta de tanta demanda. E ela tinha muito prazer no contato com professores e escolas, o que fazia dela realmente uma líder.

2.5 O trabalho com jornal na universidade

Este ponto de vista, fundamentalmente, servirá como referencial da realidade em que o futuro profissional irá atuar. É preciso conhecer o campo de atuação, as necessidades da sociedade para que os universitários desenvolvam propostas científicas e planos de trabalho pertinentes.

O intercâmbio Universidade/Jornal facilitará a divulgação das pesquisas realizadas, permitindo assim à comunidade tomar conhecimento dos projetos que são desenvolvidos. Pode ser um impulso para o jornalismo científico e com isto, estaremos contribuindo para uma ciência menos elitista, que pode ser vislumbrada pelos leitores interessados que já deixaram a universidade ou que nunca conseguiram lá chegar.

Silvia Costa cita a jornalista e bibliotecária Alice Ferry de Moraes que em sua dissertação de mestrado colocou a importância da informação científica como fonte de pesquisa para a produção do conhecimento nas Universidades. Entre muitos outros fatores por ela apresentados, pode-se destacar as seguintes:

- A falta de preservação da memória nacional, local, institucional, até pessoal, aliada à dificuldade de acesso aos diversos tipos de arquivos, contribui para o uso do jornal como fonte de pesquisa.
- O jornal, com o alongamento do discurso oficial é procurado pelos pesquisadores que buscam identificar a ideologia vigente.
- A estratégia discursiva da informação jornalística utiliza a narrativa de conflitos sociais, nem sempre presente nos discursos oficiais.
- Os pesquisadores utilizam também o jornal como objeto de pesquisa analisando sua participação nas formações da opinião pública da identidade nacional e na divulgação científica.

Um dos grandes desafios do Programa segundo Silvio Bispo, mestrado em educação e atuante no Jornal Escola desde 1992, é “O pouco envolvimento dos professores nesse trabalho. Muitos docentes insistem num ensino hermético e descontextualizado, rejeitando o uso do jornal”.

2.6 O programa e sua visibilidade

São poucos os documentos que Silvia Costa ou o próprio Jornal tem a respeito de outros veículos que tivessem noticiado o Programa, mas aonde ia uma palestra, abria-se um noticiário, às vezes jornais de fora da cidade, às vezes publicações segmentadas, como é o caso do jornal Proler – Baixada Santista.

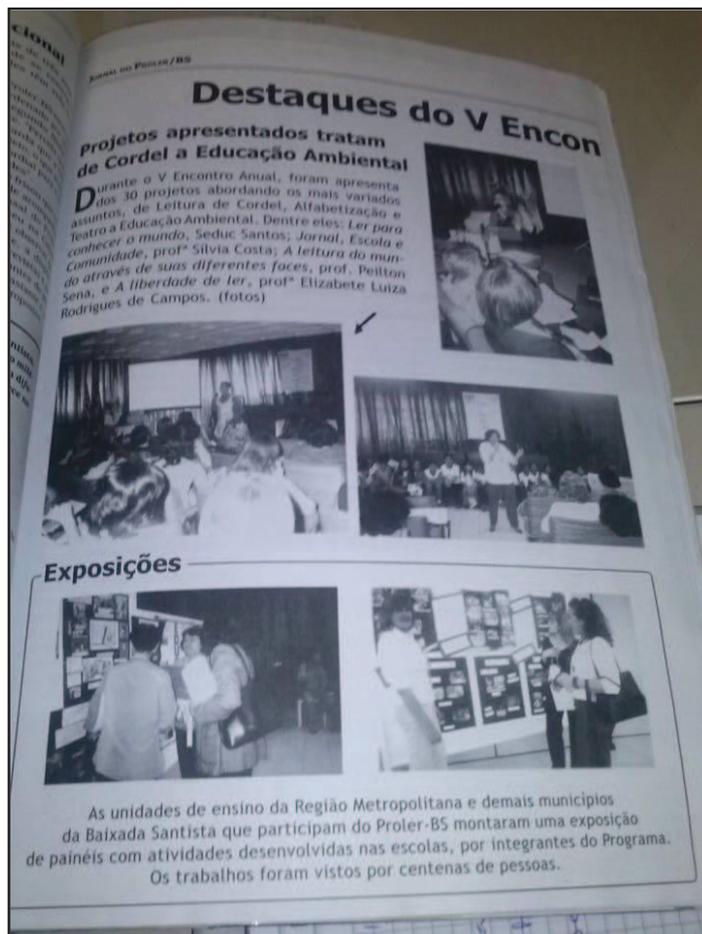


Figura 26 - V ENCOM Anual, programa palestra de Silvia Costa e de Peilton Sena.
Fonte: Acervo pessoal de Peilton Sena.



Figura 27 – Notícia presença do Secretário de educação Gabriel Chalita, (dez/2012) 10 anos Jornal Escola
Fonte: Site Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Uma grande figura do cenário Português da educação, Sr. José Pacheco foi parceiro com Silvia Costa, na publicação de um DVD, projeto entrevista, realizado e coletado em Portugal.

Em entrevista com o Sr. José Pacheco, que esteve em Santos em setembro de 2013, num evento estadual, que é reconhecido internacionalmente como educador, especialista em leitura e escrita, e mestre em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. Desde 1976, coordenou a Escola da Ponte, da qual é idealizador, instituição que se notabilizou pelo projeto educativo baseado na autonomia dos estudantes, até à data da sua aposentadoria.

Está no Brasil morando desde Abril de 2011 colaborando diretamente no Projeto Âncora, uma ONG em Cotia, São Paulo, que segue o mesmo ou idêntico modelo de ensino. Colocou que está “muitíssimo feliz morando no Brasil”. E mais que no Brasil está nascendo neste projeto que está envolvido “uma nova educação, uma nova escola”.

É também autor de livros e de diversos artigos sobre educação, definindo-se como "um louco com noções de prática".

Era tradição o programa encerrar o ano com uma exposição de amostras dos trabalhos realizados. Era sempre uma forma de mostrar os resultados para a área administrativa do jornal e para também integrar e envolver as escolas participantes.



Figura 28- 13ª Expo
Fonte: Web

O Programa estava presente em eventos que tivessem pertinência e relevância com o conceito do Programa, que agregavam valor, segundo a coordenadora do Jornal, Escola e Comunidade, um destes era o IVE - Imagens e Vozes de Esperança, é um projeto internacional que inspira profissionais de mídia a ter uma visão mais apreciativa e equilibrada dos acontecimentos do mundo. A seguir colocações de Silvia Costa sobre a participação:

O IVE é uma ideia desafiadora a ser difundida tanto para os produtores de mídia, como para os usuários. O essencial para o fluxo dessa “onda” e para o fortalecimento de uma mobilização é focar o “espírito da ideia” – o objetivo que se pretende – e entrar em campo incentivando o aguçar da percepção e criatividade.



Figura 29 - Organizadores do evento com a coordenadora do JE – (Silvia Costa ao centro de óculos).
Fonte: Web

Momentos de Programas de Educação, todos pertencem ao Programa Jornal e Educação ANJ.



Figura 30 - Projeto A Gazeta na Sala de Aula, desenvolvido pelo jornal A Gazeta (ES), um dos programas que pertencem ao Jornal e Educação/ANJ.



Figura 31 - Projeto Vamos Ler - Jornal da Manhã. Ponta Grossa – Paraná, um dos programas que pertencem ao Jornal e Educação / ANJ

Fonte: Web



Figura 32 - Projeto Vamos Ler - Jornal da Manhã. Ponta Grossa – Paraná, um dos programas que pertencem ao Jornal e Educação / ANJ

Fonte: Web



Figura 33 - Programa NH, do Jornal Nova Hamburgo
Fonte: Web



Figura 34: Visita da Escola Estadual João de Abreu, de Baraúna, ao jornal Gazeta do Oeste, 15.06.2007
Fonte: Web



Figura 35- Visita da Escola Estadual João de Abreu, de Baraúna, ao jornal Gazeta do Oeste, 15.06.2007
Fonte: Web

2.7 Resultados

Os resultados eram comprovados através de diferentes instrumentos de avaliação. Crescia ano a ano, o número de escolas e entidades sócio educativas com interesse em participar do JEC.

A credibilidade do programa se estendeu para outras regiões e a coordenadora era acionada frequentemente para dar assessoria na implantação e reestruturação de projetos de outros jornais, bem como promover capacitação de educadores para utilização do jornal.

Há muitos e variados aspectos que podem ser explorados no jornal pela perspectiva informacional, educativa e de entretenimento.

Porém, percebe-se que, apesar das orientações que são transmitidas aos professores para o desenvolvimento de múltiplas abordagens e metodologias, há certa dificuldade de elaboração de projetos de leitura com planejamento que facilite o trabalho do docente.

Muitos professores ainda não conseguem ter uma visão global da formação de leitores e se limitam a atividades pontuais, fragmentadas, focadas em uma determinada técnica. Isto se pode perceber nas avaliações e amostras de trabalhos apresentados. Às vezes o foco priorizado nem é a informação jornalística.

Várias menções, convites, homenagens foram feitas ao Programa, e assim algumas vitórias:

- participação no Conselho de Leitores (organizado pela redação);
- solicitação de pautas sobre temas que as escolas estejam necessitando;
- sugestão de pautas diversas pela equipe do JEC
- formação do leitor participante que interage com o jornal através do serviço “Alô Tribuna”, Cartas do Leitor, internet.
- visitas ao jornal de estudantes, professores e outros setores da comunidade, possibilitando a interação com os profissionais.

O Programa Jornal, Escola e Comunidade, recebeu muitas premiações e homenagens, abaixo algumas citadas por Silvia Costa:

Homenagens:

Prêmio Berta Lutz 1996

“Personalidade do Ano na Prevenção -2006“ conferido pelo Conselho Municipal Antidrogas de Santos.

Moções de Congratulações:

- Câmara Municipal de Santos (1998, 2007)

- Câmara Municipal de Praia Grande (1998)

- Câmara Municipal de Peruíbe (2001)

Dentre outros.

Mas a grande premiação, os resultados foram trazidos em tantos depoimentos, em tantas declarações, e abaixo palavras de Silvio Bispo, em entrevista:

Comecei a trabalhar no Programa Jornal Escola em 1992, quando lecionava na Auxiliadora da Instrução em Santos. Lembro-me que era o projeto piloto. Nessa época, tinha iniciado minhas pesquisas sobre Educação Matemática, que consiste em trabalhar matemática numa perspectiva mais social e menos formalizada. Quando a professora Silvia conversou fiquei extremamente feliz, pois a ideia de trabalhar com jornal nas aulas de matemática me instigava e assim conseguia colocar em prática aquilo que estava lendo teoricamente. Terminado esse ano mudei de escola e fui trabalhar num projeto experimental de Magistério na prefeitura de Santos e nesse projeto foi interessante levar as ideias já construídas no trabalho com jornal para os alunos do curso de magistério. Em seguida, houve um processo seletivo para a escolha de Coordenador de Matemática da Rede Municipal de Santos, no qual eu fui escolhido. Com isto pude apresentar essas ideias a outros professores.

Silvia Costa sempre deixa claro, que o real significado, é a multiplicação, a maximização dos efeitos, do trabalho construído com tanto afinho e envolvimento, e Silvio Bispo continua, quando perguntado sobre sua atuação junto ao programa:

Creio que minha atuação foi boa, aprendi muito ao desenvolver minhas aulas utilizando jornal. Nessa perspectiva, usei a matemática de uma forma mais contextualizada fazendo com que meus alunos conhecessem uma matemática

diferente daquela costumeira, pois utilizava reportagens, gráficos, mapas, plantas de casa nas aulas e os alunos aproveitavam um jeito diferente de ensinar/aprender matemática.

Simples assim...

2.8 Projetos do programa

O perfil da gestão era muito dinâmico e incansável. Desde 1995, vários projetos foram lançados, com apostilas, dicas, instruções e um vasto material para apoiar seus processos dentro do Programa. Sempre embasados em necessidades detectadas no âmbito da sala de aula ou notícias trazidas pelo jornal e não muito entendidas pela escola. A sintonia de suas criações com o jornalismo era muito forte.

Destacam-se alguns projetos:

Eleitor do Futuro (1998), Educação Política (1998), Cultura Marítimo- Portuária (1995) e Harmonia (1996).

Nardelli (2006) chegou a contabilizar 43 projetos até 2006.

Abaixo um pouco mais de detalhes, com foco em alguns projetos:

Ano criação do projeto: 1998

Nome do Projeto: Eleitor do Futuro

Objetivo: a prática do voto

Simulação de eleições em 12 unidades escolares da região.

Apuração no salão Paulo Clemente Santini, com participação de alunos e professores.

Este projeto ganhou um prêmio e foi utilizado por outros jornais nacionais.

Com grande emoção, Augusto (2014) conta:

Como disse, a Silvia tinha uma pegada mais profunda, isto é, o JEC era uma ferramenta de educação e cidadania. Um exemplo bastante claro disso ocorreu no início dos anos 2000, quando tivemos eleições municipais. A Silvia sugeriu que fizéssemos uma série de reportagens de Educação Política,

ensinando o leitor o passo-a-passo do processo eleitoral que se iniciaria: o que é uma eleição, como se escolhe o representante, o que fazem prefeitos e vereadores, o que é eleição majoritária e proporcional, o que é democracia, como participar da vida do político, como interferir em projetos de lei, enfim, absolutamente tudo sobre isso. Montamos uma programação, criamos um selo de Educação Política para identificar todas essas matérias e mantivemos esse noticiário por cerca de quatro meses. Foi um sucesso! Inclusive recebemos prêmio da ANJ por isso e depois vários jornais quiseram copiá-lo em outras eleições.

Nome do Projeto: Educação Política –

Objetivo: Compreensão do processo de representatividade

Ciclo de palestras com especialistas em política, economia ou assistência social.

Eram realizadas matérias de página inteira sobre o tema. Trabalho (como já comentado) apontado pela ANJ como melhor do ano, apresentado em Encontro Nacional da ANJ e em Encontro Sul- Americano da SIP. Serviu para formação de políticos em época de eleição.

Ano criação do projeto: 1995

Nome do Projeto: Cultura Marítimo-portuária,

Objetivos:

Incentivo a leitura de textos jornalísticos

Estudo do tema: problemas existentes, potencial a ser explorado, relação com o mercado de trabalho no porto, terminais, tipos de navios, tipos de cargas, segurança, sistema de administração, privatização, importação, exportação, poluição dos oceanos, construção de marinas, pesca.

Atividades Agregadas: Encontro entre professores denominado: O Porto - do passado ao presente, embarque nesse evento, incluindo uma visita ao Porto de Santos e uma oficina. A importância do estudo do porto para os jovens da região.

1. Oficina Cultura Regional
2. Álbuns de recortes sobre o tema

Material: textos jornalísticos a respeito do tema: problemas existentes, potencial a ser explorado e relação com o mercado de trabalho.

Seção Porto & Mar, publicada todos os dias, poderão ser encontradas matérias, fotos e ilustrações para este estudo.

As colunas sequenciadas Cais e Cia, publicadas em 1996, que contem noções básicas sobre Cultura Marítima-Portuária, disponíveis para cópia, na sede do programa.

O desenvolver deste Projeto Cultura Portuária tinha como foco incentivar a leitura de textos jornalísticos e outras fontes que estimulem o estudo de assuntos relacionados ao universo portuário.

Os embasamentos teóricos se faziam em relação a importância de pesquisar o passado e conhecer o presente do maior Porto da América Latina, que move a economia da região e do País.

Desde a criação do Projeto Cultura Portuária, o JEC a finalidade didática foi promover eventos de sensibilização e orientação dos educadores para conscientizá-los da necessidade de incorporar estes conteúdos na prática escolar, como um tema transversal, desde o Ensino Fundamental até o universitário.

Neste período, o JEC, em conjunto com o Caderno Porto & Mar e outros parceiros, empenhou-se em estimular os educadores, estudantes e comunidade e disponibilizar material informativo/pedagógico para o seu desenvolvimento.

Em 2008, Silvia Costa elencou em matéria publicada no JEC (2008) alguns momentos marcantes dentro da retrospectiva do Projeto em questão (dados acervo pessoal Silvia Costa).

1995 - Lançamento do Projeto Cultura Marítimo-Portuária, em encontro de educadores com o pesquisador José Carlos Rossini, que na época, escrevia a coluna Rota de Ouro e Prata, no Caderno Porto & Mar.

1996 - Publicação, no Caderno Porto & Mar, da série Cais & Cia, constituída de 30 colunas semanais, com o objetivo de contribuir para a construção da cultura portuária. Na época, a Câmara de Santos apresentou votos de congratulações à iniciativa.

Neste mesmo ano, realização do I Encontro para a Educação Portuária, promovido pela Faculdade de Comércio Exterior da Universidade Metropolitana de Santos (Unimes), em parceria com o JEC.

1998 - No Ano dos Oceanos, o JEC e o Caderno Porto & Mar propuseram pesquisas universitárias sobre cultura portuária. Os resultados foram publicados durante o ano.

Premiação com bolsas de estudos para cursos de logística, pelo Centro de Ensino, Capacitação e Aperfeiçoamento Profissional-CECAP para os participantes do JEC, interessados em cultura portuária.

2001 - Lançamento da campanha? Um porto em cada escola? Com atividades lúdicas de montagem com fotos e maquetes.

2002 - Encontro de Cultura Portuária, em parceria com o Projeto Porto, da Unimes, promovendo a integração com as escolas de ensino Fundamental e Médio.

2005 - Lançamento do Projeto Intercâmbio Terra & Mar, em parceria com a Missão aos Marinheiros, com o intuito de promover a cultura portuária e confraternização com marítimos de outros países.

2006 - A temática portuária foi tema da Semana Cultural da Faculdade Dom Domênico, parceira do JEC. Vários cursos, integrantes do programa, se envolveram com a cultura portuária.

2007 - A importância do Fluxo Turístico Marítimo foi o tema apresentado pelo diretor de Operações da Concais, Flávio Borges Brancato, no Encontro de Cultura Portuária deste ano. Este evento foi a primeira atividade da parceria da Concais com o JEC.

Dentro do escopo do Projeto havia uma recomendação pedagógica, aos cadastrados eram estes:

Arquivar o Caderno Porto & Mar Especial - 200 anos da Abertura dos Portos, publicado no dia 28 de janeiro.

Acompanhar, selecionar e arquivar matérias e fotos publicadas para a hemeroteca de Cultura Portuária.

Participar dos encontros de Cultura Portuária para impulsionar o projeto na instituição de ensino ou entidade em que trabalha.

E todo um apoio, instruções para aferir resultados, e acompanhar o processo, o foco era sempre o site do JEC (www.tribuna.com.br/jornalescola), e conferência podia ser feita através do material de apoio no *link* Projetos Especiais. Lá estavam disponibilizadas a Proposta de Roteiro, Sugestões de atividades de Cultura Portuária e algumas matérias publicadas no Jornal A Tribuna relacionadas ao tema.

E sempre um pedido, que as escolas registrassem suas atividades realizadas no impresso: “Faça sua Escola Acontecer” e enviassem para o JEC.

Entre os colaboradores desse Projeto está Hélio Hallite, citado No Especial de 10 anos do Programa JEC: “O diretor do Projeto Porto da Universidade, Hélio Hallite trabalha com o Jornal-Escola há mais de cinco anos”.

No desenvolvimento do projeto Cultura Portuária, Hélio utiliza a seção Porto e Mar para analisar assuntos referentes à disciplina que lê ministra na UNIMES. “Essa seção do jornal é fundamental para suprir a dificuldade de informações atuais nos livros, sobre esses assuntos”.

Esse projeto Cultura Marítimo – Portuária , também tinha em seu escopo Colunas: Cais & Cia, relacionadas.

Foram 30 colunas sequenciais, publicadas semanalmente em A Tribuna.

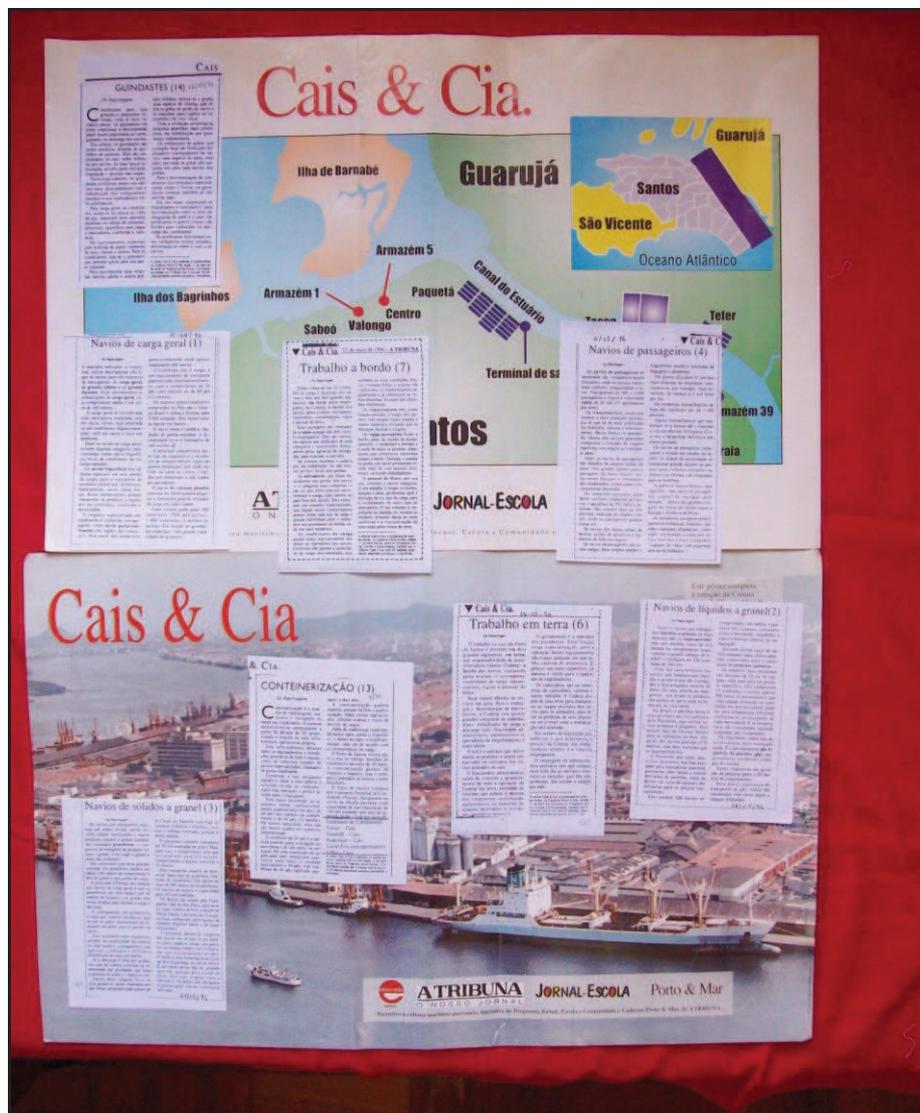


Figura 36 - Pannel Coluna Cais & Cia
Fonte: Montagem de Silvia Costa.

E em entrevista recente (2013), ele lembra com carinho:

Silvia Costa é uma das mais respeitadas e admiradas profissionais perante a Academia. Presenciei em diversos momentos a adoração dos alunos, professores, coordenadores e diretores de escolas pelo trabalho abnegado, incansável e generoso de Silvia Costa.

Ela soube como poucos amarrar todos os setores do Jornal às atividades e potenciais de cada escola que conheceu. Promoveu inúmeros e bem sucedidos eventos.

Lembro que José Carlos Rossini veio de Bruxelas para falar sobre portos.

Trouxe marítimos de diversos países à Universidade para falar sobre o projeto “Irmãos do Mar”.

Ela soube aproximar A Tribuna das escolas. (HALLITE, 2013)

Ano criação do projeto: 1996

Nome do Projeto: Projeto Harmonia -

Objetivos:

Melhoria do processo de ensino. Promoção de aprendizagem em menor tempo, com menos desgaste e mais qualidade.

Combate ao desgaste físico e mental.

Harmonização geral do organismo. Difusão de técnicas indicadas, para o controle da indisciplina em sala de aula.

Atividades agregadas:

Técnicas de ioga na escola

Exercícios respiratórios

Material:

Matérias especiais a serem publicadas em A Tribuna.

Eram muitos projetos, muitas ideias, em entrevista com Rivaldo Santos (2014), jornalista atuante em A Tribuna, hoje então secretário de comunicação na Prefeitura Municipal de Santos, diz que:

Silvia era o programa Jornal Escola, ela tinha uma necessidade muito grande de quase que implorar para que todos exercessem sua cidadania. Uma vez veio me parabenizar por uma matéria onde escrevi que falava mais ou menos: que as pessoas não precisavam de mandatos para exercer a cidadania... No dia seguinte ela veio tão feliz, me parabenizar, esse feedback era tão valioso! E ela sabia fazer como ninguém.

Ela provou para quem conviveu que o jornalismo não pode ficar separado da educação. Diz Rivaldo.

E assim, as constatações são que a dinâmica do mundo deve ser sim a dinâmica das interações entre veículo de comunicação e escolas, e por consequentes profissionais de jornalismo, de comunicação.

Para ilustrar, seguem as imagens de algumas capas de projetos, muitos não citados aqui anteriormente, cedidas do acervo de Sílvia Costa:

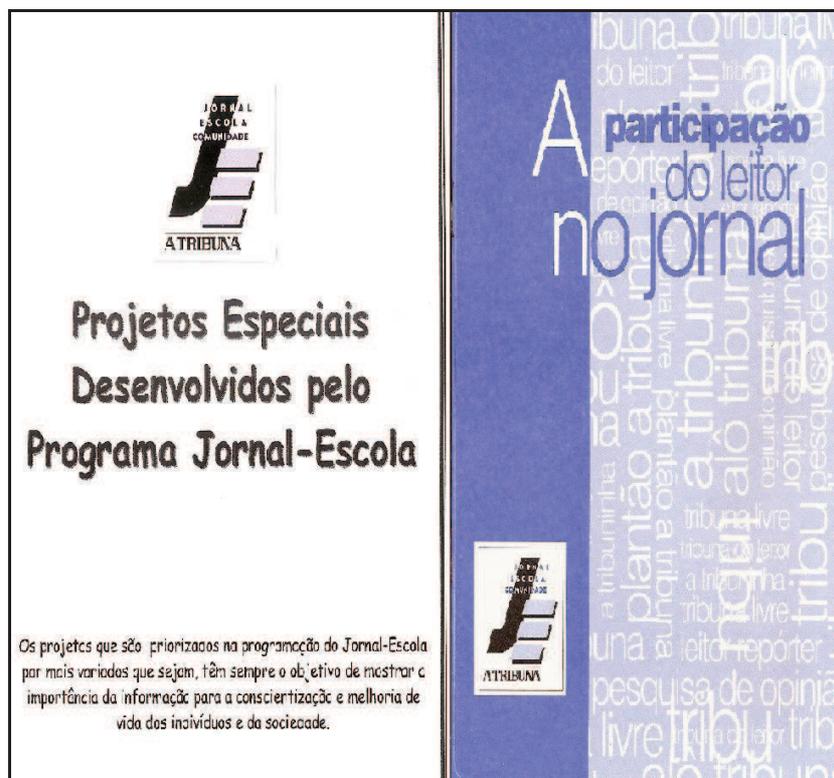


Figura 37- Capas de projetos
Fonte: Acervo pessoal Sílvia Costa

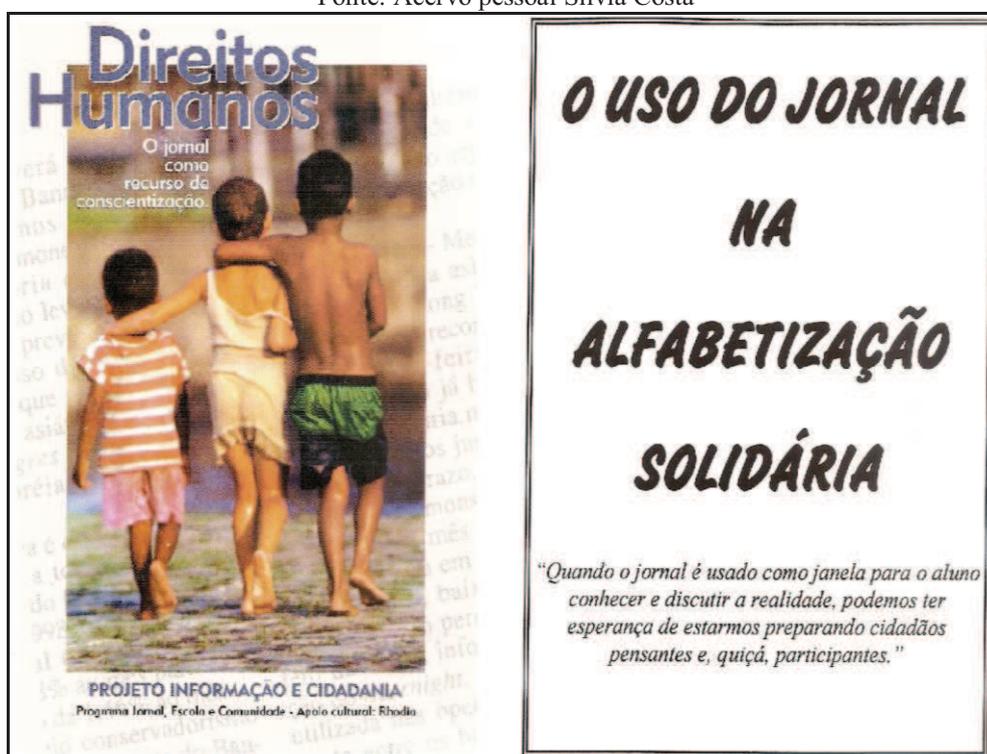


Figura 38- Capas de projetos
Fonte: Acervo pessoal Sílvia Costa



Figura 39 - Capas de projetos
Fonte: Acervo pessoal Silvia Costa

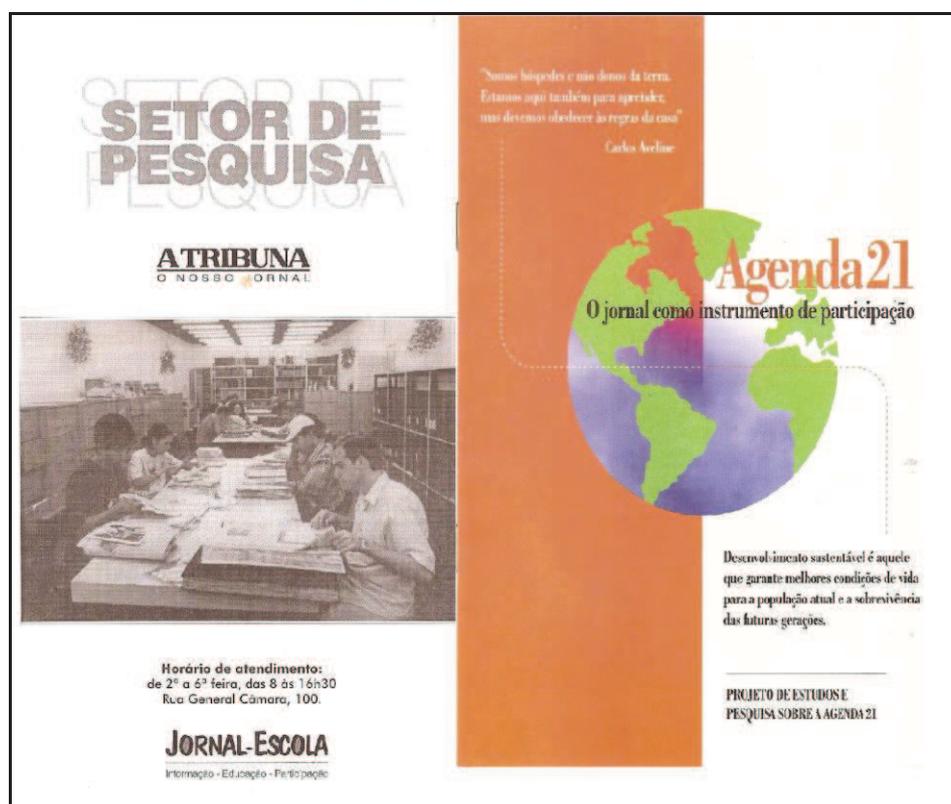


Figura 40- Capas de projetos
Fonte: Acervo pessoal Silvia Costa

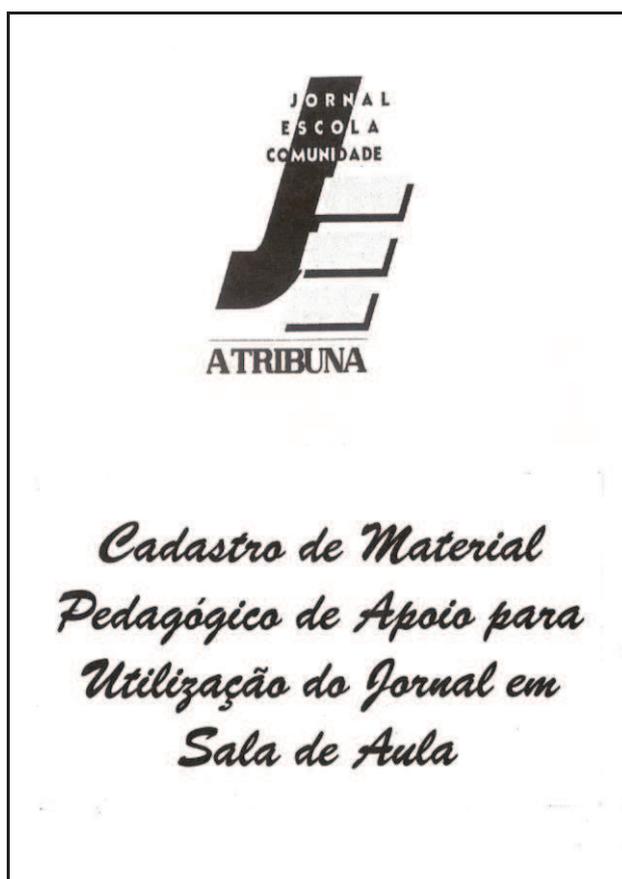


Figura 41- Capa de projeto realizado pelo PJEC
Fonte: acervo pessoal Silvia Costa

CAPÍTULO III - A TRAJETÓRIA DE SILVIA COSTA.

3.1 Origem familiar:

O Programa Jornal Escola, Comunidade de A Tribuna nasceu em maio de 1992, e obteve sua concepção e estruturação pelas mãos da educadora Silvia Lúcia Costa, mas conhecida como Silvia Costa:

Em entrevista ela conta que em 1991:

Logo depois de aposentada da rede pública, magistério, entre outras atividades voluntárias que exercia, trabalhava com deficientes visuais. E uma amiga deficiente visual, me pediu para que eu pudesse acompanhá-la e assim ela poderia participar de um Congresso de Jornalismo Científico que ocorreu em Santos, para tentar obter informações sobre um dispositivo de informática que possibilitava aos portadores de deficiência visual fazerem uso de computadores. “E lá fui eu, participar do congresso. Não consegui as informações que buscava, mas me empolguei com os debates sobre o desinteresse da maioria das pessoas para a leitura de jornais, principalmente, para o segmento de jornalismo científico. Foi então que entrei no debate alertando sobre a necessidade de se investir na educação para formação de novos leitores”.

Silvia Costa comentava que para haver mais leitores era preciso começar nas escolas a desenvolver o gosto pela leitura.

A caminhada de 16 anos que traçou no comando deste programa foi bastante longa, pois não havia da parte de sua idealizadora, nenhuma pretensão de imaginar-se liderando e idealizando um programa como esse e por tanto tempo.

Silvia Costa nasceu em 1944, natural de Guaxupé, cidade localizada no sul de Minas Gerais.

Nesta época era uma cidade que tinha:

[...] importante função na produção de café e a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro é que trazia este café até o Porto de Santos, e era um meio de transporte marcante para o desenvolvimento da colônia guaxupeana.

A estrada de ferro Mojiana era o principal veículo de progresso e acontecimentos daquela região que vivia do café como fonte de produtividade. E aqui

encontrava-se um importante elo com a cidade de Santos, terra em quem veio a produzir e realizar tão importante trabalho.

[...] tudo começa a ser transportado por estrada de ferro, a Mojiana oferece muitos empregos... estimula o surgimento de várias atividades correlatas e torna a cidade mais movimentada que aquelas que não recebem o trem. A cidade fica marcada pela presença da ferrovia (BASAGLIA, 2001, p. 23).

E Guaxupé tinha ligações com Santos.

Em artigo sobre a história da cidade, o autor Leandro Aparecido Lopes (2011, p. 10), afirma:

A ferrovia foi fundamental para “o transporte do principal produto da região de Guaxupé, Minas Gerais, o café, para o Porto de Santos nas primeiras décadas do século XX, tornando-se catalisadora na construção e ocupação do espaço geográfico pelos imigrantes sírios e libaneses no município de Guaxupé”.

Quando Silvia Costa nasce, a cidade passa por transformações, entre elas, em 1943, iniciam-se os trabalhos de demolição da antiga e a construção da nova Catedral de Guaxupé pelo bispo diocesano Dom Hugo Bressame de Araújo considerada a 5ª da América do Sul em tamanho.



Figura 42- Silvia Costa na infância.
Fonte: Acervo pessoal

A infância da pedagoga que abraçava a grande causa de “aumentar o número de leitores” era como de outra criança com sua idade, gostava muito de brincar, aventurar-se, subir em árvores, nadar, brincar de circo, amava invenções, paralelamente às

exigências de uma típica família mineira. Aos seis anos, tinha aula de crochê, enquanto suas amigas brincavam. Exigências quanto ao sucesso nos estudos, moral rígida, mas mesmo assim uma infância muito bem aproveitada. Seu pai era muito animado e lhe abria os horizontes.

A sua relação com o jornal havia acontecido quando ainda era menina. Recém-alfabetizada, costumava ler o Estadão para seu avô que tinha deficiência visual. E ela conta:

[...] O Estadão de antigamente era pesadão, letra pequena, textos grandes... daí começou minha história vinculada a jornal. Desde o início de minha carreira no magistério usei o jornal como ferramenta de trabalho.

Uma educação rígida e de muitas cobranças, em sua vida de estudante o que mais a marcou foi a pressão exercida por seus pais para que estivesse sempre entre os primeiros colocados nos resultados escolares. Eles queriam o melhor para ela, mas ela queria ser mesmo, como a maioria de seus colegas.

Seu pai foi sem dúvida seu principal modelo. Era dono de um entusiasmo, responsabilidade, engajado, colocava paixão em tudo que fazia.

Foi a figura mais inspiradora que poderia ter tido.

Como aluna cursou o antigo primário em uma escola pública; o ginásio e curso normal em escola particular (contra sua vontade); o curso técnico em contabilidade (que ela prezava) em escola particular.

A historiadora Angela Gomes (1996) diz que para entender o intelectual é necessário buscar sua história, suas matrizes culturais de origem e formação.

Silvia Costa ingressou na primeira turma do curso de Letras, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé (FAFIG), graduada em Letras e Pedagogia. Teve excelentes professores, mas seus colegas de turma eram todos mais velhos, muitos já professores e, no primeiro ano, ela se sentia deslocada. Quis abandonar o curso, mas acabou sucumbindo à pressão familiar... Não queria ser professora, tudo menos professora!

A rigidez de sua família, já comentada, em relação à busca sempre por notas excelentes, fez com que chegasse à faculdade, e provocasse sua família - às vezes, tirava notas baixas, só para ter este gostinho... de contrariar.

“Eu percebi desde cedo que tirar as melhores notas não significava que eu era melhor, mais experiente e bem sucedida do que os demais.”

No decorrer dos anos, terminou o curso de Letras e Pedagogia. Em sua vida acadêmica, teve a felicidade de desde jovem, pela vida afora participar de uma sequência de cursos, congressos, seminários, capacitações oficiais e de busca pessoal; pós-graduada em: Linguística: “Estrutura do Português” em 1969 na Universidade Federal do Rio de Janeiro /Universidade Federal de Minas Gerais. Também foi pós-graduada na área de Comunicação e Expressão: “O Léxico e a Gramática: Relações Formais e Semântico- Sintáticas” – 1978, realizou na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras - Barão de Mauá / Ribeirão Preto-SP). E por fim obteve uma pós-graduação em Programação Neurolinguística, realizada na FAEPE- Fundo de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão na UNAERP - Ribeirão Preto.

Muito estudo e leituras. Mas não acredita que a formação escolar foi o mais importante, porém sempre enfatiza que muito de sua formação foi autodidata, embora influenciada por bons mestres. E se sentiu muito privilegiada neste sentido: “A influência e exemplo de excelentes “mestres”, familiares, amigos e companheiros de ideal, bem como parcerias especiais tiveram forte influência na formação de minha personalidade”.

Numa outra análise lembra que na faculdade, conviveu com pensadores e lideranças marcantes. Em 69 anos de vida (2013), sempre estudando e fazendo cursos afirma ser difícil destacar uma pessoa que fez a diferença. Muitos contribuíram diferentemente, mas, com certeza, os que mais marcaram foram mais pela personalidade do que pelo conteúdo das disciplinas.

Eu não queria ter entrado no magistério, mas na minha tradicional família mineira mulher tinha de ser professora. Até greve de fome fiz para não ter de ir dar aulas. De nada adiantou e, diante de tanto conflito familiar, acabei cedendo. Ia para a escola como para um grande sacrifício. Porém, uma vez que assumi isso, procurei fazer o meu melhor, por responsabilidade. Mas foi difícil. Eu tinha outros sonhos, outro foco. Eu era muito nova, porte pequeno e me sentia impotente. Tudo que eu queria era fugir para bem longe... Mas, uma vez no magistério, professora efetiva, com estabilidade, me faltou coragem para sair e enfrentar outra profissão. Apesar disso, tive

uma carreira bem variada, exercendo diversas funções, participando de diversas tentativas oficiais de renovação da educação e eu me “jogava de cabeça” a cada novo ciclo, na esperança de mudanças.

Com toda contrariedade no formar-se pedagoga, as coisas mudaram um pouco quando realizou uma capacitação chamada CADES (Curso de Capacitação e Aperfeiçoamento Docente), cujo foco era preparar professores que ainda não tinham cursado faculdade. Neste momento, começou a se sentir mais empolgada, porque pôde conviver com professores super idealistas e engajados no movimento de renovação da educação sufocado pela revolução de 64. Esta influência foi vital para sua formação e perdurou pela vida afora.

Acredito que não existe um formar-se sem trazer do passado... Porque este passado está dentro de cada um. Não há como separar, somos um todo.

3.2 Formação

Gomes (1996, p.64) considera que: “O historiador é um intelectual inquieto com o presente, e o passado não está lá atrás, como se pensa. É difícil, muitas vezes, entender que o passado está grudado em nós; vivendo no presente”; que o intelectual atua nas diferentes “estruturas organizacionais da sociabilidade, através de múltiplas e diferentes formas, que se alteram com o tempo”, constituindo-se nos lugares de aprendizagem e trocas intelectuais. “Salões, cafés, casas editoras, academias, escolas, revistas, manifestos e mesmo correspondência de intelectuais são lugares preciosos para a análise de momento de fermentação e circulação de ideias”

Em 1967 acaba por adotar Santos como cidade para morar, para viver, para trabalhar. No âmbito político o mundo vivia a ditadura militar, na época de 1968, com censura rígida e perseguições.

De 1964 a 1990, atuou na carreira de magistério como professora de 1º, 2º e 3º graus;

Em Guaxupé / Mg: Escola Estadual Dr. Benedito Leite Ribeiro, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé.

Em São Carlos / SP: Escola Estadual Conde do Pinhal e Escola Estadual Sebastião de O. Rocha.

Em Santos: EEPG Rui Ribeiro Couto e trabalhei também na Diretoria Regional de Ensino, como assistente técnica.

- monitora em todas as fases de elaboração e implantação da lei de Diretrizes e Bases da Educação; em Santos e na Delegacia de Ensino de São Vicente.

- Idem: Guias Curriculares do Estado de São Paulo: Em São Carlos / SP- Delegacia de Ensino de São Carlos.

- Assistente Técnica do Departamento de Recursos Humanos / Divisão Regional de Ensino do Litoral - em Santos, função por designação.

Aposentou-se no magistério público em 1991 na Escola Estadual Rui Ribeiro Couto em Santos.

Recorda-se que alguns alunos marcaram fortemente sua vida profissional e pessoal e não lembra com detalhes deles. Foram os alunos que faleceram e, a cada uma dessas mortes, ela podia se sentir angustiada e perplexa e se fazia o grande questionamento:

[...] “sobre o que teria feito como professora deles, caso soubesse que eles morreriam tão cedo” (COSTA, 2013)

Ela conta que o primeiro aluno estava na sétima série da Escola Fundamental. Teve um câncer no cérebro. Anos depois, um aluno de 5ª série caiu de um abacateiro, morreu. Outro morreu de um acidente de carro, meses depois de ter concluído a Escola Fundamental.

Finalmente, outro morreu afogado. Mas este teve oportunidade de refletir alguma coisa sobre morte, em uma aula nas proximidades do dia de finados e em outras oportunidades que me pediram para conhecer um pouco mais sobre Tanatologia, o que acabei atendendo fora da sala de aula.

Estes fatos, sempre a levavam a um grande questionamento consigo mesma e em orientação a professores, do que:

-... É essencial na educação?

-... Vai servir realmente para os educandos, caso tenham uma vida curta, ou mesmo longa, nesta dimensão existencial?

Essa é uma marca sua quando iremos descrever a criação dos projetos, ela estava sempre sintonia com o “externo” e sensível em atender à demanda, os questionamentos.

Além da sua carreira profissional, Silvia Costa tem outros interesses.

Quando passa a se dedicar às pesquisas de evolução da consciência, do holismo, da cultura de paz e de valores, bem como de diversos segmentos espiritualistas, acaba por conviver com personalidades de inestimável valor e cada qual acrescentou o que esta foi capaz de conseguir captar e assimilar.

Um olhar sobre tudo o que acontecia ao seu redor foi a tônica de sua juventude e também das primeiras fases da vida adulta: tinha um olhar muito crítico, nadava contra a corrente, enfrentava “touro à unha”.

Tentava ter vivências engajadas no social, sem partidarismos e lutava para não ser “engolida” pela “esquerda festiva”. Sua visão de mundo fez com que chegassem a propor sua demissão da função de professora universitária por ideias subversivas. O fato se deu por adotar a metodologia de Lauro Oliveira Lima e outros educadores de vanguarda daquela época, que atuavam na Escola de Aplicação, cujo ensino era considerado subversivo.

O utilizar o jornal em sala de aula vem em sua vida desde os primeiros anos de magistério onde sempre fez uso dos recursos de mídia, no ensino fundamental, médio e superior.

“Era o meio que encontrava para interligar minha prática escolar com a realidade e isto me motivava e motivava os alunos”. (COSTA, 2013)

Em sua visão de literatura de leituras que fizeram a diferença em sua vida, foram muitos, muitos, muitos lidos e estudados. As preferências variavam em cada fase dependendo da vida.

Sobre autores que lhe ajudaram a construir o Ser Educadora, afirma não conseguir lembrar “sequer da metade deles”. Ela afirma: “Suas ideias ficaram semeadas em sua mente, brotaram, floresceram, fizeram andaimes em seu cérebro por onde pude escalar e ir fazendo novas construções.” Até de forma poética. Mas ainda assim arrisca:

Curioso como três pequenos volumes, de poucas páginas fizeram tanta diferença: “Pequeno Príncipe” de Exupéry, “ Mutações em Educação Segundo Mc Luhan” de Lauro de Oliveira Lima e “Educação para uma Civilização em Mudança” de William Kilpatrick. Entre muitos outros, me vem à sua memória Paulo Freire, Fritjof Capra, Carl Rogers, Daniel Goleman, Ângelo Gaiarsa, Rubem Alves, Celso Antunes, Rui Cesar do Espírito Santo, Kátia Issa Frugg, Neale Donald Walsch, Anthony Robbins e muitos, outros... (COSTA, 2013)

Além de obras de grandes pensadores, educadores, psicólogos, metafísicos sempre buscou aproveitar o que há de bom em boas obras de “autoajuda”. Para ela, foram e continuarão sendo úteis.

Sua busca incansável pelo equilíbrio, pelo bem manifestado, é muito grata à Vida pelas oportunidades de estudo e participação em diversas organizações voltadas para o desenvolvimento humano e consciencial (Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia, UNIPAZ, Fundação Peirópolis, Brahama Kumaris, Projeto Cooperação entre outros, assim como segmentos espiritualistas diversos. E reforça que em entrevista “A formação em Programação Neurolinguística me ajudou bastante, e, mais recentemente, a formação em Mediação de Conflitos”. (Silvia Costa 2013)

Seria impossível não contabilizar, com grande ênfase, a importância do enfrentamento de problemas, (conflitos físicos/psicológicos/metafísicos, dificuldades de relacionamentos, convivência que durante sua vida teve com pessoas próximas dependentes de álcool e drogas, com fenômenos parapsíquicos e outras vivências que requeriam o respeito à diversidade e me compeliavam a pesquisar, buscar recursos, terapias, orientações de quem já tinha encontrado o caminho das pedras. Como dizia Piaget, a inteligência cresce na resolução de problemas...

Sente-se resultado de tudo que recebi de bom de muitas pessoas e dos seres espirituais. Minhas deficiências e limitações ainda permanecem por responsabilidade minha, por falta de disciplina, força de vontade e incompetência em muitos aspectos. Às vezes me cobro muito, mesmo tendo consciência de que cada um tem seu ritmo de evolução e que ela pode ocorrer de forma não linear. Alguns insights podem mudar todo o rumo de nossa vida... (COSTA, 2013)

Uma vez Silvia Costa, disse: “Acredito que já nasci nesta dimensão com determinadas características favoráveis e desfavoráveis. Nesta existência, a formação familiar, ao mesmo tempo rígida e estimulante, foi meu alicerce”. (COSTA, 2013)

E continua fazendo uma reflexão, em um balanço geral, o que é hoje não corresponde a todas as oportunidades que teve e que não conseguiu aproveitar como poderia.

“Tenho meu lado sombra, minhas fissuras, os altos e baixos ...muita coisa a ser depurada”. (COSTA, 2013)

3.3 Como começou em A Tribuna

Assim, Silvia Costa passa a coordenar o programa "Jornal, Escola e Comunidade" do jornal A Tribuna, de Santos por dezesseis anos, no período de 1992 a 2008.

Retornando ao Congresso de Jornalismo Científico, citado na introdução deste capítulo, naquela ocasião Silvia Costa termina o evento com o projeto em sua mente e descreve, planeja e apresenta ao presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico que aprecia muito, elogia o projeto, mas afirma que o aspecto pedagógico estava fora do foco da entidade e a incentiva muito a apresentá-lo às empresas jornalísticas. O projeto apresentado a esta entidade é bem diferente do que foi realizado para o Jornal A Tribuna.

Por alguns poucos meses esse assunto fica engavetado, fora de questão. A autora sente-se desanimada e um pouco desestimulada.

Em algum tempo depois se depara com uma notícia do Jornal A Tribuna divulgando os primeiros passos dados pela empresa para levar o jornal para o Colégio Santa Cecília (instituição de ensino particular localizada em Santos). Levar no sentido do produto jornal ser trabalhado pedagogicamente em sala de aula.

Essa notícia deixa Silvia Costa entusiasmada, e as peças vão se encaixando, inicia-se aí um contato com a empresa jornalística A Tribuna. E logo após quase três meses, de muitas conversas, idas e vindas, e um exercício de tremenda paciência, acontece a contratação de Silvia Costa como coordenadora do programa. E em suas palavras: “assim começava a longa, difícil e gratificante história”.

Quando foi criado o projeto do Jornal A Tribuna, já existiam três outros: o do Jornal Zero Hora (RS), do Jornal “O Globo” (RJ) e de Nova Hamburgo (RS).

Aconteceu o acesso ao material pedagógico do Jornal Zero Hora, de “O Globo” e alguns materiais num Encontro da Associação Nacional de Jornais. Estes materiais foram muito úteis para saber o que os outros jornais estavam fazendo. Há elementos básicos que são comuns a todos os projetos e seria preciso incluí-los, mas havia outros aspectos, posturas, abrangências que não eram abordadas e foram acrescentadas no projeto Jornal, Escola e Comunidade, partindo da experiência de Silvia Costa e de novas ideias que foram surgindo.

Ela afirma neste período:

[...] mergulhei intensamente na elaboração do projeto Jornal Escola e Comunidade. Lembro-me perfeitamente que meu pai estava muito doente. Eu fui passar alguns dias em Minas com ele, mas ficava debruçada nos papéis elaborando os primeiros fascículos para orientação dos professores. Minha mãe se queixava, querendo atenção [...]

Muitos programas de jornal e educação já aconteciam em diversos países, quando no final da década de 80, alguns jornais brasileiros começaram a criar seus projetos. No início da década de 90, a Associação Nacional de Jornais- ANJ começou a divulgar essas experiências para os jornais associados, como uma forma inteligente de formar novos leitores. O diretor do Jornal a Tribuna, Roberto Clemente Santini, logo se interessou e iniciativas foram tomadas para a criação de um projeto na empresa. Santini estava empolgado com a ideia, mas dizia, modestamente, que a intenção era criar um projeto simples. O projeto foi crescendo, mostrando a cara, e como o diretor Santini continuava dizendo que se tratava de um projeto simples, profissionais de outros Jornais brincavam “que estávamos escondendo ouro”...

Não era perceptível o que realmente a motivou a empresa a criar o programa, mas a tendência da época (final de da década de 80 e década de 90) era estimular novos leitores de jornal. A leitura virtual ainda estava recente, mas já pairava certa preocupação com a redução de leitores de jornais impressos. Outra motivação era a interação com os leitores. As visitas dos estudantes quebravam a rotina e agradavam à diretoria e aos profissionais da empresa. Os jornalistas e editores atendiam de bom grado às solicitações de contato com os professores e estudantes.

A prerrogativa maior do programa de A Tribuna foi não ser apenas um apêndice da empresa, mas de ter seu lugar na estrutura da empresa e, até o início de 2008, no departamento de redação do jornal. Este fato causava surpresa a outros coordenadores de programas que não vivenciavam esta operacionalização.

Quase simultaneamente à implantação do JEC, Roberto Clemente Santini assumiu a direção do Comitê de Leitura da ANJ. Assim, além de impulsionar o programa na sua empresa, Santini queria, também, incentivar outros Jornais a criarem e desenvolverem seus projetos. Para isso, ele investia na melhoria do JEC e, ao mesmo tempo, Silvia Costa conta:

[...] ele me dava total abertura para assessorar outras empresas jornalísticas. Embora poucos saibam e outros não tenham reconhecido, eu testemunhei as iniciativas de Santini, os investimentos feitos e a sua contribuição para a expansão do programa Jornal e Educação no Brasil, dentro de suas possibilidades - o que ele fez e, principalmente, o que ele possibilitou que fosse feito [...]

Em vista disso e da postura socioeducativa que caracterizava o JEC, o programa de A Tribuna foi ganhando imagem própria, descartando objetivo marqueteiro.

Programas de “jornal na educação” já existiam em 1992, ano em que o Programa Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna fora concebido. Eliana Nardelli Camargo (2006, p. 26) destaca:

[...] o uso de jornais institucionalizados em sala de aula, iniciou-se nos Estados Unidos em 1932, por iniciativa do New York Times. Criou-se à época, a denominação Newspaper in Education – NIE, para designar programas desenvolvidos pela imprensa que previssessem a distribuição regular de jornais as escolas. [...]

E dentro da nossa realidade brasileira, já havia três jornais realizando seus programas, entretanto desconhecidos até então por Silvia Costa. Dona de uma sensibilidade aguçada relata (2013) um fato extremamente curioso:

[...] foi a surpresa que tive ao ler a obra “O Relógio de Pascal”, de Caio Túlio Costa (Editora Siciliano) . Ele fazia referência a uma pesquisa que apontava os proprietários das três maiores empresas de comunicação no mundo, naquela época. Os três tinham as iniciais dos nomes iguais: **R** e **M** - Ruper Murdoch, Robert Maxwell e Roberto Marinho. Ao ler isso, fiquei intrigada - A Tribuna também tinha o sinal **RM**, pois seu diretor, na época, era Roberto Mário Santini e seus descendentes eram Roberto e Marcos. Não sou

supersticiosa, mas o sinal existia, mera coincidência ou não. Eu tinha em sã consciência que o Grupo A Tribuna não se equipararia aos impérios econômicos mundiais, mas tinha uma sutil esperança de que poderia chegar a ter um capital humano de valor e que poderia produzir uma contribuição ideológica de influência internacional. Era um belo sonho... mas sonhar faz bem e impulsiona muitos projetos ousados [...]

Quando o trabalho foi iniciado e atuando dentro da redação do Jornal A Tribuna, Silvia Costa encontrou uma realidade totalmente nova e desconhecida para ela: “Uma sala enorme cheia de mesas e cada um fazendo sua tarefa”.

Lembra que conhecia apenas Nilce Silva que era subeditora e que desde o início era a grande interlocutora com a direção do Jornal e também sua chefe imediata, que ela conceitua “muito mais orientadora, anjo da guarda do que chefe”. E continua:

Ela teve muito trabalho comigo, pois eu não tinha o traquejo daquele meio empresarial. Nilce foi a primeira pessoa que me recebeu, me conduziu, grande figura humana e profissional. Pacientemente, ela cuidava de minha adaptação. Nilce, sabiamente, me colocou numa sala junto com o Sr. Áureo, que cuidava da sessão de pesquisa dos jornalistas. Senhor idoso, culto, paciente. Dino, o chargista e ilustrador também ficava nesta sala. Estas figuras humanas, mais velhas e experientes muito me ajudaram a conhecer a empresa desde os primórdios até aquela época. (COSTA, 2013)

Segundo Silvia Costa, Nilce Silva foi quem teve um grande contato inicial direto com ela junto ao Grupo A Tribuna.

Nilce atuou como jornalista e simultaneamente como editora-assistente em A Tribuna (participando, em momentos alternados na chefia da Redação ou como editora da Primeira Página e depois como editora-executiva do Jornal Expresso Popular) e conta:

[...] acompanhei o trabalho da Silvia bem de perto, o quanto me era possível. Tínhamos reuniões e conversas constantes, reuniões de avaliações e palestras com os professores. A verdade é que, desde o início, o trabalho da Silvia foi muito produtivo, cuidadoso, compromissado. Ela montou agendas específicas para fazer o projeto “andar”, sempre teve bom trânsito na área escolar. (SILVA, 2014)

E com muito carinho, em seu depoimento lembra com riqueza de detalhes o início do Programa,

Bem, de início – quando o Jornal A Tribuna decidiu implantar o Programa Jornal Escola - fui enviada ao Jornal O Globo, no Rio, para uma visita/pesquisa. Ali, em contato com vários profissionais que estavam à frente desse projeto em O Globo, recebi informações básicas e preciosas: como entrar em contato com a Divisão de Ensino e Secretarias de Educação municipais, como apresentar o projeto a diretores de escola e professores, como acompanhar e avaliar o trabalho desenvolvido pelos professores junto às crianças, nas diversas disciplinas. A partir daí, surgiu a necessidade de uma profissional, que pudesse fazer a ligação entre o Jornal e as escolas, para acompanhar a distribuição de jornais às unidades de ensino, orientar e ouvir professores. Após algumas entrevistas, minha conversa com Silvia Costa foi decisiva. Ela era essa profissional. (SILVA, 2014).

Na estrutura do jornalismo um dos apoios muitos fortes e de participação direta que o programa recebeu foi de Miriam Guedes de Azevedo, editora chefe, que Silvia Costa considerava fundamental para a implantação, desenvolvimento e sustentação do programa durante vários anos. “Existia em Miriam um crédito muito grande no programa, ela acreditava na importância dele e apoiava as inovações e projetos, assim como acabava por orientar como agir diante de circunstâncias complexas e delicadas que não raro ocorriam”, comenta Silvia Costa (2013).

Diversos profissionais trabalharam e colaboraram na construção e administração do programa. Seu primeiro estagiário Waldir Pedro (2014) lembra que “Sílvia sempre foi à cabeça do Projeto. E ela é o que é pela sua presença marcante e competência, além do entusiasmo que imprimia no trabalho que realizava.” Ele até acha engraçado e comenta: “Eu ficava no suporte, ajudando nos bastidores, pois a Sílvia sempre foi um *trator* e eu ajudava no combustível dessa máquina”.

Com sentido aguçado, foi que Silvia Costa, olhou para sua missão e a compôs da forma séria e comprometida.

Dentro da hierarquia administrativa de A Tribuna, Silvia Costa diz não ter conhecido o filho mais novo de Roberto Mario Santini, ex-presidente de A Tribuna, porque este teve uma morte muito violenta num acidente de carro, antes de sua entrada. Mas dentro de si, existia uma forte motivação vinda deste primogênito: Paulo Clemente Santini, que ela não chegou a conhecer pessoalmente, mas ela sabia de seu amor pelo Jornal e seus sonhos relacionados à empresa.

Com sua passagem para a outra dimensão, o sonho dele parece que ficou suspenso. Então, eu pensava nele e queria fazer o melhor. Era como se eu fizesse por ele, o que eu sabia fazer. Algumas vezes, ante situações desafiadoras, a lembrança dele me impulsionava a ir em frente.

Quando me envolvi com o Jornal e Educação e me dediquei à busca da aplicabilidade do jornal nas mais diversas áreas do conhecimento fui ficando cada vez mais consciente do poder imenso da mídia (tanto construtivo como destrutivo) e, conseqüentemente, da responsabilidade dos produtores de mídia e de um coordenador de Jornal e Educação. E também da necessidade de fazer os professores perceberem a força do universo informacional do jornal e se soltarem do engessamento curricular. Outro desafio foi apreender o conceito de leitura crítica e trabalhar com os professores para corrigir as distorções. (COSTA, 2013)

As lembranças para Silvia Costa (2013) estão ainda muito vivas:

As histórias sobre o Sr. Giusfredo Santini, antigo diretor, eram emocionantes! Também sobre o seu neto Paulo Clemente Santini, ambos muito queridos por todos da empresa. Outros profissionais veteranos proporcionaram-me o conhecimento da história da empresa e dos valores humanos que dela fizeram e faziam parte.

Os profissionais mais idosos foram valiosos para que ela pudesse entender o programa e também a cultura da empresa, mas não menos importantes foram os mais jovens, os estagiários de jornalismo que atuaram no programa. Ela, Silvia (2013) lembra de como o estagiário Waldir era animado e empreendedor; apesar de jovem, já era também formado em filosofia e, juntos desenvolveram muitas ações.

A coluna semanal do Jornal-Escola, foi criada, como um recurso de grande valia para a socialização das ações do programa e interação com os participantes das nove cidades da Baixada Santista. Esta ferramenta serviu de modelo para outros programas.

Outros estagiários e profissionais sucederam cada qual trazendo sangue novo e vontade de praticar o que aprendiam na universidade. “Era gratificante ver o crescimento de cada um e curtir a motivação recíproca”, conta Silvia Costa (2013).

Com carinho Silvia Costa se lembra de Fabiana Honorato – hoje subeditora de A Tribuna, e de Helena Gomes (que iniciou como repórter e chegou à editora de A Tribuninha, hoje escritora e professora universitária).

Uma curiosidade citada por Fabiana Honorato, é que se lembra de como a Silvia, com toda experiência e reconhecimento na área, ficava nervosa quando precisava apresentar algum projeto à diretoria do jornal. Sua maior batalha, ironicamente, era

convencer os próprios donos do jornal sobre a importância de certas ações ou investimentos.

As lembranças de sua entrada em A Tribuna são fortes por parte de Arminda Augusto – hoje (2014) editora-executiva do mesmo jornal:

Mesmo no período em que eu era repórter, tinha algum contato com a Silvia Costa porque eu cobria o setor de Educação, e a Silvia estava sempre na Redação, sugerindo pautas que ela considerava importantes para a formação dos alunos, dos professores. Ela sempre foi muito apaixonada pelo programa de jornal na educação. Ela acreditava que esse é um "casamento" perfeito quando se quer formar cidadãos mais conscientes, mais politizados, melhor informados sobre as questões que envolvem a sociedade. E eu me identifico muito com essa maneira de enxergar a Comunicação, então, ajustar um pouco o noticiário de Educação e Cidadania para atender a essa demanda não era tarefa difícil.

Uma tarefa realizada com muito empenho:

Os 16 anos à frente do Programa Jornal Escola e Comunidade foi um grande e maravilhoso resgate, a busca por aproveitar a grande oportunidade que tinha a minha disposição para reverter o jogo em relação ao que não havia conseguido fazer pela educação durante sua carreira na rede pública. (Silvia Costa, 2013)

Juntei à força da mídia a minha força interior para implantar ideologias e projetos que eu acreditava serem necessários para desengessar os currículos escolares e estender as oportunidades educativas que a mídia jornal oferece para todos os leitores.

Silvia Costa (2013) conta que isto só foi possível graças à liberdade pedagógica que existia para criar os projetos e implantá-los. “Havia um limite no orçamento, mas uma liberdade imensa para criar, renovar, inovar, embora no início tivesse que enfrentar ideias preconcebidas em programas de Jornal e Educação já existentes no mundo e no país”.

Os gestores de empresas jornalísticas tinham uma visão conservadora em relação ao uso do jornal na educação e foi necessário um grande esforço para nadar contra a corrente... e para isso muita força mesmo.

Dois fatos comprovaram o interesse da empresa “A Tribuna” pelo programa, que não eram somente sob o ponto de vista econômico. Por duas vezes, as empresas jornalísticas do país passaram por crises econômicas que exigiram pesados cortes de gastos. Outros programas foram prejudicados ou extintos, mas o JEC permaneceu. A coordenação adotou estratégias diferentes, mas manteve o desenvolvimento do trabalho,

incluindo número relativamente grande de unidades participantes, em relação a outros programas.

E o Programa não parava de crescer, e chamar a atenção de outros grupos jornalísticos.

Alguns aspectos eram polêmicos, como a inclusão do Ensino Médio, Universidades e Educação de Jovens Adultos.

Havia um consenso em torno do Ensino Fundamental e de que o projeto deveria começar com as crianças e suas famílias. O jornal deveria ser levado para casa, assim os pais poderiam se tornar leitores e talvez comecem a comprar o produto.

Um traço característico de sua gestão nestes 16 anos foi um olhar, desde a elaboração do projeto, voltado para a democratização de oportunidades.

Fazer com que o jornal chegasse ao maior número de estudantes possível, às escolas em áreas carentes. Priorizar emergências, por exemplo, se os estudantes estavam em faculdades, ensino médio e ainda não liam jornais deveriam ser incluídos enquanto houvesse tempo.

Arminda Augusto ressalta que um dos aspectos mais positivos do programa era trazer o professor e aluno para dentro do jornal; ensinar, através de oficinas, a usar o jornal como ferramenta de informação e "empoderamento" da questão cidadã, manter o hábito entre os jovens da leitura de jornal.

Silvia Costa (2013) recorda-se de profissionais de A Tribuna que auxiliaram no avanço do programa, sugerindo realizações. Ela dava abertura como gestora para colocar em prática novas ideias, como as da subeditora Arminda Augusto:

[...] foi grande motivadora e impulsionadora do programa, desde quando era jornalista responsável pela seção de Educação. Figura humana e profissional cujo exemplo me marcou. Com a sua assessoria, houve uma revitalização do programa, inclusive tendo este uma vaga no Conselho de Leitores⁸.

⁸ A primeira representante do JEC nesse Conselho de Leitores foi Luci Freitas, que muito colaborou na defesa da cidadania e responsabilidade social.

Uma das contribuições que trabalhar com a Silvia Costa trouxe para a vida da profissional Arminda Augusto foi algo bem ímpar “justamente pela paixão que a Silvia tinha pelo programa”. Ela afirma (2013):

[...]. Com ela, e por tabela com o programa, penso que hoje enxergo o noticiário com olhos mais críticos, pensando muito no quê realmente importam para o cidadão as notícias que diariamente produzimos. Como disse, o Programa JEC vai além dos muros da escola, a partir do momento em que entendemos que educação é um processo que não está restrito à escola, mas à formação do cidadão.

3.4 O programa em sua vida e a relação com os pares.

O Programa e a construção dele acabaram por trazer a esta educadora uma luz ao fim do túnel, ela passa a encontrar ali um novo alento, uma nova motivação. Que nunca teria experimentado.

E nesse novo caminhar unindo educação com comunicação, acabou por descobrir-se, se tornando gradativamente mídioeducadora, levando a mídia para a educação e incentivando /assessorando profissionais de jornalismo para investirem mais em educação e em aspectos que eu considerava necessários.



Figura 43 - Participação de S.Costa em congresso
Fonte: Acervo pessoal

O jornalista, Marcus Fernandes (2013), que na ocasião da gestão de Sílvia Costa era editor chefe do Caderno Ciência e Meio Ambiente – A Tribuna, afirma:

Foi Sílvia Costa quem, na verdade, fez a incorporação do Caderno ao cotidiano das escolas. Não que ele, eventualmente, não fosse usado. Mas, de forma sistemática, com acompanhamento e um planejamento didático, isso se deu dentro do Programa Jornal Escola sob o comando de Sílvia. Ali, em reunião ora mensais, ora bimestrais, era possível uma interação entre jornalista e educador - o que permitiu uma visão privilegiada dos desdobramentos em sala de aula. Isso, por um lado, trouxe influências para o processo de fazer o Caderno, na medida em que se permitiu ver esse outro lado do 'produto' jornalístico. Mas, por outro, mesmo que paradoxal, confirmou a certeza de que o caminho não era a produção de um caderno com cunho pedagógico, educacional. Se assim fosse, seria presunçoso e artificial, já que sempre foi feito por um jornalista.

Em sua entrevista, declara que com a saída de Sílvia, não houve mais tal interação entre o Caderno e o projeto.

O empenho, a vontade, o foco, o prazer... Estão presentes em relatos de professores que atuaram em sua gestão, Adalto (2013) hoje vice reitor da Unimonte, e na ocasião de sua gestão professor de economia:

[...] “o programa tinha a cara da Sílvia Era muito difícil imaginar que aquela energia e paixão pelo projeto pudesse ter sucesso nas mãos de outra pessoa”.

O aspecto humanista fez com desde os primeiros tempos, o programa tivesse em seu escopo a preocupação de inclusão. Assim chegou às unidades da antiga FEBEM, às penitenciárias, às salas de pessoas portadoras de necessidades especiais, à educação de adultos, à alfabetização solidária.

Edilaine Oliveira Avelino (2014) formada em Serviço Social São Vicente, é uma participante do PJEC, como coordenadora e educadora, atuando junto às salas de aula da Penitenciária I – de São Vicente faz algumas colocações sobre a utilização do Programa e como utiliza:

[...] como recurso didático complementar, nos auxiliando e estimulando constantemente na busca por informações e conhecimento. Nosso contato foi maravilhoso, Sílvia Costa, foi fundamental em todo o processo por sua dinâmica e interesse pelo trabalho como um todo. Sempre foi muito dinâmica clara nas propostas e muito agradável.

Ela conta ainda “que essas atividades são desenvolvidas em diversas áreas do estabelecimento o Jornal Escola tornou-se prática cotidiana envolvendo não só os alunos, mas também os professores e demais integrantes do Centro de Trabalho e Educação da Unidade Prisional”. E complementa:

A aprendizagem dos reeducandos desta Unidade Prisional apresenta características particulares, face às duras condições que a vida lhes impôs houve poucas oportunidades de acesso às informações pelos jornais considerando como o meio de informação geral e cultural. E essa realidade se apresenta na maior parte dos reeducandos que compõem a população do sistema penal paulista cujo perfil encontra-se em torno de pessoas oriundas das classes desfavorecidas socialmente. Esse índice certamente está ligado às condições econômicas precárias que igualmente formam a mesma classe. Dessa forma, muitos têm pela primeira vez a oportunidade de manusear os jornais como fonte de informação, saber, entretenimento e lazer. (EDILAINE, 2014)

Coloca que é um “trabalho onde as transformações são inevitáveis” e continua:

Cerca de 121 alunos se beneficiam diretamente do Projeto, indiretamente o jornal beneficia os demais sentenciados com uma população de 1300 sentenciados e aproximadamente 140 funcionários.

[...] O trabalho diário de leitura é realizado, extrapolando o caráter meramente informativo, passando a integrar o reeducando, privado de sua liberdade, com o mundo exterior expandindo seus conhecimentos frente à realidade atual e influenciando positivamente no seu processo de reintegração social. (EDILAINE, 2014)

Finaliza comentando: “atualmente não tenho participado dos encontros. que são bem espaçados os contatos também”. Mas “a participação da instituição no Programa foi muito boa, porque nos fez ver o quanto os reeducandos estavam fora da realidade e sem preparo para a sua reinserção”.

As contribuições, as trocas de “figurinhas” com profissionais das mais diversas áreas foram constantes na gestão de Silvia Costa, que sempre privilegiou o humano e seu contexto. Com as universidades também não foi diferente: além de participarem ativamente do Programa, existiam muitos parceiros.

O professor Adalto Correa de Souza Jr, vice-reitor da Unimonte (2013), que ministrava na ocasião a disciplina de Economia era participante do Programa na gestão de Silvia Costa e coloca:

[...] a disciplina de economia propicia grandes oportunidades para se trabalhar com matérias de jornal. O contato da sociedade com os movimentos econômicos se dá através dos jornais. Quando essa disciplina é lecionada somente com conteúdo dos manuais de economia, você acaba se afastando da realidade do dia a dia.

Por longos anos, assim foi à motivação da empresa pelo JEC e pela forma como ele era desenvolvido. Entretanto, os tempos foram mudando, mudanças nos padrões empresariais, nas gestões, nos focos e metas.

Em 2008 estas mudanças chegaram ao JEC que deixou de estar sob a gestão da redação (onde havia sido concebido inicialmente) e passou para o departamento administrativo.

Desta nova fase a participação de Silvia Costa durou alguns poucos meses. As novas diretrizes não trouxeram a fluidez e harmonia de como o trabalho era executado. Porque eram outras cabeças, com *modus operandi* totalmente diversos o que acabou por resultar em seu desligamento.

Dentro do tema Jornal na Educação os fatos demonstram e toda pesquisa e em todas frentes abertas, e relacionamentos construídos que ela gestora por 16 anos, é inegavelmente reconhecida como alguém que muito se dedicou e é referência até os dias de hoje.

3.5 Na sala de aula - universo da pedagogia.

Como já comentado, Silvia Costa sempre estava sensível às necessidades que existiam dentro da sala de aula, poderiam ser problemas de comunicação ou entendimento da criança, do jovem, ou assuntos difíceis de lidar, na relação professor e aluno. E “antenada” com estas situações, aliava-se a redação e buscava fomentar pautas, para através do meio jornal esclarecer, trazer o assunto à tona, e suas várias faces. Sempre ouvindo os pares e trazendo também suas vivências como professora.

Dentre estas experiências vividas e conversadas, alguns projetos nasceram, e foram eles: “Paradoxos da Educação” e “Lições de Vida Através de Notícias de Morte”

são algumas das ações criadas para trabalhar, dar mais luz a estes assuntos, estas questões.

Todos que atuaram junto ao programa sempre destacavam como grande elemento propulsor do programa a força de vontade, a garra que eram marcas registradas de Silvia Costa, quando indagada sobre isso ela diz:

A força de vontade, a garra que algumas pessoas observam em mim, não é um estado contínuo, permanente. Desde a adolescência, até hoje, tenho fases de pico alto e fases que chegam à depressão. Felizmente, hoje, enfrento melhor estes períodos sombrios, mas tenho de me esforçar e ter paciência e compreensão para comigo para manter o alto astral e a perseverança nos objetivos pretendidos. Se pesquisarmos a vida de personalidades de sucesso, vamos perceber as lutas internas e externas que enfrentaram e o seu alto nível de resiliência. As novas gerações precisam ser incentivadas a enxergarem o que acontece nos bastidores do sucesso e serem orientadas para o desenvolvimento da força da resiliência.

Ela agrega também a consciência que “estamos aqui para evoluir e contribuir para a evolução de outras pessoas, organizações, comunidade. Acredito que quando estamos integrados à Energia Universal, ela flui para o serviço do bem.”

Os depoimentos coletados sempre trazem à tona a figura de uma gestora sempre muito humana e consciente, os entrevistados falam dela com muito carinho. Muitos com saudades de sua energia no trabalho e na busca de interação de todas as áreas, a sensação é de que ela era um ponto, um ímã para junção do todo, e sempre acreditando que todos fazem o Todo.

Silva Costa afirma, que “o essencial ao ser humano no seu modo de entender sempre foram seus atributos conscienciais – intuição, raciocínio, sabedoria, determinação, criatividade, autoconfiança, dinamismo, coragem, flexibilidade e tantos outros”.

E continua: “O nível de despertarmentamento [sic] desses atributos é que varia de pessoa para pessoa. “O que tenho, todos têm, mas é preciso tirar de dentro de nós”. E quando o “dentro” está conectado com o Todo do qual fazemos parte, tudo pode fluir, acontecer.

...Pena que a educação não prioriza este despertar e esta conexão.

A parceria com o Jornal A Tribuna segundo ela foi de muita autonomia, de muita confiança em seu trabalho. E conclui, “Porque de nada adiantaria dar asas à criatividade, se os gestores não lhe dessem liberdade para isso”.

Os órgãos de ensino e os educadores também tiveram um papel fundamental, porque a medida que depositavam sua confiança nas propostas que o programa apresentava, agregavam ao programa valor.

Devo confessar que eu mesma me sentia receosa, preocupada ao lançar propostas mais ousadas. A confiança que me depositavam aumentava o peso de minha responsabilidade. O programa funcionou durante todos os 16 anos como um laboratório de criatividade, tanto pela atuação da equipe como dos participantes. Contava com a parceria de um especialista em criatividade, Rui Santo e também com outros parceiros destacadamente criativos. O prazer que os professores tinham em sair da rotina e se lançarem em novas aventuras educativas fazia com que o trabalho fluísse. Tudo isso contribuía para um clima de fermentação de ideias e projetos.(COSTA, 2013)



Figura 44 - Primeiro material pedagógico
Fonte: Acervo pessoal Silvia Costa

O primeiro material pedagógico do programa: 10 fascículos sobre a estrutura do jornal, a integração entre as disciplinas e orientações específicas para o uso do jornal em cada disciplina.

A tentativa sempre era de aproximar o jornal da realidade também pedagógica do que o aluno estava tendo como desafio no ambiente da sala de aula.

3.6 Assessorias importantes para a disseminação de outras regiões:

Dentro desta caminhada no PJEC, não tardaram as solicitações de outros jornais, assessoria para criação e implantação de seus projetos.

A cada um que fazia, aumentava a dificuldade, dada a arrancada e aparecendo os resultados do projeto de A Tribuna, outras empresas, pois para cada empresa era preciso fazer um projeto diferenciado. Não podia ser réplica, o que seria antiético profissionalmente. E muitos aspectos eram básicos, indispensáveis e precisavam estar presentes em todo projeto de Jornal e Educação. (Costa, 2014)

As ações criadas e desenvolvidas neste “laboratório” do Jornal A Tribuna foram levadas para outros programas e secretarias de educação do país, graças à abertura dada pelo diretor do programa de A Tribuna, Roberto Clemente Santini, que, na época, era também diretor do Comitê de Jornal e Educação da Associação Nacional de Jornais-ANJ.

Em todas as assessorias realizadas estavam impressas a ideologia que Silvia Costa defendia. E a condição de ter contato com a direção e redação das empresas para que eles percebessem todas as vantagens e benefícios que o projeto poderia proporcionar, além do marketing.

Em entrevista à Revista Aprender, edição maio/julho - ano 2000, ela diz que naquela data já tinha assessorado mais de 15 jornais pelo Brasil na implantação de projetos de Jornal na Educação. Estes números não são tão precisos nem por ela mesma.

Ela afirma a grande importância que tem no sucesso de seu trabalho, a confiança dos gestores:

A confiança dos gestores da empresa no meu trabalho, acabaram por possibilitar que o Jornal Escola, viesse a se tornar um grande **laboratório de experiências** que serviram não só para a Baixada Santista, mas também para muitos projetos e programas que acabei por ajudando a implantar em diversas regiões do país. E assim pudemos com eles caminhar e compartilhar todas as conquistas do que fora aprendido com todos os ensaios e erros, desta grande vivência no Programa. (COSTA, 2013)



Figura 45- Apresentação do programa em encontros de Associações de Jornais do Interior – ADJORI
Fonte: Acervo pessoal Silvia Costa

“Uma autoridade nacional sobre o tema Jornal na Educação. Uma das figuras mais respeitadas”. E com esse título o Diário de Sorocaba faz menção a sua presença junto ao professorado de Sorocaba, trazida numa matéria de 26 de março de 1995.



Figura 46 - Miguel Gobbi
Fonte: Web

Para expor trechos importantes da entrevista (2014) e sua vivência com a autora do projeto, torna-se necessário, colocar um pouco da importância deste empresário no cenário jornalístico e de educação na região de Santa Catarina.

Miguel Gobbi é diretor da empresa Jornalística Folha do Oeste, presidente da ADJORISC e da Associação Nacional de Jornais do Interior do Brasil -

ADJORIBRASIL, estas entidades congregam jornais do interior uma de Santa Catarina e outra do Brasil. É também diretor proprietário de Gobbi e Cia Ltda, empresa de comercialização e armazenagem de cereais. Também sócio proprietário da Suíte Sistemas Ltda, empresa de softwares de gestão de jornais. E por fim na área de educação é proprietário da escola de ensino fundamental CVE, Criatividade-Versatilidade e Excelência em São Miguel do Oeste, Santa Catarina.

Gobbi (2014) conta que conheceu Silvia, num seminário sobre jornal na sala de aula, na cidade de Palotina no Paraná. E que até aquela data “estava à procura de um modelo de atuação que fosse condizente com sistemas pedagógicos atualizados”.

E não houve dúvidas, ela era essa pessoa. Comenta:

A abordagem de Silvia Costa é perfeita, pois possibilita trabalhar com criatividade e com interdisciplinaridade qualquer notícia do jornal. Trabalhar com as notícias do jornal sem caderno ou coluna especial para a atividade escolares é uma forma de integração da realidade com conteúdos pedagógicos.

Ela sempre colocou-se à disposição para conversar ou debater assuntos do jornal educação por qualquer meio, telefone, email ou pessoalmente. Sempre deixava seus contatos com amorosidade profunda demonstrando que seu desejo é colaborar com diferenças positivas na formação do povo brasileiro.

Sua empresa adotou esta metodologia de trabalho com o jornal na escola com entusiasmo no ano 2001. Mantemos a metodologia de trabalho que é o uso do jornal tal qual ele é na circulação regular. Silvia aponta tantas possibilidades de trabalho que torna-se inesgotável, afirma Gobbi. E continua:

Silvia é uma pessoa que para ver o trabalho do jornal na escola acontecer, mostra tudo o que sabe sem reservas ou interesses pessoais ou financeiros. Foi contratada por três vezes para dar palestra e workshop sobre o tema. Sempre brilhante alcançou nossas expectativas.

Estes eventos mencionados acima aconteceram em anos e cidades diferentes de Santa Catarina, São Miguel do Oeste, Curitiba e Orleans, como relatado em entrevista.

E encerrando Gobbi conclui:

Conhecemos apenas a Silvia Costa em seu jornal A Tribuna de Santos. Somos admiradores da pessoa e da profissional competente que é. Sabe ouvir e apoia as iniciativas de jornais e professores que buscam segui-la na metodologia.

Teve inúmeras participações em Seminários Nacionais promovidos pela ANJ, Silvia Costa confessa: “perdi as contas”, palestrou em quase todos que foi convidada, durante o IV Seminário Nacional “O Professor e a Leitura de Jornal”, realizado em Campinas, 21 e 22 de julho de 2008, cerca de 14 coordenadores e assistentes de programas de jornal e a educação da ANJ estiveram presentes. E realizou um painel com Cecília Pavani sobre o tema.



Figura 47– Participação em Oficinas.
Fonte: Acervo pessoal Silvia Costa.

Segundo depoimentos de Helena Gozanno, Cilvia Moraes e Luciane Alcântara que estiveram presentes neste Seminário, lembram-se das seguintes citações em relação à palestra de Silvia Costa:

O PJE é uma oportunidade de democratização da informação. A ampliação dos níveis de ensino – pós-graduação, superior, médio, fundamental e infantil. A gente deve começar o quanto antes a empatia da criança com jornal. O JE é um veículo para conscientização da responsabilidade e empoderamento do leitor através do acesso a informação.

Também sobre o Seminário Rubén Cucuzza publicou em seu *blog*, *redesenlecturayescritura*:

Nestes termos, considerando a diversidade de veículos para amplificar e fazer circular informações no mundo contemporâneo cabe refletir mais contundentemente as contribuições que os jornais (e suas variantes) e as mídias podem trazer para a estruturação do ensino brasileiro, para os processos de formação continuada dos professores e, conseqüentemente, para a melhoria da educação escolarizada.

Em entrevista Fabiana Honorato (2014), formada em jornalismo pela Universidade Católica de Santos, hoje subeditora de A Tribuna, iniciou sua carreira como estagiária do Programa e atuou nos anos de 1998 a 2001 e ressalta:

A Silvia era a alma do Jornal Escola. O DNA de quase todos os projetos de jornal na educação tem um gene da Silvia. Ela conseguiu muitos avanços para disseminar essa metodologia em outros jornais e sabia mostrar as vantagens a ambos os lados envolvidos. Ela sempre buscava o melhor para apresentar aos educadores, mas sempre praticou todos os conceitos que divulgava, como cidadania, respeito à diversidade, consumo consciente. Vejo-me, hoje, reproduzindo aos meus dois filhos muitas das falas que ouvia da Silvia. Tenho por ela um enorme carinho e a gratidão eterna por ter confiado em mim.

Nas implantações de programas de uso do jornal, a tendência de todos os que já existiam no mundo, segundo observou Silvia Costa (2013), era usar o jornal como um produto didático para instrumentalizar as disciplinas e o uso dele como sucata para trabalhos artesanais. E ela diz:

Não condenava, nem proibia tais aplicações, mas tentava, insistentemente, a priorização da leitura, o compartilhamento das informações e, gradualmente, a formação da leitura crítica, processo lento e difícil.

Outro olhar diferenciado foi para priorizar as informações contidas no jornal e incentivar a curiosidade para a leitura das notícias. Fazer do jornal uma fonte de informação e integração com o que acontece na cidade, no país, no mundo.

Um profissional de educação e também jornalista, Entrevistado X (2014) que interagiu com o JEC na gestão de Silvia Costa e ainda hoje interage com o programa, lembra com carinho e saudades:

[...] das visitas à redação, conhecer os bastidores, como funciona um jornal. Quem está ali, que pode errar, falhar... Quem são estas pessoas? E umas das coisas mais inesquecíveis foi uma palestra do jornalista Marcus Fernandes do Caderno Ciência e Meio Ambiente. Lembro até hoje de suas palavras sobre a

terceirização do caderno, foi muito marcante, não imaginava que pudesse existir, terceirização dentro da estrutura do jornal.

O Programa sempre teve na atuação de Silvia Costa, a busca pelo olhar mais abrangente, mais intenso e persistente com foco numa educação integral.

Priorizava aspectos atitudinais, criticidade responsabilidade social, formação da cidadania, incentivo á leitura autônoma e espontânea, cujo hábito pudessem levar para a vida pós-escolar, orientação para o mercado de trabalho, reflexões sobre a morte (tão presente nos jornais), educação financeira, política. Para atingir esses objetivos, os professores dispunham não só das matérias pautadas no dia-a-dia da redação, como também de matérias “jornalísticas” propostas pela coordenação do programa, não só objetivando a educação formal, como também a todos os leitores do jornal.

Nas melhores lembranças de sua experiência com Silvia Costa, F. Honorato, lembra:

As melhores experiências eram as práticas, quando a Silvia estava em uma oficina ou treinamento com professores. Sempre havia críticas tanto ao jornal especificamente quanto à mídia, de forma geral. Ela sempre soube aproveitar esses comentários para mostrar como o papel da educação e dos educadores pode ser fundamental, para que os cidadãos tenham mais senso crítico e questionem mais. Sempre trabalhou com a diversidade e essas experiências foram marcantes.

E Fabiana (2014) continua:

Fizemos oficinas com um grupo de cegos e em outra ocasião estive na Associação dos Portadores de Paralisia Cerebral de Santos. Em todas as ocasiões, ela esperava que o trabalho tivesse o mesmo resultado, o melhor, sempre.

3.7 Frutos colhidos, o olhar dos sujeitos. na prática dos projetos.

Trazer projetos para o programa foi à forma encontrada para evitar a tendência de didatização do jornal, isto é, a utilização do jornal apenas como instrumento a serviço das disciplinas curriculares. Era também um recurso para atrair os educadores para novas abordagens e atualização de conhecimentos.

Desemprego, turismo, dívida pública, exportação e inflação foram alguns dos temas mais explorados no jornal pelos alunos do professor de economia do Centro Universitário Monte Serrat, Adalto Correa Júnior, que leva o trabalho com o Jornal Escola para os cursos de administração, direito, hotelaria e turismo.

[...] as atividades realizadas com o jornal tiveram total aceitação dos alunos. Não houve nenhum tipo de resistência. Com a leitura do jornal surgiram termos que eu ainda não tinha explorado em sala de aula. A leitura ajudou a estimular as dúvidas e o aprendizado (ADALTO JR.,2013).

Os projetos geralmente eram feitos em conjunto com especialistas de diversas áreas. Havia benefício para todas as partes: os parceiros tinham oportunidade de divulgar suas pesquisas e projetos; os educadores adquiriam novos conhecimentos, novos contatos, novas experiências; o programa se enriquecia e tornava-se atrativo e as equipes pedagógicas dos órgãos de ensino tinham seu trabalho facilitado com a assessoria pedagógica gratuita e de qualidade, proporcionada pela coordenação do programa JEC e pelos parceiros especialistas.

Zélia Barros (2014) que foi parceira do JEC e trabalhou com a FEBEM (hoje Fundação Casa), diz:

Através da Sílvia conheci pessoas e áreas de trabalho que me marcaram para sempre. Eu e minhas estagiárias participávamos das reuniões de capacitação do JE. Nesses encontros conheci a Agenda 21, a Dança Circular, as dramatizações de notícias de jornal e inúmeras outras coisas. A Sílvia me ensinou a extrair conhecimento até de anúncios de produtos de preços e até de notícias de morte. Eu e as monitoras do Núcleo de Pesquisa Social fizemos em parceria com o JE um “Manual do Cidadão” com informações úteis e práticas para a comunidade. Enfim, foi uma parceria perfeita que enriqueceu e facilitou muito meu trabalho e com certeza abriu horizontes para os alunos e estagiários.

E conclui: “Considero que o Programa só teve aspectos positivos, isto é, a atuação da Sílvia foi positiva”.

A aproximação do Jornal com a comunidade é comentada pelo Entrevistado X:

[...] o jornal aproxima porque é mais pulsante da realidade, traz a comunicação do dia-a-dia. Jornal = bairro/buraco. Está no dia ligado a vida do leitor. E o aluno pode sim ter contato com a realidade. Acredito que os

currículos escolares deveriam ter uma disciplina que trouxesse os meios de comunicação para dentro da sala de aula.

Silvia Costa, durante sua trajetória de vida como educadora, dentro das salas de aula e em funções em secretarias de educação pôde ter contato “com as dificuldades, limitações e os buracos vazios da educação; [...] Ouvia as queixas e solicitações dos educadores e integrantes de equipes pedagógicas” .Diante deste cenário, criava os projetos que vinham de encontro às necessidades. Claro que não era uma tarefa fácil, porque tinha que “pesquisar, buscar contato com especialistas, incentivá-los a aderir ao programa”.

Lembra o Entrevistado X, que pôde interagir com um dos projetos do programa em sala de aula:

[...] um dos projetos era “Olhar Cidade” (se não me engano era esse o nome) a proposta era a criação de um Painel feito de cartolina, que seria construído dentro da escola de forma coletiva - mas em síntese forçava os alunos a levar uma matéria, a pesquisar e trazer para escola. Era construído por eles, simplesmente fantástico!

Outro diretor e professor universitário, Hélio Hallite (2013), recorda:

Conhecíamos o que cada escola fazia, participávamos de cada evento. Mesmo como Diretor da Unimes, comparecia às escolas da Zona Noroeste para palestrar sobre porto. Era uma festa! Certa vez os alunos da Escola Neves Prado Monteiro fizeram uma maquete do porto em minha homenagem. E colaram recortes de A TRIBUNA nos painéis da escola. Inesquecível.

Na condução do programa Silvia Costa costumava observar a realidade da região, da sociedade e do que se priorizava nas escolas. Conta estes momentos como demandas detectadas por ela em sua vivência em sala de aula. E seu olhar *atenado* com o externo.

Apesar da importância do porto e das opções de emprego direto e indireto que ele oferece, havia carência de Cultura Portuária, havia uma demanda a ser preenchida com relação a este tema dentro das escolas; na vocação da região, estava também o

turismo, mas faltava nas salas de aula o entendimento e material sobre a educação turística; na Região de Santos desenvolvia-se o processo de Metropolização, mas não havia, segundo Sílvia, consciência de cidadania metropolitana; a publicidade influencia as pessoas a gastarem, mas faltava a educação financeira. A Agenda 21, segundo ela, veio chamar as pessoas à responsabilidade social comunitária, “mas não se sabia o que era Agenda 21”. As notícias de violência despertavam o interesse dos leitores e a Cultura de Paz precisava ir junto com os jornais para as escolas... E assim por diante, foram sendo criados projetos para alertar sobre necessidades educacionais, sobre a integração da educação com a comunidade.

“Ela me mostrou como a Educação e o Jornalismo podem atuar juntos na formação de cidadãos críticos, atuantes e conscientes da realidade que nos cerca”, relata Helena Gomes.

Nilce Silva (2014), que desempenhou muitos cargos na hierarquia de A Tribuna, lembra na sua entrevista o empenho de Sílvia Costa, quase como que ouvindo a sua voz:

Ela sempre foi empreendedora, visionária no melhor sentido da palavra, entusiasmada com o projeto, animada com o trabalho. - “E podemos ampliar o programa desta maneira... - E podemos levá-lo aos estudantes do período noturno... - E podemos propor temas para discussão... - E podemos fazer exposições com os trabalhos das crianças..”Enfim, Sílvia era incansável. Acredito que boa parte, se não a maior, do sucesso do projeto se deve a ela. Só a ela.

E continua:

O aprendizado, sem dúvida. Na atuação como repórter de rua, em trabalhos dentro da Redação, em cargos de chefia ou na edição de páginas no dia-a-dia do Jornal, o jornalista sempre aprende algo, acumula experiências, amadurece. O Jornal Escola, para mim, foi surpreendente, enriquecedor, na medida em que me mostrou alternativas de contato com o público, opções de uma conversa linear e franca com os possíveis futuros leitores. Um retorno que veículos de massa não devem prescindir ou relegar. (Nilce Silva, 2014)

Zélia Barros, parceira do programa no período de 1995 a 2002, afirma que o mais incrível:

Foi perceber que o cotidiano poderia ser trazido para a sala de aula através do jornal. Eu trabalhava muito com leis ligadas à cidadania e educação (Constituição, ECA, LDB, LOAS) e costumava analisar as notícias tendo por base o cumprimento ou descumprimento dessas leis.

Em outro momento de sua entrevista, observando que “Sei que essa é uma visão pessoal que pode não ser a única” Zélia Barros considera que “Sílvia era o Projeto e a Tribuna dava apoio. Todas as ideias e ações partiam da Sílvia. O contato com escola, professores, instituições, palestrantes, responsáveis por oficinas”. Lembra com saudades: “Cada vez que eu ia à sala onde funcionava o JE para falar com a Sílvia ela dava tantas ideias boas que eu queria fazer tudo. Muita coisa eu consegui, mas outras não foram possíveis”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Através desta pesquisa o trajeto pôde trazer interessantes movimentos. A inicial análise da utilização do jornal como recurso didático, como importante meio, e dentro de uma educação não formal, o aluno objeto alvo desta didática, acaba por ganhar discernimento, subsídios para gerar sua análise crítica, e desenvolver além do aprimoramento de sua leitura uma apropriação com o externo. E sejam eles assuntos populares ou mais complexos, a ferramenta jornal em sala de aula dá a esse alvo do aprendizado uma abertura de “360 graus” de sua lente do mundo. Fazendo com que este aluno consiga, sim, se inserir neste contexto. Uma vez que os livros didáticos estão muito distantes de sua realidade, e o quanto esta distância acaba por dificultar a construção do aprendizado, do saber.

O Programa Jornal, Escola e Comunidade, objeto desta dissertação, ganha neste trabalho um capítulo e um olhar sobre seu escopo, suas regras, a relação traçada entre o Programa e públicos de interação. Vinte anos de gestão com duas coordenações diferenciadas e, o capítulo 2, traz como conclusão principal, o ineditismo de algumas características que foram imprescindíveis para o sucesso da existência deste Programa.

Programa este que foi sim, modelo, modelo de outras implantações, de muitas outras conversas e estudos. Sua ligação direta com a redação sempre deixava todos os demais jornais curiosos – cada vez mais. Mas não poderia ser diferente: a redação e o jornalismo ajudavam na resolução de ruídos da comunicação dentro da sala de aula, e traziam uma fonte inesgotável de matérias e materiais a serem trabalhados. Que em outras palavras demonstravam o porquê deste resultado, desse trabalho tão pioneiro, tão envolvido. E ter um atravessador nesta relação Programa x Jornalismo, acabaria por atrapalhar a consistência, o fluir do trabalho.

O terceiro e último capítulo traz “ela”, Silvia Costa, gestora, idealizadora, construtora do Programa, uma mulher comprometida e ao mesmo tempo dona de um temperamento forte e determinado.

Estar entre os pares do Programa, alguns indicados por Silvia Costa, outros determinados pela história, era sem dúvida nenhuma a etapa mais prazerosa da dissertação, porque as pessoas escolhidas para serem entrevistadas, falavam sempre coisas muito similares. Elogios, saudades, reconhecimentos... Uma vastidão de coisas

muito positivas e de profunda gratidão. Todos queriam saber onde ela estava como estava. E parecia eu uma portadora de abertura do canal, de lembranças e tantas energias do bem.

Mexer num jardim de rosas e não se permitir também ficar cheirando a rosas, era um desafio enorme. Para uma pesquisadora tão iniciante, tive que manter o distanciamento tão solicitado pelas Mestras da Educação, da Pesquisa... Mas algumas vezes eu olhava para o céu e dizia: Viu Deus o Senhor é prova! Não sou eu que estou falando é este ou aquele. Porque eu também achava. Tudo aquilo!

Quando alguém me concedia um horário lá vinham mais palavras que agregavam um valor muito positivo a sua gestão. É muito difícil não perceber essa raça, essa força, esse envolvimento tão presentes em suas manifestações de estar onde está de corpo e alma e sempre com muita paixão.

Silvia Costa é dona de uma formação rica e eternamente continuada, desde sua formação em Letras e Pedagogia, a gestora do programa sempre se indagava. Havia nela sempre uma inspiração, que ela conceituava que “vêm da Fonte Sagrada, do Cosmos, da consciência de que estamos aqui neste mundo para evoluir em comum-idade”.

E afirmava sempre que foi afortunada, porque teve em sua caminhada muitas figuras humanas marcantes com as quais teve o privilégio de conviver no período que atuou no Jornal A Tribuna e em outros jornais e associações de jornais do país, que se tivesse que realmente fazer justiça e honrar o mérito de cada uma, teria que escrever um grande livro.

Pioneiros encontram pioneiros e ter um trabalho com José Pacheco foi uma das realizações de Silvia Costa. Sem dúvida nenhuma, quando tive o prazer de conhecê-lo e entrevistá-lo, senti que eram tão parecidos, tão iguais, em profundidade. Inquietos em busca sempre do melhor na educação. Gente que realmente faz!

E Silvia Costa afirma que não incluiria nomes, [...] mas diria que convivi também com pessoas de difícil relacionamento e gostaria de ter tido mais competência para lidar com essas situações. Nem tudo são flores...

O Programa em sua vida sempre trouxe uma inquietude de buscar atender demandas sociais, psicológicas, de não ser apenas um produto de marketing, para evitar a queda na circulação e fazer o “novo” leitor.

O *feeling*, o aspecto feminino do ser estava em manifestação em toda sua convivência com o trabalho, com o existir. E ela sempre dizia “se estivermos com o espírito aberto e disponibilizados para o Bem, as intuições acontecem...”

Nestes dezesseis intensos anos, e em todo contato mantido, neste mergulho sobre seu legado, percebe-se que foi convidada para esta missão por sua inquietude e participação ativa, porque essas sempre foram marcas de sua personalidade. Personalidade forte, mas segundo um entrevistado, se não tivesse não teria vivido nem desbravado esta floresta...

Miguel Gobbi um dos entrevistados, coloca: “Silvia sempre esteve à disposição para conversar ou debater assuntos do jornal educação por qualquer meio, telefone, email ou pessoalmente”. E ainda com ênfase complementou: “Sempre deixa seus contatos com amorosidade profunda demonstrando que seu desejo é colaborar com diferenças positivas na formação do povo brasileiro”.

Silvia Costa concluiu:

O que deu certo é fácil perceber, mas é preciso que se saiba também das dificuldades, da necessidade de resiliência, do que se pode evitar futuramente.

Acho importante que as pessoas que venham a exercer a função de coordenadores de programas de Jornal e Educação conheçam os bastidores do trabalho, os desafios que poderão enfrentar. Não basta pesquisar: os aspectos teóricos, as análises de discurso, as metodologias de multimídias. Os aspectos administrativos, empreendedorismo, habilidades de relacionamento humano dentro da empresa, com os órgãos de ensino, com gestores públicos, parceiros e tantos outros são indispensáveis para o bom andamento e progresso de um programa.

E fecha sua entrevista com seu comentário tão contundente:

E para que este trabalho possa efetivamente colaborar com a educação e otimizar o conteúdo dos jornais é necessário que os coordenadores estejam engajados em movimentos sociais e educativos de vanguarda, de reconhecida qualidade. Assim, poderão atuar dentro de um órgão de mídia e junto com a comunidade escolar e leitores em geral, como multiplicadores de novos paradigmas e agentes de transformação pessoal e social.

Nesta pesquisa procurei ser mais objetiva e imparcial, mas ao historiador não é vedado o seu ponto de vista, neste caso, a admiração: sempre senti nela uma energia que

não poderia ser normal, e a achava com todo carinho uma verdadeira: *formiguinha atômica*.

Quando mergulhei no mundo da educação, e enxerguei “ela”, senti um conforto muito grande porque aliava o meu dia a dia numa busca dentro de algo que acreditava, admirava.

Sinto que meu objetivo fica realizado, mas o que realmente gostaria? É que essa grande personalidade fosse reconhecida, ou melhor, conhecida do mundo da educação e por coincidência ou não, embora não acredite em coincidências, ela não queria ser pedagoga, mas o mundo preparava a ela uma grata surpresa, ou o *Cosmos* como gosta de dizer.

Até porque no fundo, no fundo, bem lá no fundo o sentimento que tenho é que ela era uma destas pessoas que o mundo reconhece depois de muito tempo, mas reconhece. Porque contra fatos não há argumentos e isso sim é coisa de jornalista.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA E REFERENCIADA

A TRIBUNA de Santos Jornal e Editora Ltda.: edições da coluna Jornal & Escola (2002 a 2014).

A GAZETA. Leitura de Imagens. Suplemento Informe do jornal – Vitória – Espírito Santo. Abr. 2007, p.8

ABBOT, James. **Research in Brazil** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida de <james.abbott@naa.org> em 15 abr. 2007.

AFONSO, Almerindo Janela. A crise da escola e a educação não-escolar. **Página da Educação** nº 110, Ano 11, Mar. 2002. Universidade do Minho – Porto/Portugal. Disponível em: <<http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=110&doc=8713>>. Acesso em 13 fev. 2013.

AIDAR, Flávia. Muito além da leitura de jornal: **Agência EducaBrasil**. 08 fev. 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/exe/texto.asp?id=462>>. Acesso em: 9 jun. 2013.

AMORIM, Alexandre. **O jornal de papel tem futuro?** 26 jan 2010. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/comunicacao/0022.html>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

ANHUSSI, Elaine Cristina. **O uso do jornal em sala de aula: sua importância e concepções de professores**. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp125034.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. **Jornal e Educação** 2007. Disponibiliza informações sobre o Programa Jornal e Educação. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/?q=node/40>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

AUGUSTO, Agnes. **Jornal na sala de aula: leitura e assunto novo todo dia**. Set. 2004. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/jornal-sala-aula-423555.shtml>>. Acesso em: 8 jun. 2013.

BACCEGA, Maria Aparecida. **A formação de leitores na sociedade midiática: novas tecnologias, novas sensibilidades**. 2006. Disponível em: <www.alb.com.br/anaisjornal/leitura/textos/001baccega.Htm>. Acesso em: 9 jul. 2012.

BACCEGA, Maria Aparecida. Meios de Comunicação na Escola. **Comunicação & Educação**. ECA/USP, n. 25 set/dez 2002. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37451>>. Acesso em: 9 jun. 2013.

BACCEGA, Maria Aparecida. Comunicação/Educação: Um campo em ação. **Actas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO**, Covilhã 2005, v. IV, p. 383-393. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/15054359/Actas-Vol-4-o-Livro>>. Acesso em: 19 mar. 2013.

BALTAR, Marco Antonio Rocha. **A competência discursiva através dos gêneros textuais: uma experiência com o jornal de sala de aula.** 2003. Tese (Doutorado Letras) Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Instituto de Letras. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/85208739/a-competencia-discursiva-atraves-dos-geros>>. Acesso em: 09 jun. 2013.

BAHIA, J. P. D. (2005). **Jornal na escola: estratégias de uso para a construção de cidadania.** 193f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador. Disponível em: <http://www.anj.org.br/pje/biblioteca/monografias-dissertacoes-e-teses/JornalnaEscola_estrategiasdeUsoparaConstrucaoDaCidadania.pdf/view>. Acesso em: 10 mar. 2013.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura.** 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

BASAGLIA, Claudete Camargo Pereira. **Nuvem de mascates: raízes que se rompem.** Campinas, 2002. Dissertação (Mestrado), UNICAMP. Disponível em: <http://www.unicamp.br/anuario/2002/FE/FE-dissertacoesmestrado.html>>; Acesso em: 1 fev. 2012.

BATAN, Marco Antonio. **Propaganda na Educação: Programa Jornal na Escola.** Comunicação Apresentada ao NP 11. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/nucleopesquisa9.htm>>. Acesso em: 9 jun. 2013.

BELLONI, Maria Luiza. Educação para a mídia: missão urgente da escola. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 17, p. 36-46, ago. 1991.

BERTOLETTI, Esther Caldas. A memória da comunicação impressa brasileira e o exercício da cidadania. In: OLIVEIRA, Maria Jose da Costa (org.). **Comunicação pública.** Campinas: Alínea, 2004.

BEVORT, Evelyne e BELLONI, Maria Luiza. Mídia-Educação: conceitos, história e perspectivas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009 Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n109/v30n109a08.pdf>>. Acesso em: 09 de jun. 2013.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da Pesquisa: monografia, dissertação, tese.** São Paulo: Atlas, 2004.

BORELLI, Maria Aparecida. **O jornal e a escola. 2002. Programas e projetos.** Disponível em: <<http://www.alb.com.br/anaisjornal/ezequiel/MesasRedondas/AparecidaBorelli.htm>>. Acesso em: 5 set. 2012.

BRAGA, José Luis e CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação: questões delicadas na Interface.** São Paulo: Hacker Editores, 2001.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. SP: Loyola, 2000.

CALDAS, Graça. **Leitura crítica da mídia: educação para a cidadania**. 1º Seminário Nacional: “O Professor e a Leitura do Jornal”. ACORDE - Cooperativa Educacional. Campinas 29 a 31 de julho de 2002. Disponível em: < <http://alb.com.br/arquivo-morto/anais-jornal/jornal1/comunicacoes/seminario.htm>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

CALDAS, Graça. Ética e cidadania na formação do jornalista. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 44, p. 85-101. 2005.

CALDAS, Graça. **Mídia, Escola e Leitura Crítica do mundo**. Jan/abr. 2006. Disponível em: <http://www.academia.edu/855117/Midia_escola_e_leitura_critica_do_mundo>. Acesso em: 16 jun. 2013.

CAMARGO, Eliana Nardelli de. **Formação de professores no Programa Jornal, Escola e Comunidade**. 2006. (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/11/TDE-2006-05-29T10:46:22Z-2260/Publico/Tese%20Eliana%20Nardelli%20de%20Camargo.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2013.

CANÁRIO, Rui. **A escola tem futuro? Da promessa as incertezas**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CARVALHO, Juliana. **Dicas para o trabalho com jornais no Ensino Médio**. 12 maio 2009. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/suavoz/0115.html>>. Acesso em: 12 jan. 2013.

CAPRINO, Monica Pegurer. **Interfaces Jornal e Educação: Panorama e Transformações na Sociedade Global**. Trabalho Apresentado na NP Comunicação Educativa, do VIII Nupecom – Encontro dos Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2008

CAVALCANTI, Joana. **O jornal como proposta pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2003.

CECCANTINI, João. **Ler além das palavras**. 2012. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/6220_LER+ALEM+DAS+PALAVRAS>. Acesso em: 02 abr.2013.

CENECA. **Manual Latino Americano de Educação para a Comunicação**. UNESCO/CENECA, 1992.

CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CHEIDA, Marcel José. **O jornal na tensa fronteira entre o público e o privado: um estudo para ler criticamente os jornais em sala.** In: SILVA, Ezequiel Teodoro. (org.).

_____. **O jornal na vida do professor e no trabalho docente.** São Paulo: Global; Campinas: Associação de leitura do Brasil, 2007. (p.33-48)

CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação.** São Paulo: Cortez, 2006.

CITELLI, Adilson (coord). **Aprender e ensinar com textos não escolares.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 1987.

CORTELLA, Mario Sergio. **O professor e a leitura do jornal.** In: SILVA Ezequiel Teodoro da. (org.). **O jornal na vida do professor e no trabalho docente.** São Paulo: Global; Campinas: Associação de Leitura do Brasil, 2007.

CONSOLO, Garcia Treitero Angeles. **Uma educação comunicativa: Uma nova forma de aprender.** ECA-SP 2005. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/6/64/GT10_-_017.pdf>. Acesso em: 20 jun 2013.

COSTA, Arminda Tereza dos Santos. Evento: I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação Instituto de Educação, Universidade do Minho, Campus de Gualtar - Braga – Portugal. e III Encontro de Sociologia da Educação, subordinados à temática do Não-Formal e do Informal em Educação: Centralidades e Periferias. Período: 25 a 27/03/2013. Comunicação Oral aceita e executada: “**Projeto Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna: uma experiência de educação**”

COSTA, Sílvia. **Jornal na Educação.** Considerações Pedagógicas e Operacionais. Santos: s.c.p., 1997.

_____. 10 Anos Jornal Escola. **A Tribuna de Santos.** Suplemento Especial. 02 dez. 2002.

CRUZ, Mariana. **Jornal como recurso pedagógico.** 01 de fevereiro de 2011. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0281.html>>. Acesso em 10 jan. 2013.

DAVID, Marcos. **Origens de Guaxupé.** Disponível em: <http://www.guaxupe.mg.gov.br/acida_de/historia/historia.html> Acesso em 09 fev. 2014

DAWSON, Ross. **Infográfico Quando o jornal impresso deixará de existir.** 09 de novembro de 2010. Disponível em: <<http://capitalcriativo.wordpress.com/2010/11/09/infografico-quando-o-jornal-impresso-deixara-de-existir/>>. Acesso em: 12.10.2013.

DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel. A infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil.** 11 ed. São Paulo: Ática, 1995.

DINES, Alberto. **O papel do jornal: uma releitura**. 8. ed. São Paulo: Summus, 1986.

EDUCA-TUBE. Disponível em: <<http://educa-tube.blogspot.com.br/2010/03/entrevista-sobre-midia-educacao-com-o.html>> Acesso em 9 jun 2013.

FANTIN, Monica. **Mídia-Educação, conceitos, experiências diálogos Brasil- Itália**. Florianópolis/SC.: Cidade futura, 2006.

_____. **Perspectivas teórico-metodológicos da mídia-educação**. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, INTERCOM, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1319-1.pdf>>. Acesso em: 20 jun 2013.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

_____; ZANCHETTA Juvenal. **Para ler e fazer o jornal na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **O jornal na sala de aula**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FREINÉT, Celéstin. **O jornal escolar**. Lisboa: Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 45. Ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar**. Ed. São Paulo: Olho d'água, 1997.

GADOTTI, Moacir. **O Jornal na Escola e a formação de leitores**. Brasília: Líber livros Editora, 2007.

GAIA, Rossana Viana. **Educomunicação & Mídias**. Maceió: Edufal, 2001.

GERALDI, J. W. (org.). **O texto na sala de aula. Leitura e Produção**. 2^a. ed. Cascavel: Assoeste, 1985. 125 p.

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não Formal e o Educador Social. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010.

_____. Educação não formal: um novo campo de atuação. **Ensaio: aval. pol. públ. educ.** [online]. 1998, vol.06, n.21, pp. 511-526. ISSN 0104-4036. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0104-40361998000400005&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 10 jun. 2013.

_____. Educação Não-formal, na pedagogia social. Em *Anais do 1. I Congresso Internacional de Pedagogia Social*, 2006, São Paulo (SP) [online]. 2006. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC00000092006000100034&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em: 29 mar. 2012.

GOIS, Antonio; PINHO, Ângela. **Brasil é reprovado, de novo, em matemática e leitura**. Disponível em: 5 dez. 2007

<<http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u351481.shtml>>. Acesso em: 16 dez. 2013.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **História e historiadores: a política cultural do Estado Novo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GONÇALVES, Lídia Maria. **Do Ledor ao Leitor: um estudo de caso sobre as insuficiências na utilização do jornal em sala de aula no ensino de Língua Portuguesa em turmas do último ano do ensino fundamental**. Tese apresentada ao curso de estudos da Linguagem/Aquisição de Língua Materna, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. **Mídia, Educação e Cidadania**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GUEDES, Paulo Coimbra, SOUZA, Jane Mari de NEVES, Iara C., SCHÄFFER, Neiva O., KLÜSENER, Renita (org.). **Ler e Escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

HANSEN, Karla. **Jornal em Sala de Aula**. Entrevista com a professora Miriam S. Leite. 8 ago 2005. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/jornal/materias/0260.html>>. Acesso em: 12 fev. 2013.

HERR, Nicole. **Aprendendo a ler com o jornal**. 2 ed. Belo Horizonte: Dimensão, 2001.

IJUIM, Jorge Kanehide. **O jornal de classe como instrumento de integração disciplinar no ensino de 1º grau. Estudo de caso: Bauru**. 1989. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) Faculdade de Comunicação Social “Cásper Líbero”. São Paulo, 176 p.

JACQUINOT, Geneviève. **O Que é educomunicador?** Set. 2007. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/11.pdf set./2007>>. Acesso em: 9 jun. 2013.

KLEIMAN, Ângela. **O jornal e a escola: programas e projetos. 2002**. Disponível em: < <http://www.alb.com.br/anaisjornal/ezequiel/mesasRedondas/AngelaKleiman.htm>>. Acesso em: 16 jun. 13.

LAUBE, Fabiana Cyntia. **O jornal no contexto escolar: A Leitura como prática social e prática institucionalizada**. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Regional de Blumenau –FURB. Disponível em: < http://proxy.furb.br/tede/tde_arquivos/4/TDE-2006-10-23T100417Z-124/Publico/Diss%20Cyntia%20Fabiana%20Laube.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2013.

LAURITI, Nádía C. **Comunicação e educação: território de interdiscursividade**. 2009. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/artigos>>. Acesso em: 30 jun. 2000.

LOPES, Antonio H.; Lustosa, Isabel; Rouchou, Joëlle. Entrevista com Ângela de Castro Gomes. **Escritos**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/revista/Escritos_3/FCRB_Escritos_3_15_Antonio_Herculano_Lopes_Isabel_Lustosa_e_Joelle_Rouchou_entrevista.pdf> Acesso em 09 fev. 2014.

LOPES, Leandro Aparecido. **Cidade, Ferrovia e Imigrantes: A Cia Mogiana e os Sírios e Libaneses em Guaxupé – MG** pdf. autor: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011. Disponível em: <http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300662056_ARQUIVO_LeandroAparecidoLopes.pdf> Acesso em 12 fev. 2014.

LOZZA, Carmen. **Escritos sobre Jornal e Educação, olhares de longe e de perto**. Coleção Leitura e Formação. São Paulo: Global, 2009.

MARIA, Luzia de. **Leitura & Colheita**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MARQUES, José de Melo. Comunicação educativa. Presença do jornal na escola: iniciação ao exercício da cidadania. In: ____. **Comunicação & Libertação**. Petrópolis: Vozes, 1981.

. Estímulos midiáticos aos hábitos de leitura. In: BARZOTTO, V.H. e GHILARDI, M.I. (orgs) **Mídia, educação e leitura**. São Paulo: Anhembi-Morumbi/ALB, 1999.

META. HÁBITOS DE INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO DE OPINIÃO DA POPULAÇÃO BRASILEIRA II. Relatório de Pesquisa Quantitativa - Pesquisas de Opinião – 2010 dez. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/pesquisas/2010-12-habitos-ii/2010-12-habitos-de-informacao-e-formacao-de-opiniao-da-populacao-brasileira-ii.pdf>> Acesso em 09 jan 2014.

MEYER, Philip. **Os jornais podem desaparecer?: como salvar o jornalismo na era da informação**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOLLO, Patrícia Monsão. **Jornal escolar: uma nova proposta**. São Paulo, 1986, Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

MONTESSORI, Maria. **Mente Absorvente**. Rio de Janeiro: Nórdica, 1987.

MORAES, Maria de Lurdes de Lorenzo & JORGE, Sônia de Gouveia. O jornal na sala de aula: possibilidades de uso pedagógico. In: **Atividades para o ciclo básico**. São Paulo: CENP, 1993.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.

MORGADO, Carolina. *Jornal em sala de aula – Uma janela para o mundo*. TCC Pós-graduação em Língua Portuguesa. Centro Universitário Monte Serrat. Santos/São Paulo, 2012.

MOURA NETO, José Naves de. **Guaxupé**. Disponível em: <<http://www.reocities.com/TheTropics/6654/hist.htm>> Acesso em 09 fev. 2014

NOVOA, Antonio. (org) **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

OLIVEIRA, Nelvana Leuz; RUIZ, Priscila Juliana. **Leitura crítica dos jornais e a produção de textos**.

Disponível: <http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2007_g/textos/09.htm> Acesso em 09 jan 2014

OS PROGRAMAS DE JORNAL NA EDUCAÇÃO BRASILEIROS: UM DIAGNÓSTICO. Relatório conclusivo do estudo realizado junto às empresas jornalísticas filiadas à Associação

Nacional de Jornais. ANJ, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/?q=node/40>>. Acesso em: 13 jan. 2014.

O USO DO JORNAL COMO INSTRUMENTO DE ENSINO-APRENDIZAGEM. Seção Midia & Educação, **Revista Aprender**. Ano 1º Nº 1, maio/julho 2000.

PACHECO, José. Título: *Jornal na Educação*. In: VISITA A PORTUGAL PROGRAMA JORNAL ESCOLA, 2002, Portugal: Coimbra. 1 DVD.

PALHARES, José Augusto. **Reflexões sobre o não-escolar na escola e para além dela**. *Revista Portuguesa de Educação*. 2009. PP. 53-84. Disponível em: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpe/v22n2/v22n2a04.pdf>>. Acesso em: 14 mar. 2013.

PARENTE, Cristiane. **Ler além das palavras**. 5 fev. 2013. Disponível em: <<http://culturamidiaeducacao.blogspot.com.br/2013/02/ler-alem-das-palvras.html>>.

Acesso em: 16 jun. 2013.

_____. *Uso do jornal na sala de aula melhora desempenho dos estudantes, diz pesquisa*.

Portal Aprendiz 29 set. 2008. Disponível em: <<http://aprendiz.uol.com.br/content/treclodrud.mmp>>. Acesso em 23 jun. 2013.

PASTORELI, Ricardo. **Material teórico, sobre o uso do jornal e a formação cidadã**. Ago. 2012. Disponível em:

<<http://blogs.odiariorio.com/odiarionaescola/2012/08/02/material-teorico-sobre-o-uso-do-jornal-e-a-formacao-cidada/>>. Acesso em 16 jun. 2013.

PAVANI, Cecília; JUNQUER, Angela.; CORTEZ, Elizena. **Jornal: uma abertura para a educação**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

PAVANI, Cecilia (org). **Jornal: (In) formação e ação**. Campinas, SP: Papyrus, 2002.

PENTERIANI, Maria Cecília Beu. **O jornal “Intervalo” na sala de aula como instrumento de incentivo á leitura.** 2004. TCC (Especialização em Psicopedagogia) Universidade Católica de Santos.

PINTO, Luis Miguel Castanheira Santos. - **Educação Não-Formal um Contributo para a Compreensão do Conceito e das Práticas em Portugal.** Instituto Superior De Ciências Do Trabalho E Da Empresa –ISCTE. Dez.- 2007.

PRADO, Jason (org): CONDINI, Paulo (org). **A formação do leitor: pontos de vista.** Rio de Janeiro: Argus, 1999.

QUINTO Encontro sobre Mídia, Educação e Leitura. Educ. Soc., Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1497-1510, Set./Dez. 2005. Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

RODRIGUES, Olao. História da Imprensa em Santos. Santos. Gráfica A Tribuna. 1979.

SACRISTÁN, J. Gimeno e GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e transformar o ensino.** Porto Alegre: ArtesMédicas, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. O Currículo: uma reflexão sobre a prática 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SANDRONI, Laura Constância: MACHADO, Luiz. Raul (Org.). **A criança e o livro: guia prático de incentivo à leitura.** 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker. **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores.** São Paulo: Global, 2009.

SANTOS, Selma Aguiar. **A informação na educação escolar: o uso dos jornais na sala de aula – análise do projeto “NH” na escola.** 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

SAYAD, Alexandre Le Voci. **Idade Mídia. A comunicação reinventada na escola.** São Paulo: Aleph, 2011.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **O texto: da teoria à prática: subsídios à proposta curricular para o ensino de língua portuguesa – 1º. grau.** São Paulo: SE/CENP, 1991.

SELIGMAN, Laura. A escola e a educação para os meios - O que dizem as políticas públicas brasileiras e catarinenses. Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/porta/5seminario/PDFs_autores/Laura_Seligman.pdf

SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **O Jornal na vida do professor e no trabalho docente.** São Paulo: Global, Campinas: ALB, 2007.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O professor leitor**. Artigo publicado no blog Leitura e Ensino em 9 out. 2009. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/jornaleeducacao/o-professor-leitor>>. Acesso em 16 jun. 2013.

SILVA, Ivani Ribeiro da Silva. **Giusfredo Santini O Grande Comandante: Um marco na história da comunicação em Santos**. Santos. Leopoldianum. 2005.

SILVEIRA, Flavio Eduardo. Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira II. Relatório de Pesquisa Quantitativa. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/pesquisas/2010-12-habitos-ii/2010-12-habitos-de-informacao-e-formacao-de-opinio-da-populacao-brasileira-ii.pdf>> Acesso em 09 jan 2014.

SILVEIRA, Victor. **Minas Gerais em 1925**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1926. Disponível em: <http://www.guaxupe.mg.gov.br/patrimonio_historico/patrimonio.html> Acesso em 09 fev. 2014

SOARES, Ismar de Oliveira. A mobilização da sociedade: iniciativas do governo, da universidade e dos centros de pesquisa. **In: Comunicação e Educação: a experiência americana**. Relatório FAPESP, 2000, p.191-215.

_____. **Uma educomunicação para a cidadania**. 2002. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/6.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2013.

_____. **Entrevista: Educar para a comunicação**. 2009. Disponível em: <<http://www.mundojovem.pucrs.br/entrevistas/edicao-332-entrevista-educar-para-a-comunicacao>>. Acesso em: 9 jun. 2013.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p.26.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura e de escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

TAVARES, Marcus. Entrevista: Cristiane Parente set. 2009. Edição 557. **O papel do jornal na educação. Caderno da Cidadania**. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_papel_do_jornal_na_educacao>. Acesso em: 16 Jun. 2103.

TEIXEIRA, Josina Augusta Tavares; coautor (res) FAGUNDES, Andrea Vassallo. **Jornal Televisivo: uma estratégia atraente para se trabalhar a linguagem oral na escola**. Dez. 2009 Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=12879>>. Acesso em: 9 jun.2013.

TEIXEIRA, Ana Paula de Moraes. **As propostas de Jornal na Educação e suas implicações com a formação de cidadania**. Apresentada ao NP 11. Comunicação Educativa - V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R1662-1.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

WURMAN, Richard Saul. **Ansiedade da Informação. Como transformar informação em compreensão.** 3. ed. São Paulo: Editores Associados, 1991.

YUNES, E. **Pensar a Leitura:** complexidade. Rio de Janeiro: PUC-RIO; São Paulo: Loyola, 2002.

ZANCHETTA JUNIOR, Juvenal. Desafios para a abordagem da imprensa na escola. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1497-1510, set./dez. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n93/27290.pdf>>. Acesso em: 9 jun. 2013.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Estrutura da Pesquisa Qualitativa

Questionário aplicado nas entrevistas realizadas com profissionais que colaboraram com o Programa: Jornal, Escola e Comunidade.

ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTAS SOBRE SILVIA COSTA:

Entrevista: Qualitativa – Grupos de Entrevistados

a.) Profissional que teve contato com o PROGRAMA JORNAL. ESCOLA E COMUNIDADE – A TRIBUNA (SANTOS/SP) Educadores.

b.) Profissional que trabalhou junto à gestão (Jornalistas)

Período da Coleta: Janeiro / Fevereiro 2013/14

Amostra: total de 18 entrevistados

Forma de Aplicação: Alguns foram entrevistados pessoalmente outros por e-mail.

Nome completo e Formação?

Período trabalhado com o PJEC?

Onde atua hoje?

Seu contato era direto com Silvia Costa?

Fale um pouco desta relação profissional?

Sobre a sua atuação junto ao Programa e seu trabalho com Silvia Costa:

Experiências Relevantes: Um pouco do que achar interessante colocar....

Aspectos positivos do programa:

Aspectos negativos do programa:

E o que foi mais importante para sua vida profissional em relação a esta experiência profissional?

Pode descrever como era Silvia Costa na coordenação deste projeto?

Existiram duas gestões em 20 anos de Programa se teve contato com as duas poderia traçar diferenças ou alguma modificação no Programa?

Alguma curiosidade que lembre?

Autoriza que seu nome seja revelado ou citado na dissertação?

E muitíssimo obrigada.

Mestranda: Arminda Tereza dos Santos Costa

Relação de Entrevistados:

Jornalistas

Armando Akio – Jornalista

Jornalista de A Tribuna que teve convivência com o Programa, realizada por email, em 21.01.2014

Arminda Augusto – Editora Chefe de A Tribuna

Teve contato com a gestora do programa como chefe direta, e colega de trabalho, realizada por e-mail em 22.01.2014.

Fabiana Honorato – Chefe de Redação A Tribuna

Foi estagiária do Programa JEC, na gestão de SCosta, realizada por e-mail em 22.01.2014.

Helena Akio – Editora A Tribuninha

Na gestão da educadora em questão, coleta realizada por e-mail em 18.01.2014.

Rivaldo Santos – Jornalista A Tribuna e atual Secretário de Comunicação da Prefeitura Municipal de Santos

Na ocasião da gestão em questão, era jornalista A Tribuna, coleta realizada em entrevista pessoal em 27.01.2014, 15h, na Prefeitura Municipal de Santos, gabinete do secretário.

Marcus Fernandes – Editor caderno Ciência e Meio Ambiente – A Tribuna

Era jornalista na gestão da educadora, e atuou muito com o Programa. Entrevista foi realizada por e-mail em 2.10.2013.

Waldir Pedro – Estagiário Programa hoje dono de uma editora

Atuou no início do Programa como estagiário, hoje reside Rio de Janeiro. Entrevista realizada por e-mail em 21.01.2014.

Nilce Silva – Editora Expresso Popular

Foi quem contratou a Sra. Costa, para dirigir o Programa e quem esteve ao seu lado por muito tempo. Entrevista realizada por e-mail em 22.01.2014.

Alexandre Barbosa (Bar) – Chargista e Professor Universitário

Atuou com Silvia Costa como colaborador para o Programa enquanto funcionário de A Tribuna. Entrevista realizada por e-mail em 22.01.2014.

Educadores:

Que participaram da gestão de Silvia Costa e um ainda participam.

Edilaine Oliveira Avelino – Serviço Social / Educadora Sistema Penitenciário

Entrevista coletada por e-mail, em 10.01.2014.

Entrevistado X – Jornalista e Educador (pediu para não ser revelado.)

Entrevista realizada pessoalmente em 8.02.2014.

Peilton Sena – Coordenador da UNILUS – Universidade Lusiadas – Santos SP, na ocasião da gestão atuava no Colégio Unilus e era coordenador do programa e o colégio.

Entrevista coletada pessoalmente em 20.02.2014

Silvio Bispo – Delegacia de Ensino, professor de Matemática, hoje em São Vicente

Entrevista cedida, via e-mail em 26.02.2014

Zélia Barros – Serviço Social e Educadora hoje aposentada.

Entrevista cedida, via e-mail em 20.01.2014

Universidade:

Adalto Jr – Economia (Vice-Reitor - UNIMONTE)

Entrevista cedida, por e-mail em 10.10.2013.

Helio Hallite – Cultura Portuária (UNIMES / UNISANTA)

Entrevista cedida, por e-mail em 09.10.2013.

Empresários:

Miguel Gobbi (Santa Catarina)

Entrevista cedida, por e-mail em 27.01.2014

Jose Pacheco (vídeo parte do Programa)

E entrevista pessoal durante congresso estadual realizado em Santos – 15 setembro 2013, Mendes Plaza Hotel.

Gestora do Programa:

Silvia Costa (202, 2013, 2014)

Entrevista concedida, por vários e-mails trocados, telefonemas, e contato pessoal.

APÊNDICE B – Comunicação apresentada oralmente. Texto integral

Título: “Projeto Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna: uma experiência de educação”

Evento: I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação Instituto de Educação, Universidade do Minho, Campus de Gualtar - Braga – Portugal, e III Encontro de Sociologia da Educação, subordinados à temática do Não-Formal e do Informal em Educação: Centralidades e Periferias.

Período: 25 a 27/03/2013.

Promoção: Instituto de Educação da Universidade do Minho

Organização: Departamento de Ciências Sociais da Educação, Universidade do Minho / Secção de Sociologia da Educação da Associação Portuguesa de Sociologia e da Asociación de Sociología de la Educación (ASE) – Espanha.

Projeto Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna: uma experiência de educação

Armanda Tereza dos Santos Costa
Universidade Católica de Santos/SP – Brasil
texelarminda@terra.com.br

Esta comunicação faz parte da dissertação de mestrado em Educação em andamento, cujo título é "Projeto Jornal Escola e Comunidade – A Tribuna, uma experiência de educação" na Baixada Santista. Com 100 escolas cadastradas, oferece experiências na utilização do meio impresso na escola; organizando processos de formação segundo demandas sociais (GOHN, Educa, online, n.21, 1998, p.518).

Utiliza-se das ferramentas: um ambiente digital, uma coluna semanal – publicada em A Tribuna – reuniões de coordenação com os professores. O seu acervo é um rico patrimônio que merece análise sobre o valor de suas experiências situadas no entrecruzamento do âmbito não formal com o formal (AFONSO, In: ESTEVES, 1992).

O Projeto

Parte-se do princípio de que não só o sistema formal de ensino como toda a sociedade educativa têm o dever de transformar em momentos educativos as situações de desempenho pelos adultos dos seus diversos papéis sociais: como produtor, como consumidor, como progenitor, como cidadão, como elemento do eco-sistema [...] (LIMA et al, p. 33, cit. CANÁRIO et al, 2006, p. 208).

O Projeto é

.../ modalidade da educação não-formal, destinada à aprendizagem da escrita e da leitura através de procedimentos e métodos não oficiais, existe a preocupação de se transmitir os mesmos conteúdos da escola formal, de se repassar o acervo de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Entretanto esse repasse é desenvolvido em espaços alternativos e com metodologias e sequências cronológicas diferenciadas; com conteúdos curriculares flexíveis, adaptados segundo a realidade da clientela a ser atendida. .../ (GOHN, ibid., p.518).

O objetivo deste estudo é compreender as práticas propostas pelo Projeto, a dimensão e os limites de sua atuação.

A metodologia baseou-se no acervo do jornal (relatórios, artigos), onde levantaram-se os dados, segundo o roteiro de pesquisa. Após seleção de algumas escolas cadastradas, far-se-á o estudo da repercussão do Projeto, utilizando questionários e entrevistas.

Primeiros resultados apontam que o jornal oferece material de ampliação da capacidade de leitura, aprofundamento da linguagem, contextualização dos conhecimentos, promovendo aprendizagem mais dinâmica, prática e atrativa por processos não formais na dimensão da revalorização epistemológica da experiência (CANÁRIO, 2006, p.223).

Palavras-chave: Escola; Jornal A Tribuna; Leitura.

Jornal Escola e Comunidade

Durante todo processo de relação com o projeto é sempre importante que os participantes estejam cientes de que o valor do êxito do trabalho está no devido empenho e a criatividade dos educadores e a participação, o engajamento dos envolvidos, é extremamente fundamental para o sucesso da iniciativa.

O Programa Jornal, Escola e Comunidade (JEC) foi implantado pelo Jornal A Tribuna em 1992, por iniciativa do diretor Roberto Clemente Santini, que, na época, integrava o Comitê de Leitura da Associação Nacional de Jornais (ANJ). Empresas jornalísticas de vários países adotaram programas educativos de incentivo à leitura de jornais, envolvendo crianças, jovens e adultos. No Brasil, o JEC é um dos pioneiros no segmento de Programas de Jornal e Educação (PJE) da ANJ e envolve desde a sua fundação: educadores e alunos das diversas cidades da Baixada Santista em prol da comunidade.

O Jornal A Tribuna, um veículo de mídia impressa diária, formato *standart*, que tem sua circulação regional abrangente nos 9 municípios da Baixada Santista (Santos, São Vicente, Praia Grande, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá e Peruíbe), faz parte da Associação Nacional de Jornais, é o terceiro título mais antigo do Brasil completando 119 anos no dia 26 de março de 2013.

Entre os principais objetivos do JEC estão o desenvolvimento do hábito de leitura, o estímulo à busca pela informação, a promoção de discussões acerca da realidade – instrumento de contextualização do caminho escolar –, e o enriquecimento do universo cultural e educacional do aluno e/ou participante. Assim utiliza o jornal como recurso didático e pedagógico em ambientes socioeducativos.

Parte-se do princípio de que não só o sistema formal de ensino como toda a sociedade educativa têm o dever de transformar em momentos educativos as situações de desempenho pelos adultos dos seus diversos papéis sociais: como produtor, como consumidor, como progenitor, como cidadão, como elemento do eco-sistema [...]. (Lima et al. 19881, como citado em Canário, 2006, p.169).

Maria da Glória GOHN (2001, p.98) conceitua a educação em sentido amplo enquanto

.../ forma de ensino/aprendizagem adquirida ao longo da vida dos cidadãos, pela leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos, que os indivíduos fazem de forma isolada ou em contato com os grupos e organizações, pois toda vivência é somada, inclusive a educação formal, entendida enquanto ensino de língua e do conhecimento.

O Projeto Jornal Escola mostra aspectos enfatizados por Rui CANÁRIO (2006, p.223):

*.../ num processo de aprendizagem que, necessária e desejavelmente, combina uma grande diversidade de modalidades, corresponde a atender o processo educativo como um *continuum* (permanente) que integra e articula diferentes graus de formalização e ação educativa. Nesta perspectiva, educação escolar e não escolar, educação formal e não formal não são mutuamente exclusivas, nem estão separadas por fronteiras estanques. Encarada como um “meio de vida”, a escola constitui um ecossistema de aprendizagem que integra, simultaneamente, tanto as atividades formais características da sala de aula, quanto as modalidades educativas não formais que ocorrem, em permanência, fora dela. Neste sentido, o enriquecimento deliberado do ambiente escolar, multiplicando as oportunidades de*

aprender sem “ser ensinado”, pode representar um caminho importante para a “reinvenção” da escola.

A experiência do Jornal Escola e Comunidade pode ser considerada:

.../ modalidade da educação não-formal, destinada à aprendizagem da escrita e da leitura através de procedimentos e métodos não oficiais, existe a preocupação de se transmitir os mesmos conteúdos da escola formal, de se repassar o acervo de conhecimentos historicamente acumulados pela humanidade. Entretanto, esse repasse é desenvolvido em espaços alternativos e com metodologias e seqüências cronológicas diferenciadas; com conteúdos curriculares flexíveis, adaptados segundo a realidade da clientela a ser atendida. .../ (GOHN, 1998, p.518).

Tabela 1	
Escolas Participantes de 2013	LITORAL PAULISTA
Bertioga Escolas Estaduais: 2	2
Cubatão Escola Estadual: 1 Escolas Municipais: 5 Ong: 1	7
Guarujá Escolas Municipais: 2 Ongs: 1 Penitenciária: 1	4
Itanhaém Escolas Municipais: 20 Escola Estadual: 1 Escola Técnica: 1	22
Mongaguá Escolas Municipais: 5 Penitenciária: 1	6
Peruíbe Escolas Municipais: 3 Escolas Estaduais: 1	4
Praia Grande Escola Estadual: 1 Escola Municipal: 13 Escola Particular: 1 Ong: 1 Penitenciária: 1	17
Santos Escolas Particulares: 4 Escolas Municipais: 14 Escolas Estaduais: 4 Ongs: 1 Escola Técnica: 1	24

São Vicente Escolas Municipais: 5 Escolas Estaduais: 2 Ongs: 4 Penitenciária: 1	12
Total de Escolas →	98

Santos e arredores → Santos, São Vicente, Cubatão, Guarujá;
Litoral Norte → Bertioga
Litoral Sul → Praia Grande, Mongaguá, Itanhaém, Peruíbe

Fonte: Arquivo Jornal Escola

Figura 1 – Mapa da Baixada Santista (Litoral Paulista)



Atualmente, o Programa cerca de 100 unidades, entre escolas das redes pública e privada, de Ensino Fundamental, Médio e Superior, além de instituições, ONGs e associações que desenvolvem atividades socioeducativas, segmentos específicos como educação de jovens e adultos, educação especial e ensino profissionalizante, além de instituições de ressocialização (presídio, por exemplo).

O Projeto, nos seus 21 anos de existência, passou por transformações:

a) 1992 – 2008:

Estes 16 anos foram coordenados por Silvia Costa, jornalista.

Proposta inserir o jornal na escola como instrumento de leitura, tornando o leitor crítico e avaliavam reportagens. O relacionamento do projeto se dava com as Prefeituras e Secretárias de Ensino.

b) 2008:

A partir de setembro, o contato é com direto com as escolas e professores, encurtamos o caminho. O projeto passa a ser coordenado por Carolina Morgado, jornalista tornando assim o aprendizado com um foco atual, mais real e linkando (ligando) com a utilização do mesmo no dia a dia.

Concursos culturais que estimulam alunos e valorizam professores, ligados sempre a temas do semestre.

c) 2010:

A estrutura de contato com a rede de ensino é através de reuniões bimestrais e tem um encontro por semestre para fechamentos dos anos.

A partir deste ano passa a atender Fundação Casa, unidade de internação, Presídios. Os encontros são temáticos e as oficinas abrangem a leitura crítica com produção.

d) 2013:

Até esta data, pela experiência do Projeto, cerca de 80 mil alunos e 2000 professores foram atendidos.

As atividades do Programa são desenvolvidas entre os meses de fevereiro a dezembro. Um dos critérios de seleção é a justificativa de participação da unidade. A equipe do JEC avalia os cadastros e seleciona os participantes do ano letivo. A cada ano, todas as unidades precisam passar novamente pelo processo seletivo. Cada unidade recebe um pacote semanal com jornal de encalbe para utilização em sala de aula ou nos espaços de leitura e uma assinatura diária do Jornal A Tribuna, além de apoio pedagógico e orientação para o desenvolvimento das atividades.

Figura 2 - Página do Jornal A Tribuna, coluna "Jornal Escola e Comunidade"

Jornal Escola e Comunidade

Assim como o jornal A Tribuna, este suplemento também visa promover a formação e a cidadania, através de um conteúdo informativo e educativo, desenvolvido em parceria com as escolas e a comunidade. Disponível em: www.tribuna.com.br

A democracia invade a escola

Alunos conquistam votos dos colegas fazendo campanha como numa eleição de verdade



Os alunos se envolvem no processo eleitoral realizado na escola. Os votos foram dados com base nos propostas dos candidatos.

AVULGADO

As eleições municipais do próximo dia 7 estão mobilizando o município e as ruas da cidade brasileira. Cavaleiros, bandeiras e cartões dos candidatos estão por toda parte. É natural que isso vá para dentro das salas de aula.

Para escolher os alunos no processo eleitoral, a Faculdade Professor Reme Rodrigues de Moraes, situada em Curitiba, realizou o Projeto Eleições Escola 2012.

“Nossos alunos participam de reuniões e, na escola, mesmo que ainda não tenham elaborado, eles sabem se interessar, comentar e se informar a respeito dos candidatos e de suas propostas. Por isso, mantivemos o projeto na escola. O momento faz parte bastante o trabalho com questões ligadas à cidadania, à democracia e à



responsabilidade social”, explicou a educadora e pedagoga Cleide Faria, coordenadora da unidade de ensino.

Os alunos do 6º e 7º anos da unidade se organizaram em grupos e outros para conquistar votos. Cada classe se divide em grupos e cada um candidato a vereador, prefeito e vice-líder seguiu, no último trimestre, o sigilo para os partidos. Depois, cada grupo criou uma proposta de governo e um slogan para campanha. O candidato prefeito, por exemplo, tinha que detalhar as prioridades do seu governo e justificar por que os alunos deveriam votá-lo.

“E aí cada campanha eleitoral foi feita em nível de propaganda: cartões, cartazes, dos candidatos, faixas, banners e votos em cada classe”, para contar votos foram fixados. Nada de balotários ou qualquer tipo de letra para completar a cotação dos votos. Além de uma proposta dos candidatos, Cleide também fez um sorteio.

Conferenciando os votos eleitorais, alunos e professores cobraram os votos dos colegas. No dia da eleição, 21 candidatos e um prefeito foram eleitos, em votação de votos proporcionada por professores e alunos dos partidos.

Na atividade, diferentes disciplinas como Língua Portuguesa (leitura e escrita informal), observação de discussões, produção de textos e História (história das eleições, estudo dos Três Poderes) foram unidas em projeto de democracia.

A atividade fez com que os alunos compreendessem o processo eleitoral.

“Eles agora sabem seus direitos e obrigações com o compromisso das eleições. Têm consciência de cidadania que é o exercício de democracia e método que dá participação e não só, para que serve esta democracia, não só, mas em sua realidade com a terra e com o título de cidadão brasileiro”, finalizou a coordenadora.

ARTE INSTITUCIONAL

Shodix **ANJ**

Colocação dos exemplares à disposição dos envolvidos, em local adequado, organizado e identificado, para acesso à leitura.

As Unidades Participantes devem e desenvolvem práticas que podem ser elencadas:

- Inclusão no Programa no Projeto Político Pedagógico da escola;
- Recorte da coluna semanal do JEC e fixação da coluna no painel próprio do Programa;
- A utilização dos exemplares da rede pacote é com objetivo pedagógico e único de incentivo à leitura;
- Manuseio e arquivo do jornal diário dos cadernos e/ou colunas de interesse dos envolvidos;
- Participar das reuniões programadas para capacitação, formação e avaliação do trabalho (mínimo de quatro encontros durante o ano).

Figura 3 – Reunião de coordenação e participantes em Santos/SP (Brasil) do “Jornal Escola e Comunidade”



A educação vive um momento de reconstrução e o educador tem que rever seus conceitos e se adaptar às novas gerações, que chegam à escola com um universo cultural muito mais amplo do que se imagina.

Independentemente dos recentes e extraordinários progressos tecnológicos em matéria de comunicações, a habilidade de ler continua sendo um componente essencial para todo e qualquer tipo de aprendizagem, dentro ou fora da escola. Até mesmo a expansão do emprego do videocassete para fins de ensino tem estimulado o exercício dessa habilidade, em virtude do material impresso que acompanha o aparelho e da presença, no próprio vídeo, de textos que orientam, esclarecem, detalham ou ampliam o significado das imagens e dos sons. O uso cada vez maior de computadores em todos os setores da vida humana não dispensa um domínio bastante competente da habilidade de ler. De modo geral, aliás, os computadores tendem a exigir do usuário padrões muito superiores de competência em leitura (PAVANI, 2002, p.23).

Assim o uso das novas tecnologias deve fazer parte do ensino, dentro e fora da sala de aula, uma vez que são recursos indispensáveis para a melhor assimilação dos conteúdos e que a leitura não está sempre em textos verbais. Desse modo, o jornal serve como facilitador também de uma interpretação mais generalizada de diversas formas de linguagem.

Os profissionais da comunicação são tão responsáveis pela educação quanto os professores no que concerne à leitura.

A utilização do jornal em sala de aula abre possibilidades de infinitas vivências diferenciadas aos estudantes, que vêem a possibilidade de participar de um processo de ensino aprendizagem sendo protagonistas, onde o papel do professor é mais de mediador, facilitador dessa troca de informações e não mais como detentor absoluto dos conhecimentos. A relação de troca nos dias atuais é mais intensa entre educadores e educandos. A passividade ficou para trás e o que ajuda a determinar o sucesso da aprendizagem é o interesse de quem está a aprender – aquele que se entrega ao processo interativo, certamente, terá mais êxito não só na apreensão do conteúdo, mas na formação integral como um todo.

O aspecto não formal do Projeto Jornal Escola é importante para a aquisição pura e simples de conhecimentos de forma mais prática e muitas vezes mais eficiente. Ela se faz, se manifesta pela grande possibilidade de nesta educação não formal o campo estar aberto à criação de conhecimentos novos. A criatividade faz parte desta forma de educação, as possibilidades se ampliam. O ser está aberto a pensar e produzir junto.

Do legado freireano releva-se uma metodologia da acção pedagógica que granjeou um assinalável apreço na morfologia dos programas de educação não-formal, assim como implicitamente nos reconduz para a importância da relação do sujeito com o mundo que o rodeia, a partir da qual procura o sentido da transformação social pelas aprendizagens significativas do seu quotidiano. Dá-se, por conseguinte, relevo aos contextos e processos de experiência social, nos quais se partilha o conhecimento e se (re)descobre e compreende criticamente a realidade, o que pode constituir, particularmente para "os que não têm voz" (os oprimidos), uma possibilidade para o desenvolvimento da consciência de que a transformação social é possível, desde que os sujeitos se "conscientizem" que têm poder para o fazer, a partir do seu lugar no mundo. (PALHARES, 2009, p.64)

O estudo do Projeto Jornal Escola possibilita a reflexão sobre a importância de processos educativos não utilizados habitualmente pela escola e como podem ser aproveitados na construção de outros modelos de "forma escolar":

O reconhecimento da educação na transversalidade das múltiplas experiências de vida do sujeito, enfatiza, igualmente, a necessidade de uma redobrada atenção sobre um objecto que quotidianamente se molda, flui e escapa aos actuais espaços-tempo da escola, o que significa, em última instância, partir para a compreensão dos sentidos que emergem e se actualizam na relação entre actores e instituições sociais e educativas. (PALHARES, 2009, p.76)

Referências:

Afonso, Almerindo Janela (1992). Sociologia da Educação não-escolar: reactualizar um objeto ou construir uma nova problemática? In: Esteves, Antonio J. *A Sociologia na Escola – Professores, Educação e desenvolvimento*. Porto: Afrontamento.

Canário O, Rui (2006). Aprender sem ser ensinado. A importância estratégica da educação não formal. In Licínio C. Lima, José A. Pacheco, Manuela Esteves & Rui Canário, *A Educação em Portugal (1986-2006). Alguns Contributos de Investigação*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação, pp. 155-200. [em linha] [acedido em 29 de Janeiro de 2007, disponível em http://www.debatereeducacao.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=20&Itemid=10]

Gohn, Maria da Glória (1998). Educação não formal: um novo campo de atuação. *Ensaio: avaliação das políticas públicas da Educação*, 06(21), 511-526, out./dez.

Palhares, José Augusto (2009). Reflexão sobre o não-escolar na escola e para além dela. *Revista Portuguesa de Educação*, 22(2), 53-84.

Pavani, C. (2002). *Jornal: (In) formação e ação*. Campinas: Papirus.

APÊNDICE C – Relação de alguns materiais, artigos, entrevistas, oficinas, visitas, palestras a outras cidades, realizadas/publicadas sobre Silvia Costa

- Revista Aprender – Midia & Educação

O uso do jornal como instrumento de ensino-aprendizagem

Páginas 14, 15, 16 e 17

Autora convidada: Silvia Costa

- Coluna Jornal Escola

Sexta-feira, 28 de maio de 1999

Sexta-feira, 4 de junho de 1999

Segunda, 11 de setembro de 2006

- Bolando aula - Santos

Programas de jornal na educação facilitam o trabalho do professor. Entrevista:
Silvia Costa

Páginas 8 e 9

Nº 19 – março / 99

- Revista “Educadores em Ação” (Uberlândia)

Educomunicação

Páginas, 22, 23 e 24

Ano 4 – nº 4 jan/jun issn 1809-2004

- Trabalho com Programas de Formação de Agentes de Leitura

Faculdade Aelis - SEDUC

Integrou a equipe técnica do Proler /Baixada Santista desde a fundação em 1993, atuando na capacitação de professores, bibliotecários e auxiliares de bibliotecas.

- Correio Lageano – Lages / SC

Coluna: Lendo e Relendo – Pagina 2

Opiniões de professores

- Gazeta na Sala de Aula – Educação Política – exercício de cidadania.

Publicação Mensal – Rede Gazeta

Página 2 – Setembro 2006

- Tribuna Liberal - Tribuna na Educação / SANESP

Título: Tribuna na Escola é levado em Congresso

Pagina 5 – Santos 26, novembro 1995

- Educação Política – Exercício de cidadania.

Publicado: A Gazeta na sala de aula (Publicação Mensal da Rede Gazeta)

Silvia Costa – Setembro de 2006

Jornal O Progresso - Mato Grosso de Sul

Educação Integral – Título: Jornal é melhor recurso para a sala de aula.

24 de maio/89

Jornal Diário de Suzano

Título: Professora destaca formação pela informação.

28 de março de 1996

O Jornal - Concórdia – Santa Catarina

Título matéria de capa: O Jornal na Escola como veículo de informação e cidadania.

27 de março de 2003.

Tribuna Liberal – Sumaré

Título: Opinião – Jornal na Educação um programa em expansão

15 de outubro de 1995

Assessoria à Associação dos Jornais do Interior São Paulo e Santa Catarina.

XII Encontro Regional dos Jornais do Interior do Estado de São Paulo.
(Programa)

Título: Projeto Jornal na Escola

Publicação Jornal da Associação dos Jornais do Interior de São Paulo.
Maio/Junho 1993.

Congresso ADJORI – Paraná – Out/2002

A Tribuna de Santos – Jornal-Escola - 25 de outubro de 2002.

Publicações: da ocasião de sua visita ao Paraná.

-- Jornal Cidade de Barueri

Título: Jornais do Interior têm encontro em Itapeva.

12 de novembro de 2004

---Jornal Cidade Notícias

X Encontro dos Jornais em Taquarivai

20 de novembro

---Jornal “O Panorama”

Título: Jornalistas e professores fazem reunião paradidática.

19 de novembro de 1994

-- Folha do Oeste – São Miguel do Oeste / Santa Catarina

Título: Seminário da Folha é destaque regional.

09 de fevereiro de 2002

---Diário de Sorocaba

26 de março de 1995

Título: Matéria Capa Jornal na Escola. É hoje o Curso de Especialização.

Silvia Costa fala aos professores.

Capacitações de Professores em diversos Jornais:

Jornal A Crítica (Manaus / AM)

17 de maio de 1998

Título: Matéria 1ª página: Encontro discute a formação do leitor

Novas escolas buscam adesão ao programa.

Professores discutem o jornal na educação.

Jornal O Progresso (Mato Grosso do Sul)

14 de maio de 1999

Título: O Progresso na Educação mobiliza professores

Programa: DS na Escola

22 de fevereiro de 1998

Título: DS volta com Oficina.

Jornal Mogi News

Terça-feira, 18 de maio de 2010

Título: Função do jornal é ajudar estudantes a ler o mundo.

Matérias contextuais sobre seu trabalho publicadas por outros veículos.

(Inclusive da ANJ – só algumas)

--- Jornal da Associação Nacional de Jornais

Junho 2008 página 19

Título: Imagem a serviço da educação. DVD usa imagens de jornais para ajudar educadores e estimular alunos.

--- Jornal Gazeta (Vitória / E.S.)

Suplemento Prova dos 9 – Abril de 2007

Título: Leitura de Imagens

--- Jornal da Adjori – SP

Janeiro e Maio 1995 –

Matéria de capa

Título: Mais de 400 participantes fizeram do XI Encontro dos Jornais em Ilha Solteira um grande sucesso.

--- Jornalismo Científico

Boletim Especial do 4º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico – Campinas 23 a 25 de março de 1994

Programa – Palestra: Silvia Costa

--- Artigo Jornal na Educação e Jornalismo Científico – Uma conexão promissora

- **Coluna Jornal Escola**

Sexta-feira, 28 de maio de 1999

Sexta-feira, 4 de junho de 1999

- **Bolando aula - Santos**

Programas de jornal na educação facilitam o trabalho do professor. Entrevista: Silvia Costa

Paginas 8 e 9

Nº 19 – março / 99

- Revista “Educadores em Ação” (Uberlândia)

Educomunicação

Paginas, 22, 23 e 24

Ano 4 – nº 4 jan/jun issn 1809-2004

- Trabalho com Programas de Formação de Agentes de Leitura

Faculdade Aelis - SEDUC

Integrou a equipe técnica do Proler /Baixada Santista desde a fundação em 1993, atuando na capacitação de professores, bibliotecários e auxiliares de bibliotecas.

- Correio Lageano – Lages / SC

Coluna: Lendo e Relendo – Pagina 2

Opiniões de professores

- Gazeta na Sala de Aula – Educação Política – exercício de cidadania.

Publicação Mensal – Rede Gazeta

Página 2 – Setembro 2006

- Tribuna Liberal - Tribuna na Educação / SANESP

Tribuna na Escola é levado em Congresso

Pagina 5 – Santos 26, novembro 1995

ANEXO

Anexo A – DVD cedido por Silvia Costa

Transcrição: Arminda Teresa dos Santos Costa

Entrevistado: JOSÉ PACHECO

Educador português, Mestre nas Ciências da Educação

É especialista em leitura, escrita e música. Idealizador do Projeto Eclético Escola da Ponte em Portugal. Durante os últimos 30 anos esteve a frente, coordenando trabalho inovador baseado na autonomia dos estudantes.

Livros publicados:

- Sozinhos na escola
- Para os filhos dos filhos dos nossos filhos
- Para Alice com amor

Em entrevista:

EDUCAÇÃO, LEITURA E MIDIA NA VISÃO DE JOSÉ PACHECO

Silvia Costa:

- Senhor Pacheco temos no Brasil infelizmente grande numero de analfabetos e de pessoas semi-analfabetas, analfabetos funcionais, por outro lado nós temos as crianças e os jovens mais ligados em internet e aos games. Quanto a isso como o Sr. Encara a leitura no processo educacional, dentro e fora da escola?

José Pacheco:

- Falastes do Brasil, mas eu diria que na Europa dita, Portugal, e Europa em geral, temos problemas semelhantes. Temos um sistema de ensino, muito semelhantes. Temos um sistema de ensino, talvez, mais apurado, mas os resultados são muito semelhantes.

Ah, cerca de terço dos jovens que saem da escola, sai das escolas, sai feita, depois um analfabetismo funcional chega a números impensáveis para um país dito desenvolvido, não sei o que isto é, mas o chamam assim.

Dentro e fora da escola, penso que um dos grandes problemas da leitura e da fruição e da produção do texto é exatamente fazer esta divisão, esta distinção entre o dentro e o fora da escola.

Que aí teríamos que perceber o que é a Escola hoje? o que é estar dentro ou fora da escola?

Hoje discute-se muito o papel do texto na própria aprendizagem da leitura... e do suscitar da escrita, todas as polemicas que por ai estão, são creio eu estéreis, são polêmicas bizantinas de universitário que nada tem haver com a realidade.

O problema do Brasil na questão do analfabetismo e, sobretudo o problema do Brasil nesse fosso enorme daqueles que não leem e aqueles que leem. A leitura alfabetização muito menos e aqueles que já usufruem da internet e tem leitura extremamente sofisticada, o problema surge exatamente com o fato da escola, ser algo fora da realidade algo diferente do fora da escola, e todo aquele aluno, todo aquele jovem e toda aquela criança originária do meio socioeconômico e culturais, logicamente que não encontra na escola a oportunidade de receber aquilo que é mais que saber ler é ler o mundo, porque a escola reproduz o modelo obsoleto a escola não está configurada para sustentar o gosto pela leitura, para sustentar o interesse pela leitura, eu não quero ser injusto com as pessoas eu estou falando uma realidade que é portuguesa também eu penso que a escola padece também do mesmo problema em todo o mundo ela está desajustada. A vontade de ler e todo o modo mesmo como acontece a leitura é um modo mesmo que leva que a criança e o jovem se afaste da vontade de ler se afaste do uso fruto do livro de outra forma de comunicação

Eu não sei se isto responde a pergunta?! Digamos que em Portugal e na Europa o problema é idêntico o analfabetismo funcional é extremo eu costumo dizer que eu conheço professores universitários analfabetos funcionais mais isto não vem ao caso. Olhe para outro mundo e conheça pessoas que nunca fizeram a 4ª série e que são pessoas que sabem ler o mundo que sabem re-interpretar sua vida e tomar sentido duas coisas através da função da leitura ou de leituras que elas são diversas.

O Professor não leitor e o incentivo a leitura

- O modo que o professor ensina é o modo que o professor aprende, modo que o professor aprende é o modo como professor ensina, entra num circulo vicioso, a formação do professor que hoje se faz, é uma formação que não leva ao estímulo da

curiosidade científica e muito menos do bom senso, eu conheço professores, e eu sou professor eu arrumo a culpa de todos os professores, eu conheço professores em Portugal que durante toda a sua vida profissional não leram um livro se quer, isto é uma tragédia mais que um drama é uma tragédia, porque a professor que não ler não consegue transmitir aquilo que não tem, ou seja, os alunos veem no professor, não um agente de reprodução cultural, que nem chega a lê-lo vê no professor alguém que está a fazer um papel que ela precisa para sobreviver, mas que para além do ato pedagógico de ensinar ou tentar transmitir o patrimônio cultural o aluno não capta no professor a essência, que é o amor por saber, o amor por aprender, o amor pela leitura, seja a leitura o que seja o que for, eu penso que o grande problema é mesmo a formação dos professores, é uma formação que não tem só a ver com a formação “strictu-sensu” da formação inicial já se é pobre o professor vê Ler, imensa teoria mas não a teoria e portanto lê porque tem que fazer uma prova, o professor não é estimulado a procurar ao professor é servido uma ciência pronta a consumir este tal do círculo vicioso que eu chamo de reprodução social escolas, quando professor não gosta de ler, quando o professor não ler, reproduz aquilo que é mas que aquilo que quer transmitir. É o drama da escola neste momento é que nem se quer a tradição cultural nestes instante transmite de geração para geração. A escola é uma empresa falida, e no capítulo da empresa falida na linguagem neoliberal, que não aprovo mas no fundo eu posso utilizar. Ler é algo que pressupõem vontade se o professor não transmite uma atitude de procura de vontade de ler, logicamente que o aluno não capta, o professor transmite aquilo que faz do que aquilo que sabe. Mais aquilo que é do que o que faz.

E se não transmite aquilo que é, ou melhor, se ele transmite aquilo que é no fundo através...

Se não transmite a vontade, logicamente que o aluno vai captar aquilo que ele é não aquilo que o professor pretende fazer dele se é que pretende fazer alguma coisa... eu não sei, eu penso que definitivo algo que passa muito despercebido que o modo como se faz a leitura o modo como não apenas a desqualificação das leituras nas escolas essa forma de acesso que é definitiva, se o professor aprendeu a ler do modo, do modo enfim que não é humanizado. Que não é interessante, logicamente que ele vai reproduzir o modo que ele aprendeu quando aluno e a reprodução acontece naturalizadamente.

MINI BIOGRAFIA



Arminda Tereza dos Santos Costa nasceu em 1964, em Santos, Estado de São Paulo. Formada em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Santos/SP. Pós Graduada em Administração com Ênfase em Marketing, atua em sala de aula como professora universitária, há mais de 15 anos e sua trajetória profissional foi sempre em Agências de Propaganda como Executiva de Contas, em vivências locais e estaduais. Coordenadora de marketing no Jornal A Tribuna de Santos por quase 18 anos. Casada com Vlademir Gomes Costa, mãe de um lindo menino de 9 anos, João Victor dos Santos Costa. Ama a natureza e sua conexão espiritual. Atualmente em busca de uma necessidade muito grande de andar por caminhos que respondam: para que veio?

Uma música, “Viver e não ter a vergonha de ser feliz, cantar, e cantar e cantar a *beleza de ser um eterno aprendiz...* Eu sei, eu sei, eu sei que a vida devia ser bem melhor e será, mas isso não impede que eu repita: *É bonita, é bonita e é bonita*”. *Gonzaguinha*